

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Camila Teixeira Saldanha

**INTERAÇÃO NOS FÓRUMS DE DISCUSSÃO:  
UMA ANÁLISE LINGUÍSTICA**

Dissertação submetida ao programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do grau de mestre em educação.

Orientadora: Dra. Dulce Márcia Cruz

Co-orientadora: Dra. Maria José Damiani Costa

Florianópolis  
2011



Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária  
da  
Universidade Federal de Santa Catarina

S162i Saldanha, Camila Teixeira  
Interação nos fóruns de discussão [dissertação] : uma  
análise linguística / Camila Teixeira Saldanha ; orientadora,  
Dulce Márcia Cruz. - Florianópolis, SC, 2011.  
202 p.: tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-  
Graduação em Educação.

Inclui referências

1. Educação. 2. Ensino a distância. 3. Grupos de discussão  
pela Internet. 4. Tecnologia da informação. I. Cruz, Dulce  
Márcia. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa  
de Pós-Graduação em Educação. III. Título.





UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**“INTERAÇÃO NOS FÓRUMS DE DISCUSSÃO: UMA ANÁLISE LINGÜÍSTICA”**

Dissertação submetida ao Colegiado do Curso de Mestrado em Educação do Centro de Ciências da Educação em cumprimento parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação

APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 09/12/2011

Dra. Dulce Márcia Cruz (CED/UFSC-Orientadora)

Dra. Maria José Roslindo Damiani Costa (CCE/UFSC-Co-orientadora)

Dra. Nilcéa Lemos Pelandré (CED/UFSC-Examinadora)

Dra. Raquel Carolina Souza Ferraz D Ely (CCE/UFSC-Examinadora)

Dra. Andrea Cesco (CCE/UFSC-Suplente)

Profa. Célia Regina Vendramini  
Coordenadora do Programa de  
Pós-Graduação em Educação/CED/UFSC  
Portaria nº 988/GR/2010

**CAMILA TEIXEIRA SALDANHA**

FLORIANÓPOLIS/SANTA CATARINA/DEZEMBRO/2011

Aos meus melhores amigos: Aroldo e Ivone

## AGRADECIMENTOS

Aos protetores espirituais pela presença.

Aos meus pais - Aroldo e Ivone - figuras essenciais em minha vida. Obrigada pelo pão, apoio e carinho incondicional durante toda a minha trajetória como ser humano.

À minha orientadora Dulce Márcia Cruz por ter aceitado enfrentar este desafio comigo, pela simpatia e palavras incentivadoras.

À querida co-orientadora Maria José Damiani Costa, pela contribuição acadêmica e por ter acreditado em mim.

Às minhas queridas amigas e companheiras Maria José Laiño e Noemi Teles de Melo pela amizade sincera e verdadeira.

A Marcos Henrique, pelo carinho e paciência dedicada nos dias difíceis.

À Glauce Gomes de Oliveira, pela preciosa ajuda técnica.

À todas as amigas que, com muita paciência e carinho, souberam me dividir com meus livros.

À UFSC, por ter propiciado minha formação acadêmica.

Às funcionárias da PPGE, pela cordialidade e prestatividade.

Meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas, que de alguma maneira contribuíram para a realização deste trabalho, a quem não é possível nomear aqui.

**MUITO OBRIGADA!**



## RESUMO

O uso das Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação tem crescido amplamente sendo inúmeras as formas em que essas ferramentas têm se incorporado nos processos educativos, provocando mudanças em muitas práticas pedagógicas. Com estas transformações, inúmeros são os cursos oferecidos a distância por diferentes universidades brasileiras, realizados através da plataforma *Moodle*, que é um software livre e de fonte aberta. Dentre as diversas ferramentas disponíveis neste espaço virtual, há o fórum de discussão, local que se considera propício para a interação entre todos seus participantes e consiste num programa para a comunicação em tempo não real. Por tratar-se de uma ferramenta com potencial interativo e por ser explorada predominantemente através da linguagem escrita, se espera que seus interlocutores adotem ações que facilitem as relações de interação entre os envolvidos num curso a distância, como por exemplo, o uso de estratégias linguísticas interacionais. Baseada nestes pressupostos, esta pesquisa traz uma abordagem qualitativa com delineamento descritivo das relações de interação ocorridas no fórum com o objetivo de verificar a existência do uso de estratégias linguísticas interacionais utilizadas entre professores, tutores e alunos nos fóruns de discussão da disciplina de Linguística Aplicada I (LAI), oferecida pelo curso de Letras Espanhol - modalidade a Distância da UFSC. Os instrumentos de pesquisa utilizados foram a revisão bibliográfica, a análise textual e interpretativa das postagens realizadas nos fóruns da disciplina de LAI, a redução e a categorização dos dados e, finalmente, a interpretação dos mesmos. Como resultados verificaram-se através das análises realizadas movimentos potencialmente interacionais e colaborativos propiciados pelo uso de estratégias linguísticas, utilizadas pela professora da disciplina, pelos tutores e alunos participantes das discussões via fórum, entre as quais se pode citar o uso de: saudações, elogios, exemplificações, concordância ou discordância de opinião, uso de pronomes em primeira pessoa, entre outras. Percebeu-se também que estes movimentos linguísticos não aconteceram de maneira completamente isolada, pelo contrário, foram encontradas evidências de que estes elementos interacionais parecem atuar articuladamente, podendo facilitar na construção de um ambiente mais interativo. Conclui-se que o uso de estratégias linguísticas, aplicadas às discussões dos fóruns, pode ser um dos caminhos para se alcançar um ambiente mais interativo, evitando que esse espaço se transforme apenas

em um repositório de informações repetidas ou desconexas. A presença de estratégias linguísticas no diálogo entre docentes, discentes e tutores em ambientes virtuais de aprendizagem pareceu facilitar uma organização comunicativa, aproximando os sujeitos e criando efeitos de cumplicidade, de inclusão e comprometimento, fatores que podem contribuir na motivação dos alunos a interagirem com seus pares e a colaborarem nas discussões de maneira mais ativa.

**Palavras-chave:** 1. Educação a distância; 2. Fórum de discussão; 3. Interação.

## RESUMEN

El uso de Tecnologías de la Información y la Comunicación en la Educación ha sido ampliamente cultivado en muchas formas en estas tecnologías se han incorporado en los procesos educativos, provocando muchos cambios en las prácticas de enseñanza. Con estos cambios, muchos son los cursos ofrecidos a distancia por diferentes universidades brasileñas, llevados a cabo a través de la plataforma Moodle, que es un software gratuito y de código abierto. Entre las herramientas disponibles en esta plataforma, hay el foro de discusión, un lugar que se considera propicio para la interacción entre todos los participantes y se trata de una herramienta para la comunicación en tiempo no real. Por ser considerada una herramienta interactiva con el potencial a ser explorado, principalmente a través del lenguaje escrito, se espera que sus interlocutores adopten medidas para facilitar las relaciones de interacción entre los participantes en un curso de aprendizaje a distancia, tales como el uso de estrategias lingüísticas de interacción. Partiendo de estas premisas, esta investigación proporciona un enfoque cualitativo con un esquema descriptivo de las relaciones de interacción que ocurre en el foro de herramientas con el fin de verificar la existencia de la utilización interactiva de las estrategias lingüísticas utilizadas por los profesores, tutores y alumnos en los foros de discusión de la disciplina de Lingüística Aplicada I (LAI), ofrecida por el curso de Letras Espanhol - la modalidad a distancia de la UFSC. Los instrumentos de investigación utilizados fueron el análisis bibliográfico, texto e interpretación de los mensajes en los foros celebrados en la disciplina de la LAI, la reducción y clasificación de datos y, finalmente, la interpretación de los mismos. Como resultado, se verificó a través del análisis realizado movimientos posibles de interacción y colaboración propiciados por el uso del lenguaje, utilizado por el profesor del curso, los tutores y los estudiantes que participan en las discusiones a través del foro, entre los cuales se puede citar el uso de: saludos, elogios, ejemplificaciones, acuerdo o desacuerdo de la opinión, el uso de pronombres en primera persona, entre otros. También se consideró que estos movimientos lingüísticos no se produjeron de manera totalmente aislada, por el contrario, se encontró que la interacción de estos elementos parecen actuar conjuntamente y pueden facilitar la construcción de un entorno más interactivo. Al final, se concluyó que el uso de estrategias lingüísticas aplicadas a los foros de discusión puede ser una de las maneras de lograr un entorno más interactivo, evitando que esta herramienta se convierta de un repositorio de informaciones repetidas o

desconectas. La presencia de las estrategias lingüísticas en el diálogo entre profesores, alumnos y tutores en entornos virtuales de aprendizaje parece facilitar una organización comunicativa, que reúne a las personas y crea efectos de complicidad, de inclusión y compromiso, factores que parecen contribuir a la motivación de los estudiantes a interactuar y colaborar con sus compañeros en las discusiones de forma más activa.

**Palabras-clave:** 1. Educación a distancia; 2. Foro de discusión; 3. Interacción

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1: Cinco gerações de educação a distância - segundo Moore e Kearsley

Figura 2: Acesso ao fórum 5 da disciplina de LAI



## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Recomendações gerais sobre o funcionamento de um fórum

Quadro 2 - Estratégias linguísticas interacionais

Quadro 3 - Funcionamento geral dos fóruns

Quadro 4 - Recomendações gerais dos fóruns encontradas em LAI

Quadro 5 - Estratégias linguísticas interacionais



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AVA - Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)  
AVEA - Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem  
CAGR - Sistemas acadêmicos de graduação  
CAPG – Sistema acadêmico de Pós-Graduação  
CED - Centro de Ciências da Educação  
CMS - *Course Management System*  
DLLE - Departamento de Língua e Literatura Estrangeira  
EaD - Educação a Distância  
LAI - Linguística Aplicada I  
LE - Língua Estrangeira  
LMS - *Learning Management System*  
MEC - Ministério da Educação  
PCC - Prática como Componente Curricular  
PUCPR - Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
TIC - Tecnologias da Informação e Comunicação  
UAB - Universidade Aberta do Brasil  
UFGRS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina  
UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas  
ZDP - Zona de Desenvolvimento Proximal



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>23</b>
1.1 O Problema.....	23
1.2 Justificativa .....	29
1.3 Percursos teórico-metodológicos .....	32
1.4 Estrutura da dissertação.....	34
<b>2 EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - EAD.....</b>	<b>37</b>
2.1 Um breve histórico da EaD .....	37
2.2 Relações de Interação e Colaboração na EaD .....	43
2.3 O fórum de discussão: ferramenta interacional e colaborativa.....	53
<b>3 LINGUAGEM, INTERAÇÃO E DIALOGISMO - O “OUTRO” NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO.....</b>	<b>62</b>
3.1 Vygotsky e Bakhtin: a interação social e dialogismo como elementos na construção do conhecimento .....	62
3.2 O sociointeracionismo de Vygotsky.....	64
3.3 O dialogismo de Bakhtin.....	69
3.4 Interação e linguagem: estratégias linguísticas em busca do diálogo colaborativo.....	77
<b>4 METODOLOGIA DA PESQUISA.....</b>	<b>88</b>
4.1 Caminhos metodológicos .....	88
4.2 O Universo da pesquisa.....	90
4.3 Ambiente Virtual Ensino e Aprendizagem (AVEA) - <i>Moodle</i> .....	95
4.4 Amostra: a disciplina escolhida.....	98
4.5 Coleta dos dados.....	101
4.6 Descrição e Análise de dados.....	102
4.7 Categorias de análise.....	102
4.7.1 Funcionamento geral dos fóruns.....	103
4.7.1.1 Conter mensagem inicial.....	106
4.7.1.2 Respostas à mensagem inicial .....	107
4.7.1.3 Mensagem de acompanhamento .....	108
4.7.1.4 Os responsáveis devem aparecer na função de moderadores .....	110
4.7.1.5 Resumo das mensagens.....	111
4.7.1.6 Definir os papéis dos envolvidos e ter objetivos claros expostos.....	113
4.7.1.7 Exibir as regras de participação no fórum.....	114
4.7.1.8 Critérios de avaliação.....	114

4.7.1.9 Estipular o tempo máximo para postagem.....	115
4.7.1.10 Número mínimo de participações (pelo menos uma participação) .....	116
4.7.2 Sobre o uso de estratégias interacionais .....	116
4.7.2.1 Saudações.....	118
4.7.2.2 Elogios .....	119
4.7.2.3 Perguntas.....	121
4.7.2.4 Resposta às perguntas dos alunos .....	125
4.7.2.5 Concordância ou discordância de opinião .....	126
4.7.2.6 Convites .....	132
4.7.2.7 Verbos no imperativo.....	133
4.7.2.8 Exemplificações.....	134
4.7.2.9 Marcadores de oralidade e informalidade .....	139
4.7.2.10 Uso de pronomes de 1ª pessoa do plural.....	142
4.7.2.11 Uso de pronome de tratamento .....	144
4.7.2.12 Explicações mais comentários .....	148
4.8 Análise dos dados .....	150
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>156</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>160</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>174</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 O Problema

O uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) na Educação tem crescido amplamente e são inúmeras as formas pelas quais essas tecnologias têm se incorporado nos processos educativos e no meio social. Com o aumento de computadores conectados à internet nos últimos tempos, também tem crescido as possibilidades e facilidades proporcionadas pelas TIC no campo educacional, provocando mudanças em muitas de nossas práticas pedagógicas, que além de auxiliarem nas atividades diárias, propõem mudanças também nas práticas sociais.

No campo da educação, segundo Martins (2008), a internet é uma ferramenta largamente utilizada nos programas de Educação a Distância (EaD) como ferramenta auxiliar nas salas de aula e, desta forma, vem ampliando novos espaços de discussão sobre interações sociais e práticas discursivas entre os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem mediados pelo computador. Através desta incorporação e assimilação de novos artefatos tecnológicos, surge o desafio de promover algumas mudanças na educação com o objetivo de não reproduzir antigas propostas educativas baseadas em moldes tradicionais e tecnicistas.

Segundo Gutiérrez (2007) as TIC se transformaram no principal sustento para o desenvolvimento de modalidades educativas como a EaD, além do seu uso já conhecido no ensino presencial. Para o autor, existe uma grande quantidade e variedade de materiais educativos baseados na tecnologia, os Ambientes Virtuais de Ensino e Aprendizagem (AVEA) como o *Moodle*, por exemplo, que oferecem algumas alternativas para facilitar e diversificar a comunicação entre professores, tutores e alunos, entre as quais se pode citar a ferramenta fórum de discussão, foco desta investigação.

De acordo com Martins (2008, p. 358) a partir da década de 70, “em diversos países, tais como Alemanha, Inglaterra, França, Espanha, Canadá, Estados Unidos, Portugal e na América Latina, foram institucionalizadas universidades públicas voltadas exclusivamente para a oferta de cursos a distância”. Segundo a autora, apesar da resistência demonstrada em relação ao ensino a distância, foi a década de 1990 a mais significativa para a educação brasileira, com promulgação da Lei e Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 20/12/1996),

que aprovou a Educação a Distância como uma modalidade para o sistema de ensino brasileiro com o objetivo de ampliar horizontes para a democratização do acesso às universidades brasileiras.

Criado pelo Ministério da Educação, o projeto da Universidade Aberta do Brasil (UAB) tem como objetivo principal articular e integrar “um sistema nacional de educação superior a distância, em caráter experimental, visando sistematizar as ações, programas, projetos, atividades pertencentes às políticas públicas voltadas para a ampliação e interiorização da oferta do ensino superior gratuito e de qualidade no Brasil.”<sup>1</sup>

Segundo Lapa e Coelho (2009) estas ações estão voltadas para a ampliação dos limites físicos das universidades brasileiras de maneira que possam atender ao maior número de pessoas, das mais diferentes às mais longínquas regiões do país, atingindo principalmente o interior dos estados. Para as autoras, há uma intenção de se lançar mão de ações inovadoras que possibilitem uma flexibilidade temporal diferenciada à do ensino presencial para acolher distintas realidades de vida e talvez este seja um dos motivos pelo qual a EaD surge como “resposta adequada e conveniente para atender uma nova necessidade de formação flexível e continuada ao longo da vida (LAPA e COELHO, 2009, p. 1).

Desde 1995 a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) vem ampliando suas ações para todo o Estado de Santa Catarina e para outros estados do Brasil, com seus cursos de graduação, pós-graduação e capacitação oferecidos a distância. De acordo com Tumolo (2006) a UFSC passou, em 2005, a oferecer cursos de graduação a distância de licenciatura em Matemática e Física, com o objetivo explícito de sua atuação no interior do Estado de Santa Catarina, por meio do Projeto de Interiorização da Universidade.

Os cursos oferecidos pela UAB/UFSC se realizam através da plataforma *Moodle*, que é um software livre e de fonte aberta, que pode ser configurado por qualquer pessoa que domine a sua linguagem, podendo ser instalado em qualquer computador sem custos aos usuários. O acesso ao ambiente pode ser feito de qualquer computador conectado à internet através de identificação e senha, fornecidos pela própria universidade. Dentre as diversas ferramentas disponíveis na plataforma *Moodle*, temos o fórum de discussão, local que se considera propício

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://www.uab.mec.gov.br>> Acesso em: 12 mar. 2009.

para a interação e colaboração entre todos seus participantes (Gutiérrez 2007; Linden, Piconez e André, 2007).

Os fóruns são ferramentas utilizadas para a comunicação não simultânea, em tempo não real, ou seja, são ferramentas assíncronas. Segundo Agustí e Ramos (2006) os fóruns podem ser de grande importância dentro dos ambientes virtuais, pois além de servirem para resolver problemas decorrentes da ausência física existente entre professores e alunos, podem facilitar, e muito, na construção do conhecimento por parte de seus participantes, estimulando um ambiente de colaboração e, desta forma, facilitando o processo de aprendizagem. Os autores entendem o fórum como uma ferramenta facilitadora do debate, da leitura e exposição de opiniões, fomentando a comunicação e a aprendizagem colaborativa. Também enumeram alguns resultados positivos decorrentes de suas experiências com o uso dos fóruns, tais como o desenvolvimento do pensamento crítico, a motivação em relação à aprendizagem, a construção ativa e social do conhecimento, o maior trabalho autônomo, a facilidade de discussão grupal, entre outros.

Nesta direção Peters (2001) já apontava que a participação através do diálogo, propiciado por ferramentas como o fórum de discussão, estimula a reflexão sobre os temas discutidos. Quando o aluno troca ideias diferentes com os demais, confrontando sua opinião com os colegas, aprende a assumir sua posição diante de determinado assunto, exercendo o pensamento crítico; uma nova relação é criada com o conteúdo discutido, ou seja, a aprendizagem torna-se mais significativa.

Percebe-se através da literatura que esta ferramenta vem sendo muito discutida na área de educação a distância como facilitadora do diálogo entre professores, tutores e alunos, servindo como ponte para a superação da distância física entre os mesmos. (Agustí e Ramos, 2006; Sartori e Roesler, 2006; Ramal 2003). Entretanto, de acordo com Ramal (2003) a mesma ferramenta que impulsiona a melhor interação entre seus participantes também pode servir como obstáculo, afastando pessoas de suas relações interpessoais e, neste caso mais específico, o professor do aluno e os estudantes entre si, dando espaço à perda da afetividade, necessária em qualquer processo de ensino-aprendizagem. Ainda segundo a autora, para enfrentar este distanciamento é necessário haver um ensino personalizado que busque aproveitar ao máximo as potencialidades das tecnologias, de maneira a construir relações mais próximas, que possam mediar a aprendizagem. Esta visão está de acordo

com o que destaca Bakhtin (1997) quando diz que a linguagem deve ser percebida a partir de uma concepção dialógica, ou seja, o sujeito como ser social se constitui à medida que vai ao encontro do outro, por meio do diálogo, o que constitui um elemento básico na construção do seu próprio reconhecimento como sujeito.

Entretanto, confrontando as possibilidades pedagógicas com a literatura existente sobre a utilização da ferramenta fórum, somada à observação da prática no trabalho de tutoria no curso de Letras e Literaturas Espanholas - modalidade a distância da UFSC nas disciplinas de Introdução aos estudos da Tradução (2008/1), Estudos da Tradução I (2008/2) e Estudos Linguísticos I (2009/1) e Didática (2010.1) pode-se perceber que os fóruns de discussão foram pouco utilizados como uma ferramenta facilitadora de interação e relações de colaboração entre professor, aluno e tutor, dando a impressão de perda ou não uso de seu potencial.

Pôde-se observar que nos fóruns propostos havia poucas intervenções por parte dos professores responsáveis pelas disciplinas e seus respectivos tutores dentro das discussões propostas por eles mesmos. Este fato pode ser verificado através da leitura destes fóruns, quando se percebe que tutores ou professores, quando aparecem, contam com uma participação mínima, entre três ou quatro intervenções, dando a impressão de que os fóruns eram pouco frequentados por todos os envolvidos. Outra observação está relacionada com a maneira como os alunos postavam suas mensagens: como se fosse uma atividade apenas para “marcar presença”, sem haver uma preocupação prévia em ler o que já estava sendo debatido para depois postar suas reflexões. Percebe-se que é muito comum que os alunos tenham como prática apenas responder à pergunta inicial que era lançada pelo professor ou tutor da disciplina, sem conversarem entre si.

Acredita-se que pelo desconhecimento de sua verdadeira importância como ferramenta que potencializa o diálogo entre seus participantes, os fóruns muitas vezes não passaram de meros ‘adornos’ dentro do ambiente virtual ou até mesmo como ‘depósitos de informações’, não sendo usados de maneira a estimular a interação em busca de um ambiente colaborativo. Santos (2008) em sua dissertação de mestrado reúne alguns trabalhos realizados sobre aprendizagem colaborativa, dando um panorama geral de algumas pesquisas realizadas com enfoque na colaboração. Entre elas, a autora cita

trabalhos realizados nas áreas de engenharia elétrica, na engenharia civil, na área da saúde e linguística, em que todas as pesquisas argumentam que é possível a realização de atividades que levem em consideração a colaboração, visando propostas de trabalho mais simples, até propostas mais estruturadas. Estas atividades vão desde o uso de fóruns, chats, a construção de wikis (produção colaborativa de tarefas), o compartilhamento de notícias, curiosidades, imagens, vídeos e tarefas.

Na área de linguística, há como exemplo o livro organizado por Francisco José Quaresma de Figueiredo (2006) “A Aprendizagem Colaborativa de Línguas”, que reúne trabalhos realizados no Brasil, de outros professores e antigos e atuais orientandos do autor nos quais a interação e a colaboração, como formas de favorecer a aprendizagem de línguas, são enfocadas tanto na sala de aula quanto no meio virtual. Contudo, ainda que existam alguns estudos sobre este processo de colaboração na educação a distância, há indícios através da observação destes estudos que existem algumas lacunas na utilização de ferramentas, em especial a utilização dos fóruns, que possam respaldar através de pesquisas mais aprofundadas o aspecto interativo e colaborativo da EaD.

Ao compreender que o professor e tutores, ao se constituírem como sujeitos em um ambiente virtual de aprendizagem, podem estabelecer uma relação de colaboração que facilite e propicie o envolvimento dos alunos, se faz importante ressaltar que, segundo Vygotsky (1998a), o conhecimento é produto das interações sociais e que os indivíduos são concebidos como seres sociais e o conhecimento como produto social, relacionando desta forma a importância da relação e da interação com outras pessoas como desencadeadora dos processos de aprendizagem e do desenvolvimento humano.

Entende-se desta maneira, que, em uma aprendizagem colaborativa, a construção do conhecimento se dá através dessas conexões interativas e, conseqüentemente, esta troca de saberes auxilia no enriquecimento do processo de ensino e da aprendizagem. Segundo Campos (2008), a interação em sala de aula, seja ela virtual ou presencial, representa um elemento chave no processo de ensino-aprendizagem e, assim, ele ressalta a importância da linguagem na construção do conhecimento. A autora afirma que é por meio da linguagem escrita que os professores de um curso a distância podem criar estratégias linguísticas interacionais para manter envolvidos e motivados seus alunos. Por isso ressalta a importância de se levar em

consideração o uso da linguagem de maneira estratégica, com o objetivo de propiciar o envolvimento e motivação dos participantes. Para Silva (2002, p. 177) “a sala de aula é um local onde professores e alunos, mediados pela linguagem, constroem ativamente o sentido do mundo. Nela, o individual e o social estão em contínua articulação, e os sujeitos, em constante processo de negociação”.

Por entender que os fóruns de discussão representam um instrumento facilitador de interação entre os sujeitos participantes dentro de um ambiente virtual, que permite uma melhora nas condições de aprendizagem, acredita-se numa proposta de integração que pode ser reforçada por meio de um ambiente colaborativo de aprendizagem, num espaço de convivência mútua que promova e sustente a construção do conhecimento, que permita a inserção de informações por parte dos membros participantes de um fórum de discussão, visando a construção do conhecimento de maneira coletiva através do uso das estratégias linguísticas que permitam uma maior interação entre os participantes de um fórum de discussão. Koch (2011, p. 36) define estratégias linguísticas interacionais como “estratégias socioculturalmente determinadas que visam a estabelecer, manter e levar a bom termo uma interação verbal”.

Dentre estas estratégias, a autora supramencionada algumas como: a preservação das faces, que se manifestam linguisticamente através de eufemismos, rodeios, mudança de tópico e dos marcadores atenuantes de modo geral (que visam atenuar a atitude do falante); as estratégias de polidez, que são socialmente estabelecidas e determinadas geralmente com base nos papéis sociais que os interlocutores representam, com o intuito de preservar a própria face ou a do interlocutor, buscando o uso de mensagens que sejam uma mistura de atenção, respeito, consideração e solidariedade, de forma a construir um ambiente amigável, entre outras. A autora resume as estratégias interacionais como mecanismos que “visam a levar a bom termo um jogo de linguagem” (p. 37).

De acordo com Barros e Crescitelli (2008) é importante dar atenção a estes estudos em que as relações humanas se dão através da linguagem escrita e há a ausência de elementos paralinguísticos e prosódicos, como um olhar, um gesto, uma entonação de voz mais amigável, etc. A falta destes elementos pode dar espaço para más interpretações. Segundo as autoras, é importante proporcionar ao aluno

um ambiente agradável onde este possa se sentir mais confortável para manifestar-se, mesmo diante das dificuldades inerentes à situação de ensino a distância.

Por conta destes pressupostos nessa dissertação se pretende saber quais estratégias linguísticas são utilizadas na ferramenta fórum no curso de Letras Espanhol – Modalidade a distância - que estejam contribuindo de forma a facilitar a interação entre seus participantes com vistas a um ambiente colaborativo. Assim sendo, o objetivo geral desta pesquisa é o de verificar a existência do uso de estratégias linguísticas interacionais entre professores, tutores e alunos nos fóruns de discussão da disciplina de Linguística Aplicada I (LAI) - Modalidade a Distância – UFSC. Os objetivos específicos que levam ao alcance do objetivo geral foram então estabelecidos da seguinte maneira:

- Observar as discussões dos fóruns da disciplina de LAI.
- Identificar e analisar a presença de estratégias linguísticas presentes nestes fóruns.
- Evidenciar o uso de estratégias linguísticas presentes nos fóruns que evidenciem relações de interação entre os envolvidos.

Diante do exposto, esta pesquisa está voltada para os registros que fazem parte do processo comunicativo presente nos fóruns da disciplina de LAI do Curso de Licenciatura em Espanhol – modalidade a distância, buscando nestes fóruns elementos linguísticos interacionais que permitam verificar a construção de um processo de aprendizagem alicerçada na interação e colaboração.

## **1.2 Justificativa**

Segundo o Projeto pedagógico do Curso de Licenciatura em Espanhol – Modalidade a distância (2006) da UFSC, uma das finalidades do Curso de Licenciatura em Letras – modalidade a distância, é a formação de professores a distância sustentada pela tríade: interação, cooperação<sup>2</sup> e autonomia, princípios que precisam de espaços

---

<sup>2</sup> Os termos "cooperação" e "colaboração" muitas vezes são usados como sinônimos, enquanto outros estudiosos usam esses termos distintamente de acordo com o grau de divisão do trabalho. Segundo Lins (2005) trabalhar em colaboração significa atuar em conjunto com uma ou mais pessoas e trabalhar cooperativamente significa agir simultaneamente. O autor entende que o significado de cooperação vai além do conceito de colaboração, porém ele admite que possam ser usados como sinônimos, pois ambos os conceitos tem como foco principal a intenção clara de contribuir, com o objetivo maior de criar algo novo a partir do esforço que é compartilhado entre várias pessoas.

apropriados para se desenvolverem. Vale ressaltar também que um dos principais objetivos do curso é justamente a valorização e a construção do conhecimento através da interação entre aluno-aluno, aluno-tutor, tutor-professor formador e aluno-professor-formador, valorizando a construção do conhecimento de forma colaborativa.

Levando em consideração que na EaD, em seu estágio atual, grande parte dos cursos acontece por meio de textos e outros materiais escritos dentro do AVEA (chats, fóruns, atividades e trabalhos realizados pelos alunos, material impresso, etc.) se acredita que estes devam ser pedagogicamente planejados, visando a uma maior interação entre seus membros participantes. Vygotsky (1998a) considera que o processo de interação entre os indivíduos desempenha forte papel na construção do conhecimento do ser humano, pois é através das relações interpessoais que internalizamos as formas culturalmente estabelecidas de funcionamento psicológico. Para isso, a interação social, seja ela diretamente realizada com outros membros da cultura, seja através dos diversos elementos de ambientes culturalmente estruturados, oferece a matéria prima para o desenvolvimento psicológico do indivíduo, na medida que facilita o compartilhamento de sistemas simbólicos, a internalização de tais sistemas e o desenvolvimento propriamente dito.

Diante das inúmeras discussões que existem a respeito da distância física existente entre professores, tutores e alunos que participam de um curso realizado a distância, se faz necessária a criação de caminhos que facilitem a interação via recursos tecnológicos e que haja uma reflexão sobre as estratégias linguísticas interacionais que facilitem o processo de ensino-aprendizagem dentro da EaD. De acordo com Real, Cortés e Alfaro (2007, p. 3) são muitas as dificuldades encontradas nas interações via fórum de discussão, entre as quais os autores citam: “a falta de habilidades de redação de tutores e estudantes, a dificuldade no intercâmbio comunicativo, a dificuldade de atingir o objetivo da discussão, a dificuldade de retroalimentação, dificuldade de recapitulação diante do que é exposto pelos alunos, entre outras”. Desta maneira, julgo serem pertinentes estudos aprofundados que colaborem para soluções de problemas e dificuldades de interação que ainda possam existir nesta união entre EaD a formação dos professores.

Os estudos existentes relacionados ao uso desta ferramenta parecem privilegiar muito mais aspectos teóricos e técnicos, tais como: a estrutura dos fóruns, o que devem conter, quais são suas vantagens e

desvantagens, etc., deixando de investigar o que acontece no decorrer dos cursos a distância, no desenvolvimento de suas atividades (GUTIÉRREZ, 2007; CARDOSO e PIMENTA, 2010; KRATOCHWILL e SAMPAIO 2006) Entre o início de um curso até suas fases finais de avaliação, existem caminhos a serem percorridos, onde as interações de fato devem se concretizar e a comunicação entre seus participantes deve ocorrer efetivamente. Apesar dos aspectos tecnológicos serem importantes e não poderem ser deixados de lado, os estudos que somente se dedicam a estes aspectos, acabam por não enfatizar a riqueza existente nas relações pessoais entre os integrantes de um ambiente virtual, sendo que o uso das tecnologias da informação e da comunicação não garantem por si só as transformações significativas.

Com a crescente oferta<sup>3</sup> de cursos de graduação em licenciaturas na modalidade a distância, é preciso voltar o olhar investigativo aos integrantes destes cursos, de modo que estas pesquisas possam auxiliar de alguma maneira à construção de propostas que defendam a melhoria da qualidade da educação em nosso país e não apenas mascaradas respostas quantitativas de formação de futuros professores formados em diferentes áreas do saber para atender à demanda das escolas públicas.

A modalidade a distância em cursos superiores ainda pode crescer muito em nosso país segundo as próprias previsões da UAB e é muito interessante que estes futuros profissionais tenham acesso a uma formação baseada numa aprendizagem colaborativa, pois serão oferecidos a eles subsídios para se adaptarem a essa nova cultura de trabalhar de maneira coletiva, com inclusão das TIC, permitindo que a aprendizagem, dentro desta proposta, passe de uma perspectiva meramente individual para uma mais ampla, para uma aprendizagem em grupo, proporcionando um ambiente de aceitação e de respeito mútuo entre todos os envolvidos neste processo educativo.

Saber posicionar-se exige um exercício de abertura e oportunidade para estar em comunhão com os outros, pois segundo Freire (1996, p. 136) “o sujeito que se abre para o mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica (...)”. Para tanto, necessita-se

---

<sup>3</sup> Até 2010, o Sistema UAB previu o estabelecimento de mil polos estrategicamente distribuídos no território nacional. Até 2013, o sistema ampliará sua rede de cooperação para alcançar a totalidade das Instituições públicas de ensino superior brasileiras e atender a 800 mil alunos/ano. Para saber mais <http://www.uab.capes.gov.br/index.php>.

da criação de espaços que disponibilizem iguais condições a todos para se posicionarem, argumentarem, refletirem, potencializando as já existentes possibilidades de formação do ensino presencial. Os autores Brito (2004) e Sánchez (2005) apontam que os fóruns favorecem a aprendizagem colaborativa, propiciam a comunicação, o diálogo, a interação, o intercâmbio de ideias com vistas a um debate reflexivo, enriquecendo assim o conhecimento dos participantes a partir das diferentes contribuições de todos, desenvolvendo o espírito de participação entre os envolvidos.

Por fim, a relevância deste trabalho e a realização desta pesquisa se justificam porque além dos aspectos técnicos que envolvem o uso de ferramentas virtuais, há a necessidade de investigar o modo como ocorrem as interações entre os componentes envolvidos num curso a distância.

Além disso, esta pesquisa poderá servir de base para futuras investigações que tem como objetivo se aprofundar nestas questões e apoiar profissionais da área de comunicação, tecnologia e educação que pretendem dar continuidade a análises do comportamento de professores, alunos e tutores de cursos online no que diz respeito a sua interação em fóruns de discussão a distância, de maneira a se valorizar os processos educacionais mediados pelo computador que se preocupam em facilitar o diálogo e a colaboração dentro do AVEA.

### **1.3 Percursos teórico-metodológicos**

Esta investigação caracteriza-se qualitativa com delineamento descritivo dos procedimentos, haja vista que, de acordo com Bodgan e Biklen (1994) seus dados foram recolhidos em forma de palavras e não de números, sem a preocupação de fazer uso de regras estatísticas. Trabalhou-se com descrições e interpretações através da análise das relações de interação em fóruns da disciplina de Linguística Aplicada I (LAI) oferecida no curso de Letras Espanhol – modalidade a distância da UFSC. Por essa razão, trata-se de um estudo de caso, em que se busca “aprender a totalidade de uma situação e, criativamente, descrever, compreender e interpretar a complexidade de um caso concreto, mediante um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado” (MARTINS 2008, p. 11).

Com base nas leituras realizadas para a elaboração desta pesquisa, adotaram-se os seguintes procedimentos metodológicos:

levantamento de bibliografia que tratasse a EaD em um contexto mais amplo, apresentando algumas ideias básicas sobre esta modalidade; levantamento de bibliografia que apontasse a linguagem como forma de interação, como o fio condutor em direção às interações humanas (KOCH, 1992, 2011), como um caminho em direção ao “outro”, da interação entre sujeitos socialmente construídos (VYGOTSKY (1998a, 1998b) bem como a função da linguagem como forma de comunicação e de espaço em que discurso de cada indivíduo se constrói e se (re) constrói a partir de situações significativas com os enunciados individuais alheios (BAKHTIN 1997, 2006); levantamento de bibliografia que reportasse às interações escritas a fim de fundamentar a possibilidade de investigar o uso de estratégias linguísticas, que possibilitasse o entendimento de como se dá este processo de interação via fórum de discussão (KOCH 1992, 2011; VAN DIJK 1977, 2000; CAMPOS 2004, 2008; ANDRADE, 2008; BARROS, 2004 E VIEIRA 2009). Esses autores ressaltam a importância de marcas linguísticas no discurso dos participantes de um fórum por se tratarem de elementos facilitadores de um discurso mais envolvente entre os participantes das discussões, facilitando uma aprendizagem interativa e colaborativa.

Após a observação das disciplinas oferecidas pelo curso de Letras Espanhol a distância da UFSC, foi eleita como amostra a disciplina Linguística Aplicada I. A escolha desta disciplina se deu por tratar-se de um espaço que apresentou temas que costumam ser bastante polêmicos no campo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, tais como: crenças, teorias de aprendizagem, interação e aprendizagem, métodos e meios de ensino, entre outros. Também se pôde observar um número expressivo de postagens destes fóruns, comparado-os com os de outras disciplinas, o que se considerou, diante de uma pré visualização das postagens, a possibilidade de haver uma quantidade significativa de material a ser analisado.

Os fóruns da disciplina de LAI foram analisados a partir de dois critérios de avaliação. O primeiro diz respeito ao funcionamento geral dos fóruns, através de algumas características básicas que devem conter esta ferramenta para apresentar-se como uma ferramenta interativa, segundo o olhar de estudiosos como Moore e Kearsley, 2007; Gutiérrez, 2003; Pérez et.al, 2004.

Num segundo momento elaborou-se uma tabela que sintetiza o uso de algumas estratégias linguísticas sugeridas por estudiosos aqui apresentados no capítulo 2, como Barros e Criscitelli (2008), Andrade

(2008), Campos (2008) e Vieira (2009). Tais estudiosos se preocupam com o uso de estratégias visando a construção de um ambiente interativo, procurando evidenciar que, por meio da linguagem escrita, é possível propiciar um maior envolvimento entre os participantes das discussões através da ferramenta fórum. Ambos destacam a relevância do uso da linguagem verbal na EaD e acreditam que a troca comunicativa realizada entre professores, tutores e alunos pode acontecer de maneira ativa, tornando-se um ambiente propício para a aprendizagem através do uso de estratégias tais como: o uso de declarações, explicações, exemplificações, perguntas, solicitações, recomendações, convites, suposições, entre outros.

Tanto o funcionamento dos fóruns como as estratégias linguísticas foram levantadas, descritas e analisadas utilizando como referencial os teóricos apresentados na dissertação.

#### **1.4 Estrutura da dissertação**

Este trabalho está organizado em uma introdução que contextualiza a problemática da pesquisa, apresenta seus objetivos, bem como as razões que justificam a investigação.

No segundo capítulo, Educação a distância (EaD), são apresentados alguns conceitos básicos sobre a EaD, traça-se um breve histórico sobre a evolução desta modalidade, ilustra-se algumas considerações acerca das relações de interação e colaboração na EaD e, posteriormente, apresenta-se considerações acerca do ambiente virtual - a plataforma *Moodle* e algumas considerações relevantes sobre a ferramenta fórum de discussão.

O capítulo 3 - Linguagem, interação e dialogismo - o “outro” na construção do conhecimento, está constituído pelos preceitos de Vygotsky (1991; 1998), que mostra um caminho em direção ao “outro” através da linguagem, da interação mediada entre os sujeitos socialmente construídos; dos preceitos de Bakhtin (1997; 2006) e seus pressupostos de que a função da linguagem não é apenas de exteriorizar pensamentos, mas sim, a de comunicar, mostrando-se como um espaço em que o discurso de cada indivíduo se constrói a partir de situações significativas em relação aos enunciados individuais alheios. Por fim, apresenta-se algumas considerações acerca das estratégias linguísticas interacionais que, teoricamente, sustentam possibilidades de influência mútua em textos escritos, através dos preceitos de Koch (1992, 2011),

Van Dijk (1977, 2000), Campos (2004, 2008), Andrade (2008), Barros (2002). Estes autores ressaltam a importância destas marcas no discurso dos participantes de um fórum (tais como: o uso de declarações, explicações, exemplificações, perguntas, solicitações, recomendações, convites, suposições, entre outros) por se tratarem de elementos facilitadores de um discurso mais envolvente, facilitando uma aprendizagem colaborativa

No capítulo 4 – descrevem-se os procedimentos metodológicos da pesquisa e as categorias de análise, bem como os procedimentos de coleta de dados e os procedimentos de análise dos mesmos.

Por fim, são tecidas as considerações finais a partir da revisão dos objetivos, limitações do trabalho e possíveis sugestões para futuras pesquisas.



## 2 EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - EAD

Este capítulo tem como objetivo apresentar alguns conceitos básicos sobre o que se entende por educação a distância. Desta forma, traça-se um breve histórico sobre a evolução desta modalidade, definições tecidas ao longo da história, bem como são ilustradas algumas exposições acerca das relações de interação e colaboração na EaD. Por fim, apresentam-se considerações acerca do ambiente virtual - a plataforma *Moodle* e algumas definições sobre a ferramenta fórum de discussão.

### 2.1 Um breve histórico da EaD

A EaD é uma modalidade que vem sofrendo modificações ao longo dos anos conforme vão surgindo novas ferramentas tecnológicas de apoio e segundo as necessidade de seus usuários. Niskier (2000) afirma que a EaD não é uma inovação e que, desde o século XIX, nos Estados Unidos, por exemplo, mesmo sem acesso a toda tecnologia hoje existente, a modalidade a distância já fazia parte de determinados sistemas de ensino.

De acordo com Moore e Kearsley (2007), a EaD evoluiu ao passo de cinco gerações, que são caracterizam pelo uso das principais tecnologias de comunicação aplicadas em cada uma delas, assim ilustradas:

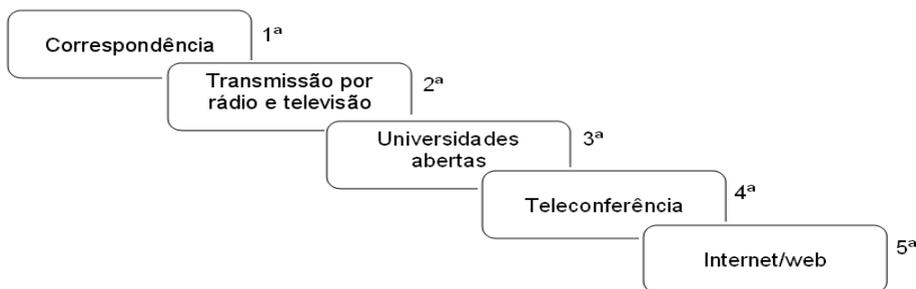


Figura 1: Cinco gerações de educação a distância, segundo Moore e Kearsley (2008, p. 26).

Tomando como base os autores supracitados, pode-se resumir a evolução destas cinco gerações da seguinte maneira:

1- a primeira geração de estudo por correspondência proporcionou o fundamento para a educação individualizada a distância. Teve início no começo da década de 1880, quando o reitor da Universidade de Chicago ofereceu um curso de hebraico por correspondência. Belloni (2001) afirma que nesta geração as relações de interação entre os envolvidos (professores e alunos) eram muito lentas. Além disso, eram esparsas e limitavam-se aos períodos em que os estudantes se submetiam aos exames previstos, o que exigiu maior autonomia por parte dos alunos para organizar seu tempo e espaço de estudos (Vieira, 2009);

2 – a segunda geração de transmissão por rádio (lançada em 1921) e televisão (lançada em 1934) teve pouca ou nenhuma interação de professores com alunos, exceto quando relacionada a um curso por correspondência; porém, agregou a dimensão oral e visual à apresentação de informações aos alunos a distância, integrando ao uso do impresso os meios de comunicação audiovisuais (tv e cassete);

3 – a terceira geração – a das universidades abertas – surgiu de experiências norte-americanas que integravam áudio/vídeo e correspondência com orientação face a face, usando equipes de cursos e um método prático para a criação e veiculação de instrução em uma abordagem sistêmica. De acordo com Franco (2009, p. 37) esta geração “não se destacou pelo uso de um meio de difusão especificamente, mas pela combinação de várias tecnologias de comunicação (como material impresso, transmissão por rádio e televisão, fitas cassetes de áudio, conferências por telefone, kits para experiência em casa e recursos de uma biblioteca local)”. Esta estratégia estava ligada à preocupação em atender aos diferentes estilos de aprendizagem dos alunos e, desta maneira, aproveitar melhor as potencialidades das mídias mais adequadas as suas necessidades;

4- a quarta geração utilizou a teleconferência por áudio, vídeo e computador, proporcionando a primeira interação em tempo real de alunos com alunos e instrutores a distância. O método era apreciado especialmente para treinamento corporativo;

5- a quinta geração, as classes virtuais online com base na internet, tem resultado em enorme interesse e atividade em escala mundial pela educação a distância, com métodos construtivistas de aprendizado em

colaboração, e na convergência entre texto, áudio e vídeo em uma única plataforma de comunicação.

Segundo Moran (2007) a quinta geração da EaD se diferencia das demais pois a internet parece oportunizar maiores possibilidades de aprendizagem e, conseqüentemente, novas maneiras de interagir. Nas palavras do autor:

A EaD em rede está contribuindo para superar a imagem de individualismo, de que aluno tem que ser um ser solitário, isolado em um mundo de leitura e atividades distantes do mundo e dos outros. A Internet traz a flexibilidade de acesso junto com a possibilidade de interação e participação. Combina o melhor do *offline*, do acesso quando a pessoa quiser com o *online*, a possibilidade de conexão, de estar junto, de orientar, de tirar dúvidas, de trocar resultados. (MORAN, 2007 [online]<sup>4</sup>)

Koelling e Lanzarini (2009) acrescentam que com a utilização dos AVEA pelas instituições de ensino a partir de 1997, os programas dos cursos a distância voltam-se a uma visão mais democrática da educação buscando a promoção da interlocução entre professores, tutores e alunos e uma relação mais horizontal na construção do conhecimento, rompendo com a “hierarquia entre os agentes do processo educativo, pois permite que a emissão de conhecimentos não seja tarefa exclusiva do professor.” (p. 3). Desta maneira, observa-se que ao longo dos últimos anos houve um sucessivo movimento de fortalecimento e desenvolvimento da EaD, tanto no aspecto quantitativo como qualitativo, “haja vista a ampliação do número de países, de instituições, de alunos e de cursos voltados para a EaD, além de novas tecnologias que têm sido incorporadas a essa modalidade de educação” (VIEIRA 2009, p. 11).

Ao longo dos anos, inúmeras foram as definições tecidas para esta modalidade educativa por diversos autores. Belloni (2001, p. 25) ao

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/modelos.htm>> Acesso em 22/05/2011.

publicar o livro *Educação a Distância* ilustra o posicionamento de alguns teóricos ao longo da história, aqui citados em ordem cronológica:

- Moore (1973 apud Belloni, 2001) afirma que a EaD pode ser definida como a família de métodos instrucionais nos quais os comportamentos de ensino são executados em separado dos comportamentos de aprendizagem, incluindo aqueles que, numa situação presencial (contígua), seriam desempenhados na presença do aprendiz, de modo que a comunicação entre professor e o aprendente deva ser facilitada por dispositivos impressos, eletrônicos, mecânicos entre outros;
- Copley e Kahal (1983 apud Belloni, 2001) postulam que educação a distância é uma espécie de ensino baseada em procedimentos que permitem o estabelecimento de processos de instrução e aprendizagem mesmo quando não exista contato face a face entre professores e estudantes, permitindo um alto grau de aprendizagem individualizada;
- Segundo as análises de Malcom Tigh (1988 apud Belloni, 2000), educação a distância refere-se àquelas formas de aprendizagem organizada, baseadas na separação física entre os aprendizes e os que estão envolvidos na organização de sua aprendizagem. Essa separação física pode aplicar-se a todo o processo de estudo, mas apenas em certos estágios ou elementos desse processo.

Como se pode observar muitos são os autores que definem a EaD através dos tempos. Atualmente Moran (2007, p. 1) define a educação a distância como “o processo de ensino-aprendizagem, mediado por tecnologias, onde professores e alunos estão separados espacial e/ou temporalmente”. Moore e Kearsley (2007, p. 2) definem a modalidade como: “aprendizado planejado que ocorre normalmente em um lugar diferente do local do ensino, exigindo técnicas especiais de criação do curso e de instrução, comunicação por meio de várias tecnologias e disposições organizacionais e administrativas especiais”. Utilizando a definição dada por Aretio (1994), podemos dizer que a EaD é um sistema tecnológico de comunicação bidirecional que substitui a interação pessoal em sala de aula através da ação combinada e sistemática de alguns recursos de apoio e de atenção tutorial, que possam propiciar uma aprendizagem mais independente e flexível aos estudantes.

De acordo com o decreto do Ministério da Educação (MEC) nº 2.494/98<sup>5</sup> a educação a distância é definida como “uma forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação”.

Através destas definições, pode-se dizer que a ideia básica sobre EaD é definida como uma modalidade educacional em que alunos e professores estão durante grande parte do tempo em locais diferentes, fazendo uso de algum tipo de tecnologia para intercambiar informações e que lhes permite um ambiente próprio para a interação. Por essa razão, a EaD é uma modalidade que exige muito planejamento e a utilização de recursos diferenciados daqueles que os professores estão acostumados a usar em sala de aula. Essa é uma modalidade educacional que, de modo geral, requer os mesmos elementos fundamentais da modalidade presencial, como por exemplo: projeto pedagógico, organização curricular, definição de metodologia, recursos e materiais didáticos etc., porém a interação entre professores e alunos é um requisito básico para que haja uma manutenção do interesse por parte dos estudantes, para que eles não se sintam abandonados devidos aos possíveis 'abismos' que se possam formar entre professores, tutores e alunos que participam de um curso a distância.

Se fizermos uma breve retrospectiva das interações humanas ao longo da história, vamos perceber que durante muito tempo elas foram feitas unicamente face a face, onde as pessoas compartilhavam o mesmo ambiente físico, restringindo suas ações a lugares vizinhos de uma determinada localidade. Posteriormente, das cartas antigamente postadas via correio tradicional, passamos a mandar mensagens via correio eletrônico. Dos diários da adolescência, que eram guardados com todo segredo, passamos aos coloridos e dinâmicos *blogs*, disponíveis a todos aqueles que estão conectados via internet.

Com esta rápida evolução dos meios de comunicação, os indivíduos agora podem interagir entre si de outras maneiras, ainda que não compartilhem do mesmo ambiente espaço-temporal, estando dispersos no espaço e no tempo, respondendo a ações que acontecem em distantes e diferentes ambientes e até mesmo em localidades muito remotas. Segundo Thompson (1998, p. 77) “o uso dos meios de

---

<sup>5</sup> Diário Oficial da União, decreto nº 2.494, de 10 de fevereiro de 1998.

comunicação proporciona assim novas formas de interação que se estendem no espaço (e talvez também no tempo), e que oferecem um leque de características que as diferenciam das interações face a face”.

Ainda que sejam muitas as facilidades proporcionadas pelas novas tecnologias, Scavazza (2010, p. 65) aponta que devemos estar atentos à mediação entre professor e aluno em ambientes educacionais, uma vez que essa “apresenta-se de forma indireta, o que acarreta uma maior dependência das tecnologias de informática e comunicação (TIC) do que a educação tradicional (presencial)”.

Diante dessa maior dependência, deve-se ter em mente que não é o uso dessas tecnologias que irá garantir uma mudança substancial na educação, mas sim, a forma como faremos uso desses artefatos todos, a forma como são empregadas na mediação entre os envolvidos. Desse modo, esta “nova” maneira de se fazer EaD está entrelaçada a diferentes perspectivas para essa modalidade, surgindo novas possibilidades de reflexão sobre o ensino e aprendizagem a distância, rompendo a tradicional visão fragmentada do conhecimento e a visão de muitos que a EaD estaria predestinada ao insucesso por não permitir práticas sociais relevantes e por subtrair presencialmente a ação de seus atores, não possibilitando as interações face a face. Contrariando essa visão generalizada, Valente (2003) afirma que esta é a modalidade “estar junto virtual”, em que é possível o processo de interação que viabilize intercâmbios, questionamentos e vivência necessários, facilitando o processo de construção de conhecimento. Segundo o autor para este “estar junto virtual” acontecer é necessário que se considere:

A implantação de situações que permitem a construção de conhecimento envolve o acompanhamento e assessoramento constante do aprendiz no sentido de poder entender quem ele é e o que faz, para ser capaz de propor desafios e auxiliá-lo a atribuir significado ao que está realizando. Só assim ele consegue processar as informações, aplicando-as, transformando-as, buscando novas informações e, assim, construir novos conhecimentos (2003, p. 141).

Segundo Clementino (2007. p. 2), com a crescente oferta de cursos a distância e o aumento dos ambientes virtuais de aprendizagem

têm aumentado as possibilidades e o desenvolvimento de cursos com maior interação entre professores, tutores e alunos, em que todos os participantes podem ter voz ativa. Ainda referindo-se aos cursos a distância, a autora afirma que “a ênfase de tais cursos está nas possibilidades de interação entre todos. Orientam-se pelos princípios teóricos que preconizam a relação direta entre interação e aprendizagem, ou seja, quanto maior a interação e a troca de informações entre os alunos, maior será a capacidade de aprendizagem de todos”.

Para encerrar nossas considerações sobre este breve histórico da EaD, podemos observar que, embora a evolução desta modalidade tenha passado por cinco gerações, os recursos de uma não substituem os utilizados nas anteriores; muito pelo contrário, esses recursos se complementam e ajudam a afinar este processo de ensino e aprendizagem a distância. Também se deve levar em consideração que as tecnologias, por mais inovadoras que possam ser sozinhas não podem fazer nada, se não estiverem abraçadas a um elemento central no processo de educação, que são a colaboração e interação, aproximando-se dos preceitos de Vygotsky e Bakhtin e afastando-se dos modelos tradicionais de fazer educação e indo ao encontro de uma prática que vai muito além do simples “aprender e ensinar”, tornando todos mais próximos de uma prática mais preocupada com o papel do interlocutor em uma concepção dialógica da linguagem.<sup>6</sup>

## **2.2 Relações de Interação e Colaboração na EaD**

Nas pesquisas em EaD revelam-se que um dos elementos mais importantes da aprendizagem colaborativa está relacionado à interação e a troca entre alunos, professores e tutores, com o objetivo maior de promover a construção do conhecimento de maneira colaborativa (NITZKE, CARNEIRO; GELLER, 1999; TORRES, ALCÂNTARA E ILARA 2004).

De acordo com Franco (2009, p. 40):

O termo interação tem sua origem na Física e se refere a qualquer processo em que o estado de uma partícula sofre alteração por efeito da ação de

---

<sup>6</sup> Essas e outras questões serão abordadas no próximo capítulo.

outra partícula ou de um campo. Foi somente no início do século XX que filósofos interacionistas adotaram o termo para designar a influência recíproca das ações e relações entre os membros de um grupo.

Apesar do conceito de interação em ambientes virtuais ser muito discutido na literatura especializada no assunto, devemos aqui ressaltar que há alguns autores que fazem o uso do termo interatividade como sinônimo de interação. Belloni (1999) argumenta que os dois conceitos devem ser diferenciados. Para a autora, interatividade é uma característica técnica e está relacionada diretamente com a interação entre usuário e máquina. Já a comunicação mútua é a ação entre dois ou mais usuários, em que ocorre a intersubjetividade, ou seja, encontro de dois sujeitos:

É fundamental esclarecer com precisão a diferença entre o conceito sociológico de interação – ação recíproca entre dois ou mais atores onde ocorre intersubjetividade, isto é, encontro de dois sujeitos – que pode ser direta ou indireta (mediatizada por algum veículo técnico de comunicação); e a interatividade, termo que vem sendo usado indistintamente com dois significados diferentes, em geral confundidos: de um lado, a potencialidade técnica oferecida por determinado meio (CDs de consulta, hipertextos em geral, ou jogos informatizados); e, de outro, a atividade humana, do usuário, de agir sobre a máquina e de receber em troca uma “retroação” da máquina sobre ele (BELLONI, 1999, p. 58).

Entende-se que, na EaD, ambos os conceitos não devem ser tratados como sinônimos e devem ser levados em consideração na elaboração de um curso a distância, pois não podemos deixar de considerar que as TIC oferecem oportunidades de os envolvidos interagirem entre si ou com os materiais disponibilizados no AVEA ou na internet. Segundo Campos (2004) a interatividade pode fornecer ao aluno maiores possibilidades em atividades de revisão, que recuperaram

conteúdos já estudados, podendo torná-los mais atrativos, por meio de jogos interativos, por exemplo. Já por sua vez, a interação pode contribuir de modo a auxiliar de maneira mais relevante através do estreitamento das relações pessoais entre professores, alunos e tutores, promovendo um estudo mais significativo e agradável. Nas palavras de Belloni (1999, p. 59) as TIC:

Oferecem possibilidades inéditas de interação mediada (professor/aluno; estudante/estudante) e de interatividade com materiais de boa qualidade e grande variedade. As técnicas de interação mediada criadas pelas redes telemáticas (email, listas de grupos de discussão, *webs*, sites etc.) apresentam grandes vantagens, pois permitem combinar a flexibilidade da interação humana (com relação à fixidez dos programas informáticos, por mais interativos que sejam) com a independência no tempo e no espaço, sem por isso perder velocidade.

Geraldí (1990, p. 36) afirma ser todo ato de interação “uma relação entre um eu e um tu, relação intersubjetiva em que se tematizam representações das realidades factuais ou não”. Outra concepção de interação que vale ressaltar é a de Milanez (1987, p. 244), que afirma ser a interação um “processo de interdependência dos comportamentos linguísticos dos interlocutores em presença. E o resultado da influência exercida pelo quadro da comunicação sobre seus enunciados”. Segundo Barros (2002, p. 180), “há uma ação de um para com o outro, uma ação entre aquele que produz e aquele que recebe e vice-versa”. Fazendo um paralelo entre esses autores, observar-se que a interação acontece entre pelo menos duas pessoas que estejam predispostas a este acontecimento, revezando seus papéis de ouvinte e falante.

Barros e Crescitelli (2008) afirmam que a modalidade a distância, juntamente com a interação mediada por meios tecnológicos recebem, em geral, uma abordagem mais técnica que a modalidade presencial, pois esta não depende tanto de aparatos tecnológicos. Dessa maneira, pode-se dizer que a interação acontece de forma “indireta”, uma vez que depende da mediação<sup>7</sup> das TIC. Não podemos confiar que

---

<sup>7</sup> Este termo será melhor abordado no capítulo seguinte.

somente a utilização das TIC por si só garanta a solução de todos os possíveis problemas provenientes de todo o sistema de ensino. Softwares e hardwares precisam ser entendidos como condutores para a elaboração de ambientes que facilitem o “encontro” entre seus membros, possibilitando a colaboração na aprendizagem de sujeitos que possuem objetivos comuns.

Ainda que sejam muitas as vantagens e as possibilidades proporcionadas pelas TIC na educação a distância, deve-se lembrar que, de acordo com Palloff e Pratt (2004, p. 47), “a simples participação não é suficiente para criar e sustentar a comunidade de aprendizagem *on-line*”. Os autores ainda salientam que mesmo o aluno frequentando o ambiente virtual com certa regularidade, isso não contribui de maneira significativa para a discussão e é insuficiente para amparar o desenvolvimento da comunidade de aprendizagem. Eles apresentam algumas sugestões de algumas ações que professores e/ou tutores podem adotar para ampliar a interação e incentivar a participação dos envolvidos, tais como (PALLOFF e PRATT, 2004, p. 48):

Dar exemplo de uma boa participação, conectando-se com frequência e dando contribuições para a discussão em andamento. Os alunos costumam seguir o exemplo do professor se este lhes mostrar o caminho; saber direcionar a discussão, caso tome rumos equivocados ou até mesmo se a conversar “minguar”. Os professores precisam determinar limites para aqueles alunos que monopolizam as discussões ou “aparecem” demais para não aniquilar com a participação dos demais; prestar atenção nos indivíduos que fazem parte do grupo e estar disposto a convidar aqueles alunos “desaparecidos” a voltarem a participar ou a voltar a participar, conforme for a situação.

Moore e Kearsley (2007) destacam três tipos de interação que devem ser levados em conta na EaD: a (i) interação aluno - conteúdo, (ii) interação aluno-professor/tutor<sup>8</sup> e (iii) interação aluno-aluno. O

---

<sup>8</sup> Os autores se referem ao termo “aluno-instrutor”, mas aqui usaremos o termo “interação aluno-professor/tutor” por entender que estes são os agentes moderadores responsáveis pelas

primeiro deles é de grande importância no âmbito educacional, já que a partir daí é que resultarão certas mudanças na forma de compreender o aluno, naquilo que os autores citam como “mudança de perspectivas”. Assim sendo, o material preparado para o aluno deve ser pensando de tal maneira que este possa interagir com o conteúdo que lhe é apresentado, podendo desta maneira refletir acerca do tema abordado e fazer inserções pessoais das informações novas em sua estrutura cognitiva previamente armazenada, tornando o aprendizado mais significativo.

O segundo tipo de interação mencionado pelos autores, a interação aluno- professor/tutor, é considerada de grande importância nas relações educacionais, sejam elas presenciais ou a distância. Nesse caso, os mediadores desta relação devem auxiliar os alunos a interajam com o conteúdo, fazendo com que estes se sintam motivados e envolvidos no processo de aprendizagem. Este estímulo pode, segundo autores, ser realizado através do convite aos alunos para que vislumbrem a aplicabilidade para aquilo que estão aprendendo, e eles possam manipular o conteúdo novo, as informações e ideias apresentadas. Segundo os autores, esta relação pode ser essencial no processo educacional, pois é motivadora e estimula a autonomia entre os alunos.

Segundo Holmberg (1995 apud Campos, 2004, p. 18) ainda que a maior característica dos cursos a distância sejam as atividades individuais, deve-se partir da ideia de que a interação é um fator fundamental para que o aluno se desenvolva de maneira positiva; por isso se faz importante a maneira como o aluno é abordado no discurso do professor, seja ele oral ou escrito. O autor advoga que a atmosfera, a linguagem e as convenções de uma conversação amigável favorecem um discurso mais envolvente dentro do AVEA. O autor cita alguns fatores que podem promover uma relação mais afetiva, entre as quais podemos salientar: conselhos e sugestões para os alunos, acompanhamento de justificativas, em que aspecto deve focalizar mais atenção; convites para mudar de ideia, questionar, julgar o que pode ser aceito e o que não deve ser aceito. Estas atitudes se transformam em tentativas de envolver o aluno emocionalmente, de modo que se sinta

---

atividades realizadas dentro do AVEA e também por acreditar que o termo *instrutor* (aquele que instrui) adotado por Moore e Kearsley vai em direção contrária aos preceitos de Freire, ao afirmar que “ensinar não é transferir conhecimento” (FREIRE, 1996, p. 47). A mudança de termo também se dá pelo significado da palavra “instruir”, que é geralmente relacionado à primeira acepção do dicionário: transmitir conhecimento a (FERREIRA, 2010, p. 431).

mais à vontade e se sinta pessoalmente interessado nos assuntos a serem debatidos num fórum de discussão, por exemplo.

Os autores supracitados salientam a importância de os professores e tutores se fazerem presentes no ambiente virtual, seja enviando mensagens, respondendo aos e-mails e dando constantemente *feedbacks* aos trabalhos enviados pelo alunos, dando o exemplo: estimulando os alunos a fazerem o mesmo, propiciando um ambiente mais real.

Segundo Neto (2004) a interação em cursos presenciais possui algumas características específicas que a diferenciam da EaD, tais como: contato face a face entre professor e aluno, envolvendo questões gestuais, comportamentais, sensoriais etc. Para o autor um dos desafios da modalidade a distância é suprir a falta constante de contato presencial entre os envolvidos, fazendo com que as relações interacionais sejam mais intensas. Para o autor isto significa que:

A comunicação mediada pelo computador, para ser considerada interativa, depende da frequência, da forma e da natureza das mensagens postadas. Também é importante que seja avaliada como está sendo administrada a participação dos alunos, através de trabalhos colaborativos. (NETO, 2004, p. 2)

Nas palavras de Wickert (2003, p. 3):

[...] o futuro da EaD não se fundamentará no estudo solitário, em que o indivíduo conte somente com o material educativo para desenvolver a sua aprendizagem. E, sim, em ambientes em que a autonomia na condução do seu processo educativo, conviva com a interação. Esta pode ser conseguida e prevista no planejamento, das mais diferentes formas: entre aluno/professor; aluno/com suas próprias experiências e conhecimentos anteriores; aluno/aluno; aluno/conteúdo; e aluno/meio, utilizando os mais diversos recursos tecnológicos e de comunicação.

As ideias Neto (2004) e Wickert (2003) possibilitam entender que quando trabalham de maneira interativa e colaborativa, os membros de um grupo têm maiores oportunidades de aprimorar seus conhecimentos mais do que se estivessem atuando apenas de maneira individual, já que coletivamente pode ocorrer uma complementação das capacidades de cada um. Pode-se também agregar novos conhecimentos aos já adquiridos e promover um sentimento de solidariedade, aumentando os esforços para que haja uma interação entre pessoas com entendimentos e visões de mundos diferentes, porém complementares, enriquecendo o processo de aprendizagem. Dentro de um universo em que há várias opiniões, os indivíduos podem encontrar possíveis falhas em seus pensamentos, por exemplo, e, juntos, podem buscar negociar informações e referências que venham a auxiliar na compreensão de determinado tema. Segundo Gerosa, Fuks e Lucena (2003, p. 3) “ao argumentar suas ideias com os outros membros, o participante trabalha ativamente seus conceitos, raciocinando sobre os mesmos e refinando-os”.

Dillenboug (1999, apud FIGUEIREDO 2006, p. 12) entende a aprendizagem colaborativa a partir de uma abordagem construtivista, ou seja, como um processo ativo entre indivíduos que “em contextos socioculturais, constroem novas ideias ou conceitos, com base em seus conhecimentos prévios e nos que estão sendo adquiridos”. Para o autor, trata-se de situações educacionais em que duas ou mais pessoas aprendem ou se propõem a aprender algo coletivamente.

Para Torres, Alcântara e Irala (2004), o conceito de aprendizagem colaborativa, ou seja, aprender em conjunto, embora pareça novo no âmbito da educação, tem sido discutido e posto em prática por teóricos e educadores desde muitos anos. Esta abordagem que valoriza o trabalhar em grupo vem sendo usada por professores de diferentes disciplinas com o intuito de preparar seus alunos para um processo de educação que deverá acompanhá-los sempre ao longo de suas formações.

Sendo a colaboração muito importante no processo de aprendizagem em EaD, deve-se considerar que todo esse processo de aprendizagem exige de seus participantes envolvidos uma atitude de mutualidade. Como afirmam Palloff e Pratt, a aprendizagem no ambiente de EaD não pode ser passiva, pois:

Aprender é um processo ativo, do qual tanto o professor quanto o aluno devem participar para que ele tenha sucesso. No processo, cria-se uma rede de aprendizagem. Em outras palavras, forma-se uma rede de interações entre o professor e os outros participantes. “Por meio dela, o processo de aquisição do conhecimento é criado colaborativamente. (PALLOFF e PRATT, 2002, p. 28).

Através de seus registros escritos o indivíduo sai de sua individualidade e se projeta perante seus pares, permitindo a troca de experiências, sem sair do lugar. Segundo Ersching (2007, p. 24):

Os ambientes virtuais de aprendizagem, ao contemplarem a simultaneidade, a fluidez, a transversalidade do saber, a hipertextualidade, possibilitam que o sujeito, como autor e protagonista de uma história escrita também coletivamente, vivencie a aprendizagem por meio do diálogo com o outro e consigo mesmo, da partilha de sentidos e significações, do estabelecimento de links e conexões com outros movimentos e lugares.

O conceito de aprendizagem colaborativa é entendido a partir do conceito de que o que se aprende é resultado de um consenso entre indivíduos que fazem parte de uma comunidade de conhecimento, é algo que pessoas compartilham, constroem, trabalhando lado a lado, direta ou indiretamente, vislumbrando um acordo. Através do uso da ferramenta fórum<sup>9</sup>, por exemplo, professores e tutores têm a oportunidade de conhecer as opiniões de seus alunos, fazendo as intervenções necessárias, quando preciso, no processo de elaboração do pensamento coletivo. Mas só a presença dos indivíduos não basta, é preciso que a construção do conhecimento se dê através de uma interação mediada, neste caso pelos professores e/ou tutores, em que estimulem as discussões e o compartilhamento de ideias.

---

<sup>9</sup> A ferramenta fórum de discussão será abordada com mais detalhes na próxima sessão.

Para tanto, esta prática exige uma maneira de agir diferenciada no processo, sem que haja espaço para uma hierarquia entre os envolvidos, mas sim a valorização dos sujeitos, o respeito dentre todos e a liberdade de expressão e questionamentos. O fato de os professores e tutores possuírem conhecimentos mais aprofundados que os alunos não deveria ser sinônimo de uma postura vertical perante o aprendiz, a de transmissão das informações. É preciso que professores e tutores assumam comportamentos de aprendizagem, estímulos perceptivos, diferenciadas formas de comunicar que superem a tradicional visão cartesiana do conhecimento como algo fragmentado e permitam que cada um possa construir sua auto-imagem, dos outros e do meio e expandir suas capacidades e habilidades a partir de percursos construídos também coletivamente.

As ideias supracencionadas vão em direção contrária ao senso comum de que o conhecimento é algo que se transfere de uma mente para outra e aproxima-se das ideias de Freire (1996, p. 47) quando diz que “ensinar não é transferir conhecimento”. Para o autor, “colaborar significa uma ação entre sujeitos que buscam um mesmo objetivo em uma atividade, ou seja, é um trabalho conjunto, em que as atividades realizadas contribuem entre si”. Paulo Freire ainda afirma que “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”, ou seja, o homem aproxima-se da realidade através de uma rede de colaboração, em que cada indivíduo ajuda o outro a se desenvolver, e paralelamente, também se desenvolve (1997, p. 39). Todos aprendem juntos e em colaboração.

Segundo Palloff e Pratt (2004) a colaboração ajuda a promover alguns aspectos, a saber: (i) desenvolvimento do pensamento crítico, uma vez que o aluno pode fazer paralelos de suas opiniões com os colegas, evitando assim que os mesmos presumam qualquer coisa de maneira exclusiva; (ii) co-criação do conhecimento e do significado – o aluno tem possibilidade de ampliar seu pensamento através do compartilhamento de ideias e da troca de pontos de vistas com o grupo; (iii) reflexão – a atividade colaborativa permite ao aluno dispor de mais tempo para elaborar projetos com resultados mais significativos; (iv) aprendizagem transformadora – reflexão da aprendizagem colaborativa permite ao aluno pensar e experimentar a aprendizagem de uma nova maneira, podendo melhorar algumas de suas preferências ao que diz

respeito a alguma dificuldade, podendo assim ir superando-a pelo desenvolvimento de uma atitude transformadora.

De acordo com os autores supracitados, a reflexão – seja ela sobre resultados da atividade colaborativa, seja sobre o processo de aprendizagem ou o conteúdo do curso em si – é uma das características essenciais da aprendizagem online e tem elementos que auxiliam a desenvolver nas atitudes do aluno um sujeito mais reflexivo, pois possui caráter investigativo e questionador. A primeira característica refere-se à busca do significado que o material que está sendo estudado tem para a vida do aluno e das mudanças que possam ocorrer para que essa nova aprendizagem se acomode. A segunda característica tem a ver com os questionamentos, dos quais as ideias vêm e como afinal são construídas.

Palloff e Pratt (2004) ainda afirmam que:

O fato de apenas pedir aos alunos para responderem às questões de discussão e às mensagens de seus colegas é o suficiente para dar início ao processo de reflexão. Os alunos aprendem que um dos aspectos mais belos da aprendizagem online é que eles têm tempo para refletir sobre o material que estudam e sobre as ideias de seus colegas antes de escreverem suas próprias respostas. Estimular os alunos a escrever off-line é algo que também ajuda o processo reflexivo (PALLOFF e PRATT, 2004, p. 33).

Embora existam diferentes formas de conceituar a aprendizagem colaborativa e perceber que muitos são os seus benefícios, os estudos desta área apontam para um trabalho em grupo, sendo através da construção em conjunto e com a ajuda mútua entre todos os membros participantes que se busca aprimorar conhecimentos já alcançados e trazer novos conhecimentos. Estes se constroem pelas interações sociais entre alunos, professor e tutores, quando nos remetemos, por exemplo, ao uso do fórum de discussão como ferramenta promotora de interação dentro do AVEA. A base da aprendizagem colaborativa está calcada na participação ativa de todos os envolvidos que com isso podem: questionar, contestar, responder, concordar, discordar, propor novas ideias sobre determinado tema,

sendo a interação uma possibilidade para a negociação dos sentidos, a construção coletiva do pensamento e colaboração espontânea. É importante que os AVEA que buscam uma aprendizagem colaborativa criem possibilidades de crescimento do grupo e todos possam partilhar seus saberes e experiências.

### **2.3 O fórum de discussão: ferramenta interacional e colaborativa**

Os ambientes virtuais de aprendizagem oferecem aos seus usuários várias ferramentas que podem auxiliar no processo de ensino e aprendizagem, entre as quais se destaca o fórum de discussão. Esta expressão tem diferentes definições, podendo significar: fórum jurídico, fórum humorístico, fórum de discussão, entre outros. Em dicionários da língua portuguesa é conceituada como reunião, congresso ou conferência para o debate de um tema (Ferreira, 1999; Houaiss, 2004).

No caso da EaD pode-se definir fórum de acordo com Moore e Kearsley (2008), para quem essa ferramenta é o núcleo da comunicação assíncrona – realizada em tempo não real – e que, além de propiciar a discussão de temas entre os participantes, permite também o intercâmbio de sentidos construídos através de uma discussão. Num fórum, cada pessoa, em sua individualidade, pode expressar e produzir saberes, aprimorar competências comunicativas e contribuir para o saber coletivo.

Sánchez (2005, p. 2) define o fórum com finalidades educacionais no ambiente online como:

Um espaço de comunicação formado por quadros de diálogo nos quais se vão incluindo mensagens que podem ser classificadas tematicamente. Nestes espaços os usuários, e no caso nos referimos a fóruns educativos, os alunos podem realizar novas contribuições, esclarecer outras, refutar as dos demais participantes, etc., de uma forma assíncrona, sendo possível que as contribuições e mensagens permaneçam todo o tempo à disposição dos demais participantes.

Segundo a autora, esta ferramenta é um espaço que reúne inúmeras vozes, permitindo a troca de ideias e experiências, transformando-se em uma arena de discussões. E por tratar-se de uma

ferramenta assíncrona, de acordo com Lopes (2007, p. 3), o fórum tem como característica “flexibilizar aos participantes o tempo de suas interações, ou seja, diferente do formato do bate-papo o fórum é um ambiente colaborativo onde o participante da discussão tem muito maior liberdade para definir o horário de sua participação”. Segundo Gutiérrez (2007) o fórum também é um centro de discussão sobre um tema em particular que concentra opiniões de muitas pessoas de diferentes lugares, propício para reforçar a aprendizagem.

Sánchez (2005) elenca algumas funções importantes para o aproveitamento desta ferramenta dentro do AVEA, entre as quais estão - (i) intercâmbio de informações: diz respeito às atividades que vão desde pedir informações sobre um tema específico até a troca de referências bibliográficas sobre os temas em questão, o compartilhamento de vídeos, imagens, etc.; (ii) diálogo, debate e comunicação: o fórum é cenário da troca de experiências pessoais enriquecendo, convertendo-se em um espaço para o trabalho reflexivo, de diálogo e debates, podendo assim derivar uma aprendizagem colaborativa, enriquecendo a experiência e conhecimento de todos; (iii) espaço de socialização: o fórum apresenta-se como um canal para criar um ambiente fluído entre seus participantes, onde se possa criar situações de respeito, de educação, cordialidade, tolerância, cortesia e flexibilidade frente aos diferentes tipos de pontos de vistas que venham a surgir, produzindo uma postura argumentativa, dando sentido a esta comunidade; (iv) trabalho e aprendizagem colaborativos: por se tratar de uma ferramenta assíncrona, esta característica dá ao fórum a possibilidade de seus participantes poderem refletir e pensar mais sobre as opiniões ali postadas, já que permanecem por muito tempo registradas. Também permite a resolução de tarefas em grupo, de forma consensual, trabalhando de forma colaborativa na solução de problemas individuais ou do grupo, independentemente do tema em questão.

A ferramenta fórum traz à tona uma variedade de discursos que se tornam foco de atenção e discussão. À medida que as pessoas participam de uma conversa via fórum, uma rede discursiva muito rica e variada se forma, deixando de maneira explícita a contribuição de cada um dos envolvidos, formando assim uma cadeia intertextual. A maneira recorrente como aparecem as informações dentro do fórum facilita o acesso às informações atuais a qualquer momento e às informações anteriores, o que permite aos envolvidos refletir sobre os temas que ali

se desenrolam, uma vez que a discussão não acontece de forma simultânea.

Essa característica, ao contrário da comunicação oral, na qual não podemos voltar no tempo após o fechamento de uma conversa (a menos que a gravemos) dá aos participantes a possibilidade de interagir com quem postou uma mensagem no dia anterior e em seguida com outras pessoas que postaram um comentário muitos dias antes. Por tratar-se de uma ferramenta assíncrona, possibilita que as discussões se prolonguem e dá espaço para que cada membro possa participar em momentos distintos, dando caráter de flexibilidade a essa ferramenta.

Ao entender-se o fórum como um espaço propício para se estabelecer uma relação dialógica, pode-se salientar o pensamento de Lukianchuki, (2001, p. 1) ao ressaltar que “as palavras de um falante estão sempre e inevitavelmente atravessadas pelas palavras do outro [...] em linguagem Bakhtiniana, a noção do eu nunca é individual, mas social”. Podemos assim encarar essa ferramenta como uma possibilidade de aproximação das distâncias, como espaço de colaboração, de diálogo, de socialização entre os participantes, dando-lhes a oportunidade de trocar informações e reflexões sobre determinados temas.

Segundo Kratochwill e Sampaio (2006), ao se considerar o saber como algo inacabado do pensamento, a compreensão e a significação das mensagens só podem ocorrer através da interlocução, ou seja, quando se dá de maneira dialógica, que transpasse o processo baseado apenas em pergunta e resposta. Essas ideias vão ao encontro de Bakhtin<sup>10</sup> (1997, p. 132) quando diz que a “significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da interação do locutor e do receptor (...). É como uma fâsca elétrica que só se produz quando há contato dos dois polos opostos”. Desta maneira os significados vão sendo construídos de forma gradativa e socialmente, dando espaço aos acordos e questionamentos entre os participantes. Também pode haver o compartilhamento de avaliações críticas às produções dos colegas, bem como espaço para a o apoio e estímulo a eles.

Os fóruns caracterizam-se também pela relação dialógica que levam consigo os variados discursos produzidos por seus participantes. E quando nos referirmos a dialogismo, se faz necessário resgatar a teoria

---

<sup>10</sup> Os preceitos de Bakhtin serão abordados mais detalhadamente no próximo capítulo.

sócio-histórica<sup>11</sup>, pelas visões de mundo de Bakhtin e de Vygotsky que se apóiam em uma percepção social do homem, o que significa compreendê-lo como um ser que se constitui pela interação, mergulhado nas complexas redes de relações sociais nas quais está frequentemente exposto.

Ramos (2005, p. 2) afirma que para Bakhtin:

[...] o verdadeiro núcleo da realidade linguística consiste na prática viva da língua, na interação verbal. Nesta perspectiva, a língua se encontra inseparável do fluxo da comunicação verbal, sendo, portanto, transmitida não como um produto acabado, mas como algo que se desenvolve permanentemente na corrente de comunicação verbal.

Estar imerso numa discussão via fórum e compreender o que ali está sendo debatido não se considera um ato isolado ou passivo, ou meramente um ato de decodificar e traduzir o que está sendo dito, mas sim uma tomada de decisão perante o texto. Em suma, “compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra” (BAKHTIN, 1997, p.132). Desta forma podemos dizer que o fórum é um lugar de encontros virtuais, privilegiado por interações verbais, na medida em que proporciona uma prática de comunicação interativa através do discurso escrito que seus participantes compartilham. Entretanto, Gobara e Batista (2007) ressaltam que a interação só será efetivada de fato quando os professores e alunos conceberem uma ideia mais ampla do conceito da ferramenta fórum, ou seja, não a entenderem como um mero espaço de armazenamento de mensagens. As autoras afirmam que “o fórum por si mesmo não promove a interação. Essa só pode ser efetivada a partir da intencionalidade dos professores e alunos associada a um objetivo maior que é o alcance do conhecimento” (p. 3)

De acordo com Linden, Piconez e André (2007) o diálogo nos fóruns e a colaboração entre os participantes potencializam o processo de aprendizagem, em que a construção do conhecimento desloca-se do âmbito individual para o coletivo. Desta maneira, podemos fazer um paralelo das ideias desses autores com as de Freire, quando em 1977,

---

<sup>11</sup> Estas questões serão abordadas mais detalhadamente no próximo capítulo.

em seu livro titulado “Extensão ou Comunicação?” já nos dizia que “o sujeito pensante não pode pensar sozinho, sem a co-participação de outros no ato de pensar sobre o objeto” (FREIRE, 1977, p. 66). O autor afirma que essa participação junto aos demais sujeitos é que promove a comunicação e esta exige uma reciprocidade que não pode ser interrompida, pois “não há, realmente, pensamento isolado, na medida em que não há homem isolado” (1977, p. 66). Desta maneira o ser humano está sempre numa relação com alguém ou alguma coisa, estando assim numa situação de comunicação. Freire reforça essa ideia de que educação e comunicação andam lado a lado, porém, segundo o autor, ela só é comunicação e diálogo “na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. (1977, p. 69)

No que diz respeito a uma organização mais estrutural, podemos dizer que o pontapé inicial, que dá acesso a uma discussão via fórum dentro de um AVEA, normalmente começa em resposta a uma questão levantada inicialmente pelos mediadores da discussão, nesse caso, o professor responsável pela disciplina e/ou seus tutores. A discussão também pode começar a partir da resposta a uma mensagem postada por outro participante e, nessa dinâmica de diálogo, cada participante pode não só expor suas opiniões como também indagar questões levantadas, tirar dúvidas, argumentar, discordar e contestar as opiniões e comentários postados por todos os envolvidos. As mensagens em torno da temática discutida em determinado momento não ficam apenas restritas aos professores e tutores. Todos os participantes podem contribuir para que haja um enlace dos comentários entre si, caracterizando assim uma aprendizagem colaborativa, como também, podem compartilhar documentos com seus companheiros.

Moore e Kearsley (2008, p. 162) sugerem uma configuração básica para a formação de um fórum de discussão:

1. Uma mensagem inicial: os profissionais que criam o curso preparam uma pergunta que exige uma resposta, o instrutor dá uma explicação ou reflete sobre algum item do conteúdo ou os alunos entregam uma tarefa.
2. Resposta à mensagem: espera-se que o instrutor ou os alunos respondam a uma pessoa por meio de uma elaboração – ou ideia alternativa – ou uma pergunta. Para assegurar que cada aluno receba pelo menos uma resposta, o instrutor pode solicitá-la para uma mensagem que não tenha recebido uma resposta.

3. Mensagem de acompanhamento: o instrutor ou os alunos respondem às colocações anteriores com uma explicação de como a segunda mensagem foi útil para aumentar a compreensão do tópico e, se possível, acrescentar um comentário independente adicional.

4. Resumo das mensagens: o instrutor resume as mensagens de todos os membros do grupo para incluir aspectos importantes, similaridades e diferenças na compreensão do grupo.

Gutiérrez (2003) aponta algumas maneiras de se assegurar que os resultados do uso da ferramenta fórum sejam favoráveis ao processo de ensino e aprendizagem. Entre elas o autor diz que se deve deixar claro os papéis que desempenham cada um de seus participantes, ou seja, as funções de professores, tutores e alunos. Além disso, os organizadores devem planejar de maneira cuidadosa os objetivos, sabendo direcionar quando, como e para quem o estão utilizando. Para o autor, os responsáveis devem se comportar como moderadores, regulando a participação das pessoas que ali estão intervindo, mantendo a discussão dentro da linha temática proposta primeiramente, evitando que a discussão se disperse e perca o foco. Também cita que é importante deixar claro quais são os propósitos da atividade, as regras de participação, bem como os critérios de avaliação.

Ademais dessas indicações, Pérez et.al (2004) acrescentam, como estratégias para manter um processo de qualidade dentro dos fóruns, critérios como: todos devem respeitar o tempo de postagem, podendo haver um certo grau de flexibilidade com as datas ou o tipo de atividade; exigir o mínimo de comprometimento das contribuições escritas no fórum por parte dos membros participantes, levando em consideração que se trata de uma ferramenta colaborativa e todos podem beneficiar-se do que ali está sendo exposto. Os autores sugerem que cada participante deveria ter um mínimo de participações a serem cumpridas, proporcionando-lhes a oportunidade de poder analisar melhor o que está sendo discutido, refletir sobre o assunto e poder argumentar diante dos demais, cuidando logicamente com os plágios, esforçando-se para contribuir de maneira consciente e responsável.

Através das recomendações básicas sugeridas por alguns autores (MOORE e KEARSLEY, 2007; GUTIÉRREZ, 2003; PÉREZ et.al, 2004) sobre a organização geral de um fórum de discussão como espaço propício para uma relação dialógica entre seus participantes, foram aqui selecionadas algumas características que representam as

ideias gerais sugeridas pelos autores. De maneira geral, as características propostas pelos autores são as seguintes:

Quadro1: Recomendações gerais sobre o funcionamento de um fórum

a) Conter mensagem inicial
b) Respostas à mensagem inicial
c) Mensagem de acompanhamento
d) Resumo das mensagens
e) Definir os papéis dos envolvidos
f) Ter objetivos claros expostos
g) Os responsáveis devem aparecer na função de moderadores
h) Exibir as regras de participação no fórum
i) Explicitar critérios de avaliação
j) Estipular o tempo máximo para postagem
k) Definir número mínimo de participações (pelo menos uma participação)

Fonte: Elaborado a partir de Moore e Kearsley, 2007; Gutiérrez, 2003; Pérez et.al, 2004.

Ainda que essas recomendações básicas sejam de grande valia para o funcionamento de um fórum de discussão, não se deve encarar o fórum como apenas uma ferramenta funcional e instrumental e sim, ter em mente que suas funções podem ultrapassar uma visão estreitamente ligada à dimensão tecnológica. Segundo Mosteo, Mozo e Duran (2003) o fórum se constitui espaço simbólico de produção social, convertendo-se em uma micro-sociedade organizada onde se negociam posições distintas; ele se resume a um pano de fundo para jogos de relações e se apresenta como um “microambiente”, um elemento básico para a sobrevivência de uma comunidade virtual.

O fórum de discussão, além de promover a interação entre professores e alunos e estes entre si, pode ajudar a ultrapassar as possíveis sensações de isolamento e afastamento que possam existir na EaD por parte dos alunos, provocadas pela ausência física diária do professor. Gutiérrez (2007) acrescenta que o fórum de discussão é uma

ferramenta capaz de melhorar os significados construídos ao longo do processo de aprendizagem e que permite aos seus moderadores (professores e tutores) conhecerem o comportamento de seus participantes frente a determinados tipos de temas e podem ajudar a melhorar a comunicação escrita.

Nas interações promovidas via fórum de discussão, cada participante submete suas ideias à crítica coletiva, podendo assim, através da intervenção dos demais envolvidos, somar novas ideias ao seu conhecimento sobre o assunto em questão. As intervenções individuais vão ao encontro de uma aprendizagem socializada, proporcionada pela resposta de outros participantes e assim gerando uma discussão:

Interagir com o conhecimento e com as pessoas para aprender é fundamental. Para a transformação de um determinado grupo de informações em conhecimentos é preciso que estes sejam trabalhados, discutidos, comunicados. As trocas entre colegas, os múltiplos posicionamentos diante das informações disponíveis, os debates e as análises críticas auxiliam a sua compreensão e elaboração cognitiva. As múltiplas interações e trocas comunicativas entre parceiros do ato de aprender possibilitam que estes conhecimentos sejam permanentemente reconstruídos e reelaborados. (KENSKI, 2002, p. 258)

Em suma, se pode observar que esta ferramenta, por sua característica assíncrona, é constituidora de uma memória comunitária – todas as mensagens postadas ficam gravadas online estando assim disponíveis para todos os participantes, possibilitando que os envolvidos possam ler não só os seus próprios comentários, como também os de outros colegas, como se fosse uma discussão feita em sala de aula. Entre outras possibilidades, também está o fato de os participantes poderem se beneficiar do ponto de vista do professor, tutores de demais colegas e todos podem observar o processo e a dinâmica da discussão do grupo, podendo desta forma, segundo Arango (2003), refletir mais atentamente

sobre o que está sendo debatido e preparar-se melhor para fazer análises mais elaboradas, com maiores reflexões, e assim aperfeiçoar suas intervenções escritas nos debates e aplicar seus conhecimentos em novas propostas de discussão nos fóruns.

### **3 LINGUAGEM, INTERAÇÃO E DIALOGISMO - O “OUTRO” NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO**

Considerando a linguagem como o fio condutor no caminho das interações humanas, parte-se do pressuposto de que o indivíduo se apropria da linguagem não apenas para representar o mundo que o rodeia ou para se fazer entender diante do outro, mas também com o intuito de provocar alguma mudança no seu interlocutor, atuando ativamente sobre ele (Koch, 1992, 2011). Dessa maneira, ao considerar as interações escritas presentes em um fórum de discussão, considera-se que através do uso de estratégias linguísticas as ações entre os sujeitos participantes podem ser negociadas. Mas antes de tentar entender como se dá este processo, primeiramente se faz necessário compreender a natureza da linguagem. Para tanto, neste capítulo apresentamos as ideias de Vygotsky (1991, 1998), que nos mostra um caminho em direção ao “outro” através da linguagem, da interação mediada entre os sujeitos socialmente construídos, bem como as de Bakhtin (1997a, 1997b) e seus pressupostos de que a função da linguagem não é apenas de exteriorizar pensamentos, mas sim, a de comunicar. Por fim, faremos algumas considerações acerca das estratégias linguísticas interacionais que, teoricamente, sustentam possibilidades de interação em textos escritos, abordando os preceitos de Barros e Criscitelli (2008), Andrade (2008), Campos (2004, 2008) e Vieira (2009).

#### **3.1 Vygotsky e Bakhtin: a interação social e dialogismo como elementos na construção do conhecimento**

Na evolução dos estudos linguísticos, identificam-se três modos distintos de se analisar a linguagem: concebê-la como expressão do pensamento, como instrumento de comunicação e como um processo de interação (GERALDI, 2003; TAVAGLIA, 1998).

No primeiro entendimento, a linguagem como expressão do pensamento, o não saber expressar por meio do uso da língua é não saber pensar. Dessa maneira, pensar de forma lógica é a condição básica para se saber escrever bem, já que a linguagem funciona como “espelho” do pensamento, traduzindo a expressão que se constrói no interior da mente. Para esta tendência, segundo Travaglia (1998, p. 21) “a enunciação é um ato monológico, individual, que não é afetado pelo

outro nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece.” Portanto, a linguagem é vista como um ato de criação individual, que está baseada na capacidade mental de cada indivíduo.

Koch (2005, p. 13) afirma “que, à concepção de língua, como representação do pensamento, corresponde a de sujeito psicológico, individual, dono de sua vontade e de suas ações”. A autora explicita que se trata de um indivíduo visto como “um ego que constrói uma representação mental e deseja que esta seja 'captada' pelo interlocutor exatamente da maneira como foi mentalizada”. Desta forma, caberia ao leitor/ouvinte um papel essencialmente passivo.

Nessa tendência podemos observar que a relação psíquica entre linguagem e pensamento caracteriza a primeira como algo individual, centrada exclusivamente na capacidade mental do indivíduo. Travaglia (1998, p. 22) ressalta ainda que nesta concepção de linguagem o modo como o texto se constitui numa situação comunicativa “não depende em nada de para quem se fala, em que situação se fala (onde, como, quando), para que se fala”.

Para Bakhtin (2006, p. 63) na concepção da linguagem como expressão do pensamento “as leis da criação linguística são essencialmente as leis da psicologia individual”, ou seja, a expressão de cada pessoa depende apenas de seu conteúdo interior, do seu pensamento e de sua capacidade de se organizar de maneira lógica. Barros (2005) afirma que para Bakhtin o discurso não é uma construção individual, pois se constrói pelo menos por duas pessoas, que, por sua vez, são seres sociais. Também não é individual porque se constrói como um diálogo entre os discursos que mantêm relações entre si.

No que tange à segunda concepção, a linguagem como instrumento de comunicação, Koch (1992 apud NOGUEIRA, 2006, p. 24) mostra que a noção de sujeito “corresponde a de sujeito determinado, assujeitado pelo sistema, caracterizado por uma espécie de não-consciência”. A autora ressalta que “o texto é visto como simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte, bastando a este, para tanto, o conhecimento do código, já que o texto, uma vez codificado, é totalmente explícito” (KOCH, 1992, p. 16 apud NOGUEIRA, 2006, p. 24). Segundo Nogueira (2006) aquele que recebe a mensagem assume nessa concepção um papel meramente passivo e a posição de um codificador do texto, uma vez que a informação deve ser recebida tal qual havia na mente do emissor.

Diferentemente das duas concepções anteriores, a concepção que trata da linguagem como interação atribui a ela o lugar de constituição de relações sociais e formadora de conhecimento. Travaglia (1997, p. 23) reforça essa ideia quando assevera que “nessa concepção, o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão-somente traduzir e exteriorizar um pensamento ou transmitir informações, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor)”.

De acordo com Schier (2008) é através de textos que as pessoas interagem umas com as outras. Dessa forma, a escrita deixa de ser vista como uma simples representação mental ou tradução de uma mensagem, pois os sujeitos movimentam seus conhecimentos prévios em prol da produção de sentidos num evento comunicativo. Para a autora “essa concepção supera a visão da linguagem como sistema preestabelecido, estático, centrado no código” (2008, p. 36).

Apontando as limitações das duas primeiras concepções da linguagem, estudiosos que adotam abordagens sociointeracionistas defendem a ideia de que o saber se dá a partir de processos de interação social que se estabelecem entre os sujeitos. Corroborando essa visão, apresentam-se as perspectivas teóricas dos pensadores russos Vygotsky e Bakhtin, que contribuíram para o desenvolvimento de uma nova forma de se entender o processo de ensino e aprendizagem, evidenciando o papel da linguagem na constituição do sujeito e do conhecimento, o que constitui referencial teórico desta dissertação de mestrado.

### **3.2 O sociointeracionismo de Vygotsky**

Fazendo referência primeiramente a Vygotsky e, tendo como base teórica suas obras: “A formação social da mente” (1991) e “Pensamento e Linguagem” (1998), manifestamos nossa concordância com a ideia defendida pelos sociointeracionistas de que nos humanizamos na interação com outros seres. Assim sendo, a dimensão social assume significativa importância na relação com o “outro” diante da aprendizagem e do desenvolvimento humano.

Segundo Conteratto (2005, p. 20), no sociointeracionismo o conhecimento é construído através da interação do indivíduo com o seu meio social, sendo que o sujeito “é visto como alguém que transforma e é transformado nas relações produzidas em uma determinada cultura. É um ser em permanente processo de construção de si mesmo, da natureza e da história”. A aprendizagem é fundamentalmente uma experiência

social, de interação pela linguagem e pela ação (VYGOTSKY, 1998). E dessa forma há espaço para uma reflexão partilhada de múltiplas perspectivas e da mudança das representações internas dos sujeitos em resposta a outras perspectivas. Na busca da construção social e coletiva do conhecimento, os indivíduos aprendem a negociar suas ideias entre os diferentes.

Um dos pontos principais da teoria de Vygotsky (1991) é de que a educação tem sua origem na sociedade e na cultura e é mediada pela linguagem que age entre o individual e o social. Para ele, o indivíduo constrói o seu conhecimento por meio de suas interações e a construção dos significados e do conhecimento se dá por meio de um processo social, por meio do diálogo entre os indivíduos, criando assim conhecimento comum. Através das relações que os indivíduos estabelecem é que se constrói significados de mundo, uma visão sobre o “eu” e tudo o que nos cerca.

Nas palavras de Conteratto (2005, p. 20), Vygotsky considera que:

No sociointeracionismo, a linguagem é vista como forma de interação humana e matéria-prima para a emergência da consciência; é a linguagem que possibilita ao homem apreender o mundo e posicionar-se criticamente perante os outros. Por outro lado, são as atividades sociais e históricas dos homens que geram a linguagem, ou seja, é no espaço social que a linguagem garante sua própria existência e significação.

Para Vygotsky (1998), o conhecimento é resultado da interação social e, segundo o autor, existe uma forte ligação entre as relações sociais e a interação com outras pessoas, sendo a soma dessas duas a origem dos processos de aprendizagem e desenvolvimento humano. Para ele, a interação social tem papel fundamental no desenvolvimento cognitivo, ou seja, a interação é fundamental para o desenvolvimento tanto pessoal como social dos indivíduos. Segundo Santos (2008) Vygotsky desenvolveu postulados de que as funções psíquicas despontam em primeiro no plano social ou interpessoal, para então emergir num plano intrapessoal.

Dessa maneira, a participação tanto no plano social como interpessoal envolve interação entre duas ou mais pessoas pois, para Vygotsky (1998), a aprendizagem e o desenvolvimento são atividades colaborativa, decorrentes de um processo de mediação em que o professor atua como mediador, reconhecendo desta maneira, a importância da contribuição do outro e as influências do meio social para o desenvolvimento pessoal.

Segundo Vieira (2009) para que se possa compreender melhor os preceitos vygotskianos, se faz necessário lembrar que a questão da mediação é muito importante, pois ela caracteriza a relação do homem com o mundo que o cerca e com os outros homens. OLIVEIRA (1995, p. 26) define mediação a partir de concepções vygotskianas e afirma que para o teórico russo, em termos genéricos, “mediação é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a analogia deixa, então, de ser direta e passa ser mediada por esse elemento”.

As proposições supramencionadas indicam que, ao elaborar uma teoria social do conhecimento, Vygotsky (1991) deu ênfase à possibilidade de o homem compor-se e crescer como sujeito através das suas relações sociais e por meio da linguagem. Segundo Vieira (2009, p. 47) “estudos sociointeracionistas trazem à luz a linguagem culturalmente desenvolvida, atribuem um grande valor intelectual à interação entre pares e reconhecem que pode existir uma discrepância entre a solução individual e a forma social de se resolver um problema”. Segundo o autor, pode-se entender que a construção do conhecimento pressupõe, além de uma postura ativa do aluno, uma relação colaborativa, na medida em que, de acordo com essa perspectiva, o desenvolvimento é de corrente do processo de aprendizagem e não é uma mera passagem do saber de um indivíduo para o outro, mas um “encontro de sujeitos interlocutores que buscam a construção dos significados (p. 48).

Por meio da ênfase no aprendizado como aspecto social necessário para o crescimento dos indivíduos, Vygotsky (1998) distingue dois níveis de desenvolvimento nos sujeitos: o real e o potencial. O primeiro trata da capacidade de realizar uma tarefa de maneira independente, sem a ajuda de outras pessoas. O segundo caracteriza-se pelas funções que podemos realizar com a ajuda de outra pessoa ou de companheiros mais capazes.

Oliveira (1995, p. 59-60) afirma que:

Essa possibilidade de alteração no desempenho de uma pessoa pela interferência de outra é fundamental na teoria de Vygotsky [...] A ideia de nível de desenvolvimento potencial capta, assim, um momento do desenvolvimento que caracteriza não as etapas já alcançadas, já consolidadas, mas etapas posteriores, nas quais a interferência de outras pessoas afeta significativamente o resultado da ação individual.

Vygotsky (1998) atribui grande valor à interação social no processo de construção das funções psicológicas humanas, onde o desenvolvimento individual se dá num ambiente coletivo determinado e “a relação com o outro, nas diversas esferas e níveis de atividade humana, é essencial para o processo de construção do ser psicológico individual (OLIVEIRA, p. 60).

A diferença entre o que se é capaz de fazer sozinho ou com a ajuda de alguém mais experiente é chamado de zona de desenvolvimento proximal (ZDP), que é definida por Vygotsky (1991, p. 112) como sendo “a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes”.

Pode-se entender que a aprendizagem, por tratar-se de um processo social, segundo palavras de Vygotsky, permite ao aluno (ou qualquer outro moderador deste processo) que possui mais experiência, compartilhar seu conhecimento com um companheiro menos experiente. De acordo com Santos (2008, p. 73):

O auxílio fornecido pelo aprendiz mais experiente, no momento da atividade em conjunto é que promove a descoberta da ZDP do aprendiz menos experiente, garantindo, assim um nível de assistência apropriada que possa animá-lo a atuar em seu nível potencial de habilidade. A aplicação da abordagem de Vygotsky na prática educacional requer que o professor reconheça a ideia de ZPD e estimule os trabalhos

colaborativos, de forma a potencializar o desenvolvimento cognitivo dos alunos.

Para o sociointeracionismo, o crescimento do aprendiz, seja ele em qualquer âmbito, não é gerado apenas através de experiências, mas, sobretudo, pela vivência das diferenças. Segundo Martins (1997, p. 120) “aluno aprende imitando, concordando, fazendo oposição, estabelecendo analogias, internalizando símbolos e significados, tudo isto num ambiente social e historicamente localizado”. Desta forma, destaca-se a importância de o processo interativo não estar centrado na figura do professor ou do aluno, mas no campo interativo criando entre todos. O intercâmbio se dará através das pessoas envolvidas no processo e é neste espaço imaginário que sucederão as transformações e se instituirão o que o autor considera fundamental: “as ações partilhadas, onde a construção do conhecimento se dá de forma conjunta” (MARTINS 1997, p. 121).

De acordo com Silva (2003) o conceito de ZDP criado por Vygotsky colabora no entendimento da produção do conhecimento como um sistema eminentemente social. Isto quer dizer que para se aprender algo novo torna-se necessária a presença de outra pessoa, seja direta ou indiretamente. Segundo o autor, aprender e ensinar são ações que devem ser entendidas como um processo de interação social, haja vista que o conhecimento é composto a partir de uma relação colaborativa entre os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Ao se fazer um paralelo dos preceitos de Vygotsky com a EaD, acredita-se que esta modalidade poderá representar melhor o seu papel na medida em que for capaz de incidir na ZDP dos alunos no intuito de ampliar e provocar a construção de novos conhecimentos, pois segundo Vygotsky (1991, p. 98) “aquilo que é desenvolvimento proximal hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã”. Desta maneira, segundo Vieira (2009) a EaD só ira desempenhar bem o seu papel a partir da medida que for capaz de recair na ZDP os estudantes para assim conseguir desenvolver e provocar a construção de novos conhecimentos, partindo do conhecimento prévio que o aluno através de suas vivências, ativando seus processos internos e que se constituirão como base para possibilitar novas aprendizagens.

Através das considerações até aqui mencionadas, pode-se dizer que os papéis, tanto de professores, como tutores e alunos, não devem

ser observados como ações isoladas, mas como momentos coincidentes entre si, o que significa manter uma prática de constante diálogo, que vá em caminho inverso a uma aprendizagem solitária, para que o estudante possa construir seus conhecimentos por meio da interação. Deste modo, no próximo capítulo serão abordados alguns princípios que focalizam a língua como atividade interacional e socialmente construída, abordados pelo viés do dialogismo de Bakhtin.

### **3.3 O dialogismo de Bakhtin**

A linguagem é o principal tema da obra de Mikhail Bakhtin. O autor a compreende não apenas como um sistema repleto de abstrações e, sim, como uma produção coletiva e, desta forma, tem necessidade de ser percebida a partir de sua natureza sócio-histórica. De acordo com Bakhtin (2006, p. 40) a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos e, complementa esta afirmação, ao mencionar que “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios”.

Segundo o autor o discurso de cada indivíduo se constrói e se (re) constrói, e se desenvolve na e pela interação social a partir de situações significativas com os enunciados individuais alheios. A construção de sentido se dá pela multiplicidade, pelo dialogismo, que pode ser observado no fato de que um enunciado sempre se relaciona com enunciados já produzidos anteriormente. Todo discurso é constituído ou intercalado pelo discurso do outro, que não necessariamente seja igual, pois podem ser discursos contrários, conflituosos, múltiplos. Ou seja, a construção do nosso modo de expressão não depende somente de nós mesmos, mas também da multiplicidade de vozes existentes nos conceitos e discursos que constituem e integram nossa sociedade:

Toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra [enunciado] serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte

lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia sobre o meu interlocutor. (BAKHTIN, 2006, p. 115)

Dias (2005) ressalta que para Bakhtin o olhar do outro funciona como se fosse um horizonte, que abriga novos valores, novas percepções e visões de mundo. E é através do embate de diferentes olhares (os nossos e os dos outros) que o novo conhecimento se origina. Sendo um ser sociocultural, o homem não pode renunciar a olhar o outro. A autora, seguindo as ideias do pensador russo, afirma que ao:

Reconhecer o caráter intrinsecamente dialógico da linguagem e, logo, dos saberes nela produzidos é o primeiro passo para a substituição de um modelo pedagógico ‘monológico’ — onde o professor é o guardião de verdades absolutas que precisam ser transmitidas com ‘fidelidade’ para os alunos — para um modelo que se baseia no diálogo mútuo, e às vezes, dissonante, entre os diferentes ‘discursos’ proferidos por aprendentes e ‘mestres’ (2005, p. 3).

O dialogismo é o conceito que permeia a obra de Bakhtin e este é o fundamento constitutivo da linguagem. Segundo Conteratto (2005, p. 27) isso quer dizer que “toda a vida da linguagem, em qualquer campo, está impregnada de relações dialógicas”. Barros e Fiorin (2003, p. 3) ao refletir sobre esse conceito de Bakhtin, concebem o dialogismo como “o espaço interacional entre o eu e o tu ou entre o eu e o outro, no texto”. Devido à importância da presença do “outro”, a noção do eu nunca é somente individual, passando pela esfera do social. O dialogismo acontece no processo interacional criado entre os sujeitos, ou seja, é a prática da linguagem na relação com o outro que dá impulso ao ser social, ou seja, segundo a ótica de Bakhtin, os enunciados não existem de maneira isolada, pois cada um supõe os que o antecedem e outros que o sucederão.

Referindo-se à concepção de dialogismo Baktiniana, Barros (2005, p. 29) aponta quatro aspectos que devem ser mencionados. O primeiro deles se refere à interação entre os interlocutores como alicerce

principal da linguagem. Bakhtin assume que existe uma relação de dependência entre comunicação e linguagem, sendo esta última fundamental para a outra, como também a interação é edificadora da linguagem.

O segundo aspecto levantado pela autora diz respeito ao fato de que “o sentido do texto e a significação das palavras dependem da relação entre sujeitos” (BARROS, 2005, p. 29). Em outras palavras, isto significa que tudo depende das relações que se instauram entre locutores e interlocutores, quando ambos se apropriam do discurso alheio para estabelecer ajustes na negociação de sentidos e que os significados vão sendo construídos a partir da produção e da interpretação dos textos.

O terceiro aspecto tem relação com a ideia de que os indivíduos constroem-se como sujeitos pela interação e que, a “intersubjetividade é anterior a subjetividade” (p. 29), ou seja, os elementos que cercam as relações de interação intervêm e antecedem na composição desses sujeitos. Isso significa que à medida que se intercalam os participantes, as relações sociais por eles estabelecidas, serão alteradas as reações, as atitudes destes sujeitos diante da interpretação dos significados.

Por fim, o quarto e último aspecto levantado, concerne ao fato de Bakhtin apontar dois tipos de sociabilidade: a relação que ocorre entre os sujeitos que interagem entre si e aquela que ocorre dos sujeitos com a sociedade. Bakhtin nos faz refletir a respeito da língua como prática viva, em que falantes interagem com a linguagem por meio do convívio social com demais indivíduos. É por meio da linguagem que os sujeitos interagem à medida que internalizam os papéis sociais e o conhecimento que possibilitam seu desenvolvimento psicológico. Percebe-se assim que a linguagem é uma atividade que se dá por meio da interação verbal entre os indivíduos envolvidos, materializando-se através das enunciações por estes construídas.

Bezerra (2008, p. 192) interpreta as palavras de Bakhtin afirmando que:

O modelo monológico não admite a existência da consciência responsiva e isônoma do outro; para ele não existe o ‘eu’ isônomo do outro, o ‘tu’. O outro nunca é outra consciência, é mero objeto da consciência de um ‘eu’ que tudo enforma e comanda. O monólogo é algo concluído e surdo à resposta do outro, não reconhece nela força

decisória. Descarta o outro como entidade viva, falante e veiculadora das múltiplas facetas da realidade social e, assim procedendo, coisifica em certa medida toda a realidade e cria um modelo monológico de um universo mudo, inerte.

Baseado na obra de Bakhtin intitulada “Problemas da poética de Dostoiévski”, Bezerra (2008) afirma que Dostoiévski considera que não pode compreender, conhecer ou afirmar seu próprio “eu” sem o outro:

Por sua natureza, o ‘eu’ não pode ser solitário, um ‘eu’ sozinho, pois só pode ter vida real em um universo povoado por uma multiplicidade de sujeitos interdependentes e isônomos. Eu me projeto no outro que também se projeta em mim, nossa comunicação dialógica requer que meu reflexo se projete nele e o dele em mim, que afirmemos um para o outro a existência de duas multiplicidades de ‘eu’, de duas multiplicidades de infinitos que convivem e dialogam em pé de igualdade (p. 194).

Corroborando com os preceitos de Bakhtin, Barros (2005) afirma que não podemos considerar a linguagem somente a partir do ponto de vista do locutor, sem fazer nenhum tipo de relação com aquele que recebe a mensagem e interpreta o seu significado. Então, podemos considerar que o ouvinte (ou leitor) não se trata apenas de um ser passivo neste processo comunicativo; contrariando esta visão, aquele que recebe a mensagem adota uma postura ativa, assumindo uma atitude de concordância, discordância, complementação, executando uma ação responsiva.

A autora afirma também que o locutor, consciente da ação compreensiva de seu interlocutor, elabora o seu discurso de modo a alcançar uma determinada ação, havendo uma alternância de vozes, configurando o caráter dialógico da linguagem. Entendendo que existe um “eu” que dialoga com um “tu”, citamos as palavras de Brait (1993, p. 206): “a interação acontece, necessariamente, entre pelo menos dois falantes que se caracterizam como atores da interlocução e que vão se relacionar enquanto parceiros”, ou seja, os interlocutores vão revezando-

se, ora na condição de falante, ora como ouvinte, interagindo no processo de construção dos sentidos de maneira colaborativa.

Por essa razão, segundo a perspectiva Bakhtiniana, os sentidos das coisas não são dados previamente, pois dependem da interação dialógica. Bakhtin (2006) afirma que a existência da palavra, tomada em seu sentido mais amplo, só se concretiza no contexto real de sua enunciação e que as relações sociais só ganham sentido pela palavra. Pode-se afirmar assim que o diálogo não se constitui apenas entre os locutores, mantendo relação com discursos já preexistentes, construindo desta maneira num movimento polifônico e, segundo Bezerra (2008, p. 194) a polifonia pode ser definida “pela convivência e pela interação”.

A partir das palavras de Bakhtin podemos ponderar que as pessoas não se constroem no silêncio e no isolamento, sendo a presença do outro que impulsiona o desenvolvimento e a aprendizagem, no caso de uma situação educativa. E para que se possa refletir melhor a respeito da real importância da palavra do outro nos processos interativos da linguagem, destaca-se o que diz Bakhtin (1997, p. 383):

Vivo no universo das palavras do outro. E toda a minha vida consiste em conduzir-me nesse universo, em reagir às palavras do outro (as reações podem variar infinitamente), a começar pela minha assimilação delas (durante o andamento do processo do domínio original da fala), para terminar pela assimilação das riquezas da cultura humana (verbal ou outra). A palavra do outro impõe ao homem a tarefa de compreender esta palavra (tarefa esta que não existe quando se trata da palavra própria, ou então existe numa acepção muito diferente).

A partir desses pressupostos, podemos perceber que quando se faz a opção por uma visão sociointeracionista, a linguagem utilizada na educação não pode por ser concebida como um mero instrumento de informação, de reprodução de ideias sem sentido, mas sim, como um caminho privilegiado por ações calcadas nas interações dos envolvidos. Não se pode apenas pensar em transmitir conhecimento, mas de construir ou de reconstruir o conhecimento. Nesse sentido, Freitas (1999, p. 172) levanta alguns questionamentos suscitados pelas ideias de Bakhtin, que levam a um repensar da nossa prática como professores:

O que é o aluno para mim? Objeto que observo e sobre qual derrubo o “meu saber” ou um sujeito com o qual compartilho experiências? Alguém a quem não concedo o direito de se expressar, o direito de autoria? Ou quem sabe, apenas reconheço sua voz quando ela é um espelho da minha? Aceito o seu discurso apenas quando reproduz o meu? O que acontece em minha sala de aula ? Ela é um espaço para monólogos ou o lugar onde muitas vozes diferentes se inter cruzam? Que tipo de interações aí transcorrem? Falo para um aluno abstrato ou ele existe para mim marcado pelo tempo e espaço em que vive? Conheço seu contexto, os seus valores culturais? O conteúdo das disciplinas tem a ver com esse meio cultural, com a vida dos alunos? Minha sala de aula é um espaço de vida ou apenas um espaço assepticamente pedagógico?

Quando transpomos as discussões de Bakhtin sobre a linguagem e as aproximamos às discussões sobre o processo comunicativo na EaD, se faz necessário reforçar a relação dialógica entre as pessoas. Isso porque, para o autor, é na sucessão dos sujeitos falantes que é evidenciado e observado o diálogo, sendo este último “por sua clareza e simplicidade, é a forma clássica da comunicação verbal” (BAKHTIN 1997, p. 294). CRUZ (2010, p. 281), ao corroborar com as ideias do autor russo, afirma que “ao realizar uma atividade em que utiliza a língua de maneira específica, um sujeito emite enunciados de acordo com as condições e a finalidade dessa atividade, dentro de um contexto histórico e social que interfere na sua produção e interpretação”. Neste sentido, Bakhtin (1997, p. 291) alega que, ao criar o seu enunciado, o locutor estabelece relações com outros enunciados, pois “cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados”.

Para Bakhtin (1997, p. 294):

Todo enunciado – desde a breve réplica (monolexêmica) até o romance ou o tratado científico – comporta um começo absoluto e um

fim absoluto: antes de seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados respostas dos outros (ainda que seja como uma compreensão responsiva ativa muda ou como um ato-resposta baseado em determinada compreensão). O locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes, e que termina por uma transferência da palavra ao outro por algo como um mudo dixi percebido pelo ouvinte, como sinal de que o locutor terminou.

Assim sendo, o entendimento de um enunciado se espelha em uma atitude responsiva ativa, ou seja, o entendimento gera uma resposta, e neste caso, aquele que ouve converte-se em locutor, pois tem a possibilidade de contestar a um enunciado anteriormente produzido. Desta maneira, se pode concluir que o enunciado possui um começo e um final – seu princípio se dá na relação com outros enunciados e é concluído para dar lugar à compreensão responsiva daquele que o recebe –, suas fronteiras são determinadas pela “alternância dos sujeitos falantes” (BAKHTIN, 1997, p. 294). Porém, de acordo com Freire, esta alternância somente se caracterizará como diálogo quando se constituir numa relação horizontal, “que não se faz de “A” para “B” ou de “A” sobre “B”, mas de “A” com “B” (FREIRE, 1987, p. 48).

Esta relação de horizontalidade remete à noção de polifonia de Bakhtin (1997). Para o autor, no caso do romance de Dostoiévski, já citado anteriormente, quando as vozes não se calam diante da dominação de outra e possuem espaço para se relacionar numa posição de igualdade, não se submetendo a uma voz dominante, temos aqui uma situação de polifonia. De acordo com Bezerra (2008, p. 194) “o que caracteriza a polifonia é a posição do outro como regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico”. Para o autor, este regente é dotado de uma ação especial, pois dirige vozes deixando com que elas se manifestem com autonomia “e revelem no homem um outro 'eu para si' infinito e inacabável” (p. 194). Em situação escolar, seja ela presencial ou na modalidade a distância, é comum encontrar o professor como voz dominante, o que neste caso, impediria a polifonia, impedindo

as manifestações espontâneas dos alunos e, muitas vezes, impedindo debates polêmicos em sala de aula e a liberdade de expressão. Desta forma teríamos um modelo monológico.

Como se pode observar, a linguagem tem papel central para Vygotsky e Bakhtin, constituindo-se no meio pelo qual o homem se constrói enquanto sujeito, organiza sua vida mental, sua realidade, situando-se sócio e historicamente. Segundo Freitas (1996, p. 168):

Há toda uma intertextualidade em suas obras, muitos elementos em comum e uma série de aspectos complementares. Comprometidos com uma transformação da realidade, partilham de uma base comum de pensamento: um Marxismo que considera a subjetividade e a singularidade em contraposição a um Marxismo dogmático, sociologista e economicista. Suas teorias, por considerarem o homem como ser essencialmente social e histórico, que na relação com outro, em uma atividade prática comum intermediada pela linguagem se constitui e se desenvolve como sujeitos, talvez tenham condições de apontar um novo caminho para as relações entre Psicologia e Educação.

Para estes teóricos, a palavra tem enorme valor e é por meio dela que se estabelecem as interações sociais. A consciência e o pensamento são construídos a partir das palavras e ideias que se formulam, e pelas interações. Ainda segundo Freitas (1996, p. 161), na perspectiva dos autores russos “o conhecimento é construído na interação, em que a ação do sujeito sobre o objeto é mediada pelo outro através da linguagem”.

Ao trabalhar sob estas perspectivas no processo educativo a distância, pode-se contribuir para que equipes pedagógicas que atuam no EaD, ademais de partirem do pressuposto que os sentidos são construídos em um contexto sócio histórico, façam uso de estratégias de interação para que a comunicação em ambientes virtuais de aprendizagem sejam facilitados.

### **3.4 Interação e linguagem: estratégias linguísticas em busca do diálogo colaborativo**

Sabe-se que as relações comunicativas na EaD podem ser feitas de diversas maneiras: textualmente, através de gráficos, com estímulos visuais (animações), audiovisuais (videoconferências, videoaula) etc. O que interessa aqui é focar a comunicação mediada baseada em textos construídos em fóruns de discussão, pois parte-se do pressuposto de que em um contexto virtual de ensino, as respostas escritas pelo professor e/ou tutor diante das questões levantadas pelos alunos constituem um elemento necessário nesta relação de interação pela linguagem, em que os participantes assumem papéis de interlocutores. Segundo Andrade (2008) a parte escrita e demais recursos presentes no AVEA devem colaborar para a construção múltipla de sentidos.

Para isso, o conceito de interação deve ser lembrado, pois alguns autores enfatizam a sua importância pedagógica (PALLOFF e PRATT 2004; MOORE e KEARSLEY, 2007; WICKERT, 2003) afirmando que ela ajuda a melhorar a motivação dos alunos, facilita na compreensão do novo conhecimento e sua acomodação com o conhecimento previamente adquirido e que auxilia o aluno a adquirir uma nova postura diante do conhecimento, mais instigadora, curiosa e contestadora, constituindo-se assim num elemento relevante no processo de ensino e aprendizagem, seja na modalidade presencial ou a distância.

Segundo Hegngi (1997 apud Campos, 2004) muitos dos cursos realizados a distância são copiados de modelos já instituídos na modalidade presencial, em que o professor reproduz seus conteúdos da mesma forma que o faria em sala de aula tradicional, sem buscar uma aproximação às possibilidades disponibilizadas pelas novas tecnologias. Muitos de nossos educadores não levam em consideração que esta é uma modalidade que possui uma natureza diferenciada e para atuar nela é necessário analisar, pesquisar e explorar ações pedagógicas adaptadas do ensino presencial, baseadas nos conceitos sobre interação, os quais já foram discutimos.

De acordo com Silva (2002, p. 184) “os eventos de interação representam o lugar onde são construídas a identidade do sujeito e a ordem social. Dessa forma, o texto interacional é co-construído pelos sujeitos, pois há um falante que age sobre outro(s)” fazendo da interação um fenômeno sociocultural. Pode-se entender dessa forma que em situações onde haja indivíduos envolvidos num ato comunicativo, há

aquele que recebe a informação e outro que, através da linguagem, provoca no destinatário um fazer interpretativo. Complementando esta ideia, Bem, Schuelter e Cruz (2003, p. 3) acrescentam que:

Numa relação, o indivíduo estabelece processos interativos consigo mesmo e com os outros, nos quais é enfatizada a importância da empatia, no sentido de colocar-se no lugar do outro, pois assim ocorrerá o compartilhamento e a compreensão de significados. O indivíduo poderá reinterpretar conforme a realidade ao seu alcance; nos processos de interação, cada uma das partes envolvidas influencia as demais. No âmbito educativo, escutar, compreender e colocar-se no lugar do outro são atitudes essenciais do processo comunicativo.

Silva (2002) destaca que a interação entre professor e aluno em sala de aula presencial muitas vezes se torna desigual, dadas as diferentes funções construídas socialmente entre os participantes, sendo que o professor “tem o objetivo de ensinar e o aluno, de aprender” (p. 184). Ele ainda ressalta que a interação em sala de aula “engloba ações do professor, reações dos alunos a essas ações, reações do professor às ações dos alunos e reações dos alunos entre si” (SILVA 2002, p. 185), buscando um equilíbrio entre as partes.

Ao tratar dessas questões sobre interação em sala de aula, (seja ela presencial ou virtual) Silva (2000) chama a atenção para as mudanças na postura do professor, para que na EaD não se reproduza o mesmo cenário do ensino presencial, em que o professor é o único responsável, na maioria das vezes, pela produção e a transmissão do conhecimento. Segundo o autor, se não houver a quebra de algumas posturas antigas, as TIC servirão apenas para reafirmar as práticas já existentes e, desta maneira, propõe que haja mais incentivo à interação no processo de ensino e aprendizagem.

Ribeiro e Bregunci (1986) apresentam algumas possibilidades que julgam serem importantes para uma prática baseada na interação em classe e apontam algumas sugestões que podem iluminar a prática docente em sala de aula presencial (a partir do sistema Flanders de análise de interação entre professor/aluno). Ainda que as autoras se

remetam ao ensino tradicional, acredita-se que estas sugestões possam ser de grande valia para a EaD, quando o professor poderá fazer uso destas sugestões e ampliar sua prática, buscando uma maior interação com seus alunos.

O sistema Flanders demonstrado pelas autoras Ribeiro e Bregunci (1986, p. 25) está dividido em categorias de interação e apontam para o fato de o professor estar ciente de que, de alguma maneira, seja direta ou indiretamente, ele exerce algum tipo de influência no seu aluno, por meio da linguagem verbal. Vale ressaltar que de acordo com Andrade (2008) a linguagem se apresenta de duas maneiras: a linguagem verbal e a não-verbal. A primeira refere-se à linguagem que faz uso da palavra para desenvolver a comunicação - “trata-se da forma de comunicação mais presente no cotidiano humano” (p. 120). Por sua vez, a linguagem não-verbal não tem a 'palavra' como principal instrumento de ação, fazendo-se presente através de imagens, ícones, sons, etc. (tudo o que não é palavra).

No que se refere às categorias de interação sugeridas por Flanders, as influências diretas referem-se a quando o professor expõe sua opinião sobre determinados conteúdos; dá instruções, fazendo direcionamentos; critica ou justifica a autoridade, fazendo que o aluno busque mudar o comportamento reprovável ou o recrimina. Segundo Campos (2004) se o professor estiver consciente de tais influências, poderá fazer uso dessas estratégias por meio da linguagem verbal e não-verbal a fim de encurtar as distâncias entre professor e alunos.

Por outro lado, as influências indiretas estão relacionadas a determinados comportamentos do professor, quando ele, por exemplo, aceita sentimentos dos estudantes de maneira não ameaçadora; elogia ou encoraja as ações e comportamentos dos alunos; aceita ou usa ideias dos alunos, desenvolvendo-as ou fazendo esclarecimentos; propõe perguntas sobre os conteúdos trabalhados, buscando envolver os alunos e provocar suas respostas.

Quando se transpõem essas ideias para a EaD, é relevante relembrar que uma das características desta modalidade é o fato de as interações acontecerem, principalmente, por meio de textos escritos, quando não se pode contar com a visualização dos interlocutores, que não “ouvirão” também, na maioria dos casos, o tom das palavras, nem as reações instantâneas de quem os “escuta”. Ainda que essas relações sejam mediadas por um computador, Teperino et.al (2006, p. 19) afirmam que:

O fato de não haver contato face-a-face não significa que a relação seja impessoal ou fria. As pessoas que estão atrás de um computador, por não estarem diretamente no convívio de uma turma de colegas e de professores, precisam ser acompanhadas com dedicação para que não se sintam isoladas ou perdidas no seu percurso de aprendizagem.

De acordo com Campos (2004) estas “salas de aulas virtuais” se diferenciam das presenciais, pois além de apresentarem novos hábitos discursivos (através das ferramentas assíncronas e síncronas) e por serem mediadas pelo computador, exibem marcas características do texto escrito. Hernández (2002) em sua resenha crítica sobre o livro “*Internet and the internet*” (do autor David Crystal, 2002) ressalta algumas considerações interessantes que Crystal levanta sobre o discurso oral x escrito. Entre elas se pode destacar que a fala estabelecida em ambientes virtuais não pende nem para o discurso falado nem para o discurso escrito. Seria um meio termo entre ambos, pois este tipo de discurso se nutre das características de ambas as modalidades. Marcuschi (2001) aponta que o discurso estabelecido no meio virtual está situado, muitas vezes, no entrecruzamento da fala e da escrita, caracterizando um texto híbrido.

Crystal (2002) afirma que elementos como a falta de respostas imediatas nas interações virtuais, de gestos (sorrisos, expressões que indicam tristeza, irritação, etc.), o ritmo consideravelmente mais lento das interações, a falta de elementos prosódicos<sup>12</sup> são algumas características que diferenciam uma conversação via ambiente virtual de uma realizada face a face. O autor ressalta que dentro dos discursos “eletrônicos” existe a presença dos *emoticons*, marcas que traduzem ou querem transmitir o estado psicológico emotivo de quem os emprega, por meio de ícones ilustrativos, por exemplo, mas que não são suficientes para estabelecer as mesmas características de uma conversa

---

<sup>12</sup> Segundo Scarpa (1999, p. 8) “o termo recobre, nos estudos linguísticos, uma gama variada de fenômenos que abarcam os parâmetros de altura, intensidade, duração, pausa, velocidade de fala, bem como o estudo dos sistemas de tom, entoação, acento e ritmo das línguas naturais”.

oral, quando os interlocutores se encontram presentes no momento exato em que proferem suas ideias e opiniões ao outro.

Kerbrat-Orecchioni citada por Campos (2004) aponta que aqueles que participam de uma situação comunicativa podem instituir pela linguagem uma sucessão de condutas que os auxiliam a manter uma boa relação com seus interlocutores e a manter a interação, fomentando um trabalho colaborativo, no qual todos são agentes ativos. Porém, Van Dijk (1977) afirma que para que esta prática seja colaborativa é necessário que haja algumas ações congruentemente integradas. Para o autor não basta a simples presença de dois indivíduos numa situação interativa para garantir o seu caráter colaborativo e sim, uma série de atitudes sequenciais, na qual os participantes podem comunicar de algumas maneiras – a unilateral (como é o caso da voz no professor expressa em materiais didáticos) – a bilateral, quando mais um agente, cujas ações são ordenadas sequencialmente, provocam uma interação real, de duas vias (como nas sala de bate-papo – *chats* – e nos fóruns de discussão).

Para a eficiência deste processo interacional, Barros (2005) afirma que os sujeitos que alternam papéis em busca da negociação dos sentidos deixam indícios que representam a sua intenção comunicativa. Sobre este tema, Koch (1992, p. 24) complementa a importância do uso de estratégias linguísticas interacionais e considera que:

Para atingir seu objetivo fundamental, cabe ao locutor assegurar ao seu interlocutor as condições necessárias para que este: a) seja capaz de reconhecer a intenção, isto é, compreender qual é o objetivo visado, o que depende da formulação adequada do enunciado; b) aceite realizar o objetivo pretendido, ou seja, concorde em demonstrar a reação e/ou o comportamento visado pelo locutor. Por isso, este deve realizar atividades linguístico cognitivas tanto para garantir a compreensão (tais como repetir, parafrasear, completar, corrigir, resumir, exemplificar, enfatizar, etc.), como para estimular, facilitar ou causar a aceitação (fundamentar, justificar, 'preparar o terreno', etc.).

Koch (2011, p. 36) aclara que estratégias interacionais são “estratégias socioculturalmente determinadas que visam a estabelecer, manter e levar a bom termo uma interação verbal”, sendo que é através destas que se pode dar orientações aos nossos enunciados. Entre elas, a autora cita - estratégias de preservação das faces, que se manifesta linguisticamente através de eufemismos, rodeios, mudança de tópico e dos marcadores atenuantes de modo geral (que visam suavizar a atitude do falante); - estratégias de polidez, que são socialmente estabelecidas, sendo determinadas geralmente com base nos papéis sociais que os interaguintes representam, com o intuito de preservar a própria face ou a do interlocutor, buscando o uso de mensagens que sejam uma mistura de atenção, respeito, consideração e solidariedade, de forma a construir um ambiente amigável; - uso de negociação diante dos possíveis mal entendidos que são, segundo a autora, inevitáveis no intercâmbio linguístico. A autora resume as estratégias interacionais como mecanismos que “visam a levar a bom termo um jogo de linguagem” (KOCH, 2011, p. 37).

Criscitelli e Barros (2008) acrescentam que o uso de estratégias interacionais como convites, solicitações, perguntas, repetições, exemplificações, entre outras também podem facilitar a aproximação entre os interlocutores, fazendo com que se mantenham ligados à situação comunicativa. As autoras, respaldadas nos estudos de Tannen afirmam que tais estratégias guiam ao envolvimento, fator muito importante no processo de ensino e aprendizagem, pois uma vez que o aluno se sinta parte desta ação comunicativa, ele terá predisposição para aprender com maior facilidade. Ainda com base nos estudos de Tannen, as autoras ressaltam que “a linguagem espontânea seduz mais do que a linguagem da prosa expositiva, porque transforma o texto escrito em algo mais envolvente” (p. 9).

Criscitelli e Barros (2008) apresentam alguns fatores levantados por Chafe que podem criar uma atmosfera de maior envolvimento, como por exemplo: o emprego de pronomes de primeira e segunda pessoa; a elaboração de perguntas; a preocupação, por parte dos participantes de uma interação, em responder as questões que lhes forem apresentadas; a elaboração de pedidos ou solicitações; o uso de marcadores conversacionais; o uso de expressões que revelem o interesse do locutor diante do assunto tratado, tais como emprego de vocabulário expressivo e, ainda, expressões de avaliação.

Andrade (2008) e Campos (2008) e Vieira (2009) acrescentam o uso de estratégias interacionais que devem estar presentes no discurso escrito produzido em ambientes virtuais, tais como: saudações, solicitação, suposição, expressões de “contentamento”, sugestão, concordância e discordância de opinião; elogios; agradecimento; explicação; verbos no imperativo; estruturas textuais de afirmação e a inclusão do aluno no texto, criando um ambiente de confiabilidade e intimidade.

De acordo com o que os autores supracitados postulam, se pode observar que há aspectos em comum sobre quais estratégias linguísticas interacionais podem ser empregadas no AVEA com o intuito de fomentar uma relação de interação entre os interlocutores. A partir da sugestão destes autores, elaborou-se um quadro ilustrativo que sintetiza algumas estratégias linguísticas que podem estar presentes no discurso de professores, tutores e alunos dentro de uma discussão num fórum de discussão:

Quadro 2: estratégias linguísticas interacionais

Saudações	Exemplificações
Elogios	Marcas de oralidade e informalidade
Perguntas	Uso de pronomes de 1ª p. do plural
Respostas às perguntas dos alunos	Uso de pronome de tratamento
Concordância ou discordância de opinião	Explicação + comentários
Convite	Verbos no imperativo

Fonte: Elaborado a partir de Criscitelli e Barros (2008), Andrade (2008), Campos (2004, 2008) e Vieira (2009).

Segundo Glaber (2010) sempre que a situação permitir deve-se fazer uso dessas estratégias, em seus textos escritos em ambientes virtuais, pois cabe aos interlocutores dar a esse diálogo um efeito verbal que satisfaça as possíveis carências que a linguagem não verbal possa, eventualmente, acarretar em uma discussão via fórum. Corroborando esta ideia, Campos (2008) acrescenta que o uso de estratégias linguísticas imprime um tom positivo, de aproximação e cortesia à

conversa e pode proporcionar uma interação colaborativa. A autora afirma que desta maneira se pode chegar a uma maior participação de todos no processo de ensino e aprendizagem, já que num fórum de discussão não se conta com elementos extralinguísticos frequentemente utilizados numa sala de aula presencial como, por exemplo, um olhar, expressões faciais e gestos, uma vez que professores e tutores fazem uso principalmente de textos escritos para se comunicarem com seus alunos em um ambiente virtual de aprendizagem.

A importância do uso dessas estratégias toma mais força quando respaldada na voz de Van Dijk (2000) ao declarar que não se pode simplesmente dizer a primeira coisa que nos vem à cabeça, de modo que devemos considerar o local do contexto onde nos encontramos e certas convenções ou estratégias de boa convivência que determinarão as possíveis interações em tal situação. O autor afirma que “possíveis ações e, conseqüentemente, possíveis objetivos e, conseqüentemente, possíveis discursos são restringidos pelas várias dimensões das situações” (VAN DIJK, 2000. p. 18). Embora o autor aqui faça menção ao diálogo oral estabelecido entre falante e ouvinte, sua alegação é concernente à interação que também pode ocorrer em textos escritos, uma vez que se considera o diálogo “num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja” (BAKHTIN, 2006, p. 117).

Para Albert e Migliorança (2008) a interlocução entre os participantes de um AVEA “permite ao professor criar um clima de troca e de construção de sentidos para a abordagem de conteúdos e escolha de procedimentos, além de possibilitar aos alunos um 'saber fazer' e não só reproduzir respostas corretas e adequadas”. (p. 107). É importante também salientar que através da linguagem o professor pode motivar seus alunos, conduzindo-os a uma reflexão sobre seu próprio processo de ensino-aprendizagem, não enfatizando apenas o produto do seu trabalho, como é tão comum acontecer no ensino de maneira geral. De acordo com Cunha (2007) é importante levar em consideração a necessidade de mostrar aos alunos que a escrita nesta modalidade “não deve se reduzir à experiência textual no sentido meramente físico, mas é algo que promove a reflexão, a discussão e, afinal, a compreensão de pressupostos teóricos que ele (aluno/leitor) possa transformar em mudanças na sua prática profissional” (p. 5).

Para tanto, a linguagem utilizada nos materiais produzidos para cursos a distância não pode se afastar de uma concepção de linguagem como interação, conforme foi discutido anteriormente. Assim, para motivar a participação dos estudantes, favorecendo a interação, os textos para a modalidade a distância, de modo geral, devem apresentar mais do que habilidades técnico-científicas. Segundo Sartori e Roesler (2006, p. 64):

[...] o material didático tem dinâmicas internas específicas de redação e de estrutura, pois pressupõe os leitores e deles necessita para adquirir significação. Sua estrutura e linguagem têm função de quebra da característica monológica do livro que separa produtores de leitores. Em EaD, a interação entre esses dois sujeitos é insistentemente perseguida, seja por mediação tecnológica (materiais didáticos, fax, e-mail, telefone, FAQs etc.) ou humana (sistema tutorial).

Ainda segundo as autoras, todo texto produzido para EaD deve buscar o exercício do diálogo entre os interlocutores, de maneira a evitar uma linguagem unilateral e ir ao encontro de uma comunicação dialógica. De acordo com Campos (2008, p. 94):

Ao considerarmos o caráter argumentativo, utilitário da linguagem, podemos nos valer de estratégias linguísticas de negociação para estabelecermos uma interação colaborativa. Na interação pela linguagem, instaura-se o sentido de nossas mensagens: as palavras que escolhemos para constituí-las não são neutras, mas carregadas de intenções, e seu verdadeiro sentido só será apreendido se forem considerados o autor da mensagem, sua intenção ao transmiti-las, os fatores que a circundam (como o espaço de onde é proferida, por exemplo).

Van Dijk (2000) ao apresentar um modelo estratégico do desencadeamento do discurso, complementa que a percepção de um discurso, seja ele oral ou escrito “não se constitui em uma simples

construção passiva de uma representação do objeto verbal, mas parte de um processo interacional no qual o ouvinte ativamente interpreta as ações do locutor” (p. 19). Através destas ideias, parece pertinente retomar às palavras dos filósofos russos Vygotsky e Bakhtin, pois ambos compreendem o homem como um conjunto de relações sociais, realçando a importância do social, do outro e da cultura na constituição do sujeito. Desta maneira, entende-se que uma educação preocupada com ações dialógicas pode partir de um diálogo traçado com elementos que ultrapassam a simples troca de palavras entre os interlocutores. Para tanto, o professor e seus tutores de um curso a distância podem pensar no uso de estratégias linguísticas que fomentem essa aprendizagem mais dialogada, alicerçada na construção dos sentidos.

Em seus estudos sobre interação verbal, Bakhtin (2006) afirma que ela se dá pelo diálogo, seja ele introduzido ou não em uma comunicação em voz alta entre pessoas colocadas face a face e, para o autor, a edificação de sentidos se dá pela multiplicidade de vozes, pelo dialogismo e pela polifonia, como já foi mencionado anteriormente. Vale ressaltar que, segundo Bakhtin (2006), o dialogismo pode ser notado no fato de um enunciado se relacionar com os enunciados já produzidos anteriormente, já que, para ele, todo discurso é composto ou permeado pela fala do outro, que não precisa ser necessariamente igual, pois podem ser contrários e conflituosos e, desta maneira, polifônicos, múltiplos. Assim, pode-se compreender que o discurso do outro dentro de cada um se dá à medida que esta pessoa aceita, negocia, recria, reinterpreta, reedifica os conceitos de outrem. Nas palavras de Bakhtin (2006, p. 151) “aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário, um ser cheio de palavras interiores.”

Acredita-se também que as ideias de Vygotsky (1998b) estejam em conformidade com os princípios da construção de um curso a distância preocupado com princípios de interação e colaboração, uma vez que os recursos didáticos disponíveis pelos AVEA permitem a comunicação, o intercâmbio de ideias, o trabalho em grupo e a construção social do conhecimento.

Vygotsky tem colaborado de maneira muito significativa para a educação, pois é um psicólogo que estava atento às questões de natureza social do ser humano. Nos seus estudos, Lopes (1996, p. 33) resalta que para Vygotsky “na ausência do outro, o homem não se constrói homem”,

ou seja, há a necessidade de expor o indivíduo a conhecimentos socialmente elaborados, pois cada pessoa apropria-se do novo conhecimento historicamente produzido para construir o seu próprio. Esta ação requer que os indivíduos sejam ativos e interajam com o meio através de instrumentos de mediação (podemos citar o professor e o tutor como agentes mediadores que atuam através da linguagem no AVEA) com o propósito de se apropriarem dos conhecimentos, e não simplesmente assimilá-los de maneira passiva.

Os preceitos abordados pela abordagem sociointeracionista da qual Vygotsky e Bakhtin fazem parte, postulam que o aprendiz é parte integrante de um grupo social e que deve ser encorajados a ter iniciativa de contestar, fazer descobertas e entender o mundo no qual esta inserido e as interações que ali acontecem. O papel do professor, neste caso, é o de favorecer esta convivência social, estimulando o intercâmbio de informações em busca da construção de um conhecimento coletivo e compartilhado, que tanto se busca na EaD.

O exposto leva a afirmar que o ensino, seja ele presencial ou a distância, pode transformar-se em espaço propício à construção do conhecimento de maneira compartilhada e a presença do “outro” constitui um fator relevante e que as diferentes vozes existentes (professores, tutores e alunos) na ferramenta fórum de discussão podem cada vez mais ganhar espaço nos AVEA. Assim, a compreensão do aluno será resultado do modo como ele interpreta as palavras do professor ou de seu tutor dentro de uma discussão num fórum de discussão, em decorrência de estratégias linguísticas de interação que venham a abreviar possíveis desentendimentos ou afastamentos na interlocução construída entre os participantes de um fórum de discussão.

## **4 METODOLOGIA DA PESQUISA**

Este capítulo tem como propósito descrever o contexto da pesquisa – a disciplina de LAI presente no curso de Letras Espanhol – Modalidade a distância (2010.1) – USFC e o os caminhos metodológicos que foram seguidos, bem como as categorias de análise escolhidas para a análise dos dados. Também será apresentada a análise dos dados, com base nos conceitos teóricos desenvolvidos no arcabouço teórico, apresentadas nos dois primeiros capítulos.

### **4.1 Caminhos metodológicos**

O procedimento aplicado nesta investigação tem abordagem qualitativa com delineamento descritivo. Segundo Bodgan e Biklen (1994, p. 48) a pesquisa qualitativa é descritiva, pois os “dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números”, ou seja, ao invés de fazer uso de estatísticas, regras e outras generalizações, a pesquisa quantitativa trabalha com descrições, comparações e interpretações, uma vez que, neste caso, pretende-se analisar as relações de interação em um fórum de discussão por meio da interpretação e descrição dos dados disponíveis na disciplina de LAI do curso de Letras Espanhol – modalidade a distância da UFSC. Ainda segundo os autores, a abordagem qualitativa exige que “o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 49). De acordo com Gil, (2007, p. 42) a pesquisa descritiva tem como objetivo principal “a descrição das características de determinada população ou fenômeno; e do estabelecimento de relações entre variáveis”.

Igualmente trata-se de um estudo de caso, em que se busca “apreender a totalidade de uma situação e, criativamente, descrever, compreender e interpretar a complexidade de um caso concreto, mediante um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado” (MARTINS 2008, p. 11). Segundo Lüdke e André (1986) o interesse no estudo de caso recai naquilo que há de único, de particular, “mesmo que posteriormente venham a ficar evidentes certas semelhanças com outros casos ou situações” (p. 17).

De acordo com Gil (2002) uma das objeções feitas ao estudo de caso é a dificuldade de generalizações. Para o autor, a análise de um único ou de poucos casos não fornece uma base consistente para generalizações, entretanto, o objetivo do estudo de caso não é o de propiciar o conhecimento exato das características de um determinado objeto de estudo, mas sim o de vislumbrar um panorama mais amplo do problema ou de reconhecer possíveis elementos que o influenciam ou que por ele são influenciados. É importante salientar também que o objetivo desta pesquisa não é criar padrões que possam ser aplicados na análise de outros fóruns de discussão voltados para cursos a distância. Mas sim, interpretar e descrever os dados deste ambiente específico, que é o curso de Letras espanhol – modalidade a distância/UFSC, a fim de facilitar o entendimento do processo como um todo.

Com base nas leituras realizadas para a realização desta pesquisa, adotou-se aqui os seguintes procedimentos metodológicos:

- levantamento de bibliografia que tratasse a EaD em um contexto mais amplo, apresentando algumas ideias básicas sobre esta modalidade, começando por um breve histórico sobre sua evolução, bem como algumas considerações sobre as relações de interação e colaboração da EaD, sobre ambiente virtual e a a plataforma *Moodle*. Posteriormente foram apresentadas algumas definições e vantagens da ferramenta fórum de discussão;

- levantamento de bibliografia que mostrasse a linguagem como forma de interação, como o fio condutor às interações humanas, partindo do pressuposto de que nos apropriamos da linguagem para nos colocar diante do mundo, buscando provocar alguma reação em nosso interlocutor, atuando ativamente sobre ele (Koch 1992, 2011). Para tanto apresentamos as ideias de Vygotsky (1998a, 1998b), que nos mostra um caminho em direção ao “outro” através da linguagem, da interação mediada entre os sujeitos socialmente construídos, uma vez que o conhecimento se concretiza nas relações com o “outro”, onde o aluno constrói seu conhecimento por meio de suas interações: e o conhecimento se dá por meio de um processo social. Apresentamos também as ideias de Bakhtin (1997, 2006) e seus pressupostos de que a função da linguagem não é apenas de exteriorizar pensamentos, mas sim a de comunicar e também é espaço onde o discurso de cada indivíduo se constrói e se (re) constrói a partir de situações significativas com os enunciados individuais e alheios;

- levantamento de bibliografia que nos reporte às interações escritas (presentes nas discussões em um fórum) a fim de fundamentarmos a possibilidade de investigar o uso de estratégias linguísticas que nos permitam entender como se dá esse processo de interação via fórum de discussão. Para esse fim, apresentamos considerações acerca das estratégias linguísticas interacionais que, teoricamente, sustentam possibilidades de interação em textos escritos segundo os preceitos de Koch (1992, 2011), Van Dijk (1977, 2000), Campos (2004, 2008), Andrade (2008) e Barros (2002), Vieira (2009). Estes autores ressaltam a importância de marcas linguísticas como o uso de declarações, explicações, exemplificações, perguntas, solicitações, recomendações, convites, suposições, etc. no discurso dos participantes de um fórum por se tratarem de elementos facilitadores da interação e colaboração.

Essa metodologia é a que mostrou-se mais se apropria ao objetivo geral desta pesquisa, possibilitando pelo estudo descritivo compreender como acontece o processo de interação nas trocas entre os participantes da disciplina língua espanhola IV do curso de Letras Espanhol – modalidade a distância, mediada pela ferramenta fórum de discussão.

## 4.2 O Universo da pesquisa

No ano de 2004 a UFSC iniciou um processo de amplificação e institucionalização de suas atividades em EaD. A política da universidade nesta modalidade abrange diferentes Unidades de Ensino, Departamentos, Cursos e Laboratórios, integrando projetos que congregam ações, condições e competências num programa de cooperação para implementar diversos cursos em níveis de graduação, Pós-graduação *lato sensu* e capacitação. Ainda há propostas de programas de formação, pesquisa e avaliação para proporcionar a qualidade e igualdade de valor aos programas nessa modalidade.

O Curso de Licenciatura em Letras – Espanhol na modalidade a distância faz parte do sistema Universidade Aberta do Brasil. A UAB<sup>13</sup> “é um sistema integrado por universidades públicas que oferece cursos de nível superior para camadas da população que têm dificuldade de acesso à formação universitária, por meio do uso da metodologia da educação a distância”. O Sistema UAB foi instituído pelo Decreto

---

<sup>13</sup> Disponível em <http://uab.capes.gov.br>

5.800, de 8 de junho de 2006 <sup>14</sup> , para "o desenvolvimento da modalidade de educação a distância, com a finalidade de expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no País" e fomentar a modalidade de educação a distância nas instituições públicas de ensino superior, bem como apoiar pesquisas em metodologias inovadoras de ensino superior respaldadas em tecnologias de informação e comunicação.

O curso de Letras Espanhol – modalidade a distância (que teve início em 2008.1) é oferecido pela UFSC para cinco polos distribuídos em dois estados brasileiros - Paraná e Santa Catarina, divididos entre os municípios paranaenses de Cidade Gaúcha, Foz do Iguaçu e Pato Branco, e os municípios catarinenses de Treze Tílias e Videira.

Segundo Costa e Vieira (2006) coordenadoras do curso de Letras Espanhol – modalidade a distância, a proposta curricular do curso é similar à sugestão do mesmo curso na modalidade presencial, oferecido pela própria UFSC. O curso a distância contempla o mesmo projeto político pedagógico do Departamento de Língua e Literatura Estrangeira – DLLE/UFSC do curso presencial. Seu currículo está composto por trinta e cinco disciplinas: incluindo Libras - Língua Brasileira de Sinais; e Introdução a Educação a Distância (60 horas); com duração de oito semestres e possui uma carga horária total de 3.098 horas. A previsão de conclusão da primeira turma é para o semestre de 2011.2. Em 2011.1 iniciou-se a reedição do curso, com previsão de término para 2014.2.

O projeto político pedagógico do curso de Letras Espanhol está alicerçado na tríade interação, cooperação e autonomia, estando estes dois últimos fundamentos unidos de forma interdependente, exigindo a contribuição de todos os envolvidos nesse processo (professores, tutores e alunos), unindo forças para alcançar um objetivo maior: que é o de valorizar a construção do conhecimento através da interação entre aluno-aluno, aluno-tutor, tutor-professor formador e aluno-professor-formador, em busca do conhecimento edificado de forma colaborativa (COSTA e VIEIRA, 2006).

Para oportunizar o desenvolvimento dessa atmosfera de interação é necessário, segundo Costa e Vieira (2006) criar espaços com tal propósito, tais como: seminários, discussões e formulação de questões aos conteúdos trabalhados via fórum de discussão; trabalhos

---

<sup>14</sup> Disponível em <http://uab.capes.gov.br>

em pares ou em grupos; consultas a especialistas que possam contribuir de maneira mais concisa; artigos escritos de maneira colaborativa e elaboração e execução de projetos de pesquisa. Segundo as autoras, tais iniciativas podem contribuir na capacidade dos indivíduos de posicionarem de maneira mais crítica nos diversos âmbitos da vida (tanto em espaços públicos como privados), ampliando seus domínios do conhecimento, a capacidade de decisão, de selecionar e processar informações, a criatividade e a iniciativa. Para as autoras, “tais capacidades, entretanto, não são totalmente inerentes ao indivíduo, mas sim construídas e desenvolvidas por meio de uma série de ações, e de tomada de decisão frente a novos contextos educativos” (p. 2006, p. 20), nunca esquecendo que tais habilidades necessitam de espaços apropriados para serem desenvolvidas por meio de pedagogias que propiciem o desenvolvimento da autonomia do aluno.

Para tanto, o curso foi pensado com a colaboração de uma equipe multidisciplinar composta, sobretudo, por professores do DLLE/UFSC e por convidados de outras instituições de ensino superior. Também fazem parte da elaboração e execução de alguns projetos, profissionais do Departamento de Design Gráfico/UFSC, que são responsáveis pelo desenvolvimento e manutenção do AVEA e de hiperfídias de conteúdos para o curso; professores do Departamento de Jornalismo, responsáveis pela produção dos DVD's e professores do Centro de Ciências da Educação (CED) responsáveis pela Coordenação Pedagógica das Licenciaturas em EaD/UFSC que tem por objetivo preparar as equipes de trabalho (professores, alunos, monitores, tutores, técnicos) e implementar a proposta pedagógica nos materiais didáticos produzidos especialmente para o curso.

No que tange ao sistema de acompanhamento da aprendizagem, este estará sob o amparo dos seguintes agentes: do professor da disciplina, responsável ou não pelo conteúdo disponibilizado de forma impressa e online; do tutor, desdobrando-se em um tutor de conteúdos nos polos regionais, responsável por vinte a trinta alunos e tutor de conteúdos de uma disciplina, alocado na UFSC, sob a coordenação direta do professor responsável pela disciplina na qual o tutor esteja atuando.

Segundo o Guia do Tutor (UFSC, 2011) do curso de Letras Espanhol – modalidade a distância o professor tem as seguintes responsabilidades: elaborar o material didático organizado

especialmente para sua disciplina; planejar e desenvolver a disciplina; organizar o plano de ensino, conforme modelo definido para o curso; participar da escolha dos tutores/UFSC que atuarão na sua disciplina; acompanhar, junto com a tutoria, o processo de aprendizagem dos alunos; agendar horários para o atendimento, seja por videoconferência, e-mail, mensagem, bate-papo ou telefone; realizar encontros presenciais da disciplina; organizar as atividades presenciais, até 30% da carga horária total, que se desdobrarão entre avaliações, seminários integradores e atendimento presencial pela tutoria; realizar avaliações e correção em conjunto com os tutores; e participar das reuniões pedagógicas de planejamento e avaliação do curso.

Sobre as atribuições dos tutores, o Guia do Tutor (UFSC, 2011) ressalta que este atua como um mediador entre os professores, alunos e a instituição e deve cumprir o papel de auxiliar do processo de ensino-aprendizagem ao esclarecer dúvidas de conteúdo, reforço e ensino, coletar informações sobre os estudantes e prestar auxílio para manter e ampliar a motivação dos estudantes.

O curso de Letras Espanhol – modalidade a distância conta com a presença de dois tipos de tutor: o presencial (de polo) e o tutor a distância (tutor da UFSC). O tutor presencial representa o contato mais próximo do aluno com o polo regional e é o representante da UFSC naquela cidade. Ele atua no polo regional, mantendo contato com o aluno pelos meios de comunicação e também diretamente, ao realizar encontros presenciais obrigatórios com seu grupo ou atender solicitações individuais de alunos que se deslocarão até o polo à procura de orientação para seus estudos. Além disso, o tutor presencial tem como atribuições específicas: organizar grupos de estudo, que estão sob sua responsabilidade (em média, cerca de vinte e cinco alunos); realizar atividades sob supervisão do professor da disciplina; acompanhar e coordenar as videoconferências juntamente com o coordenador do polo; e aplicar as avaliações presenciais das disciplinas. Deve ser licenciado em Letras Espanhol, preferencialmente que trabalhe na rede pública local e deve cumprir 20 horas semanais de trabalho no seu polo regional.

O tutor a distância, que está alocado na UFSC, deverá atuar como tutor de conteúdo de uma disciplina específica. Realiza seu trabalho no campus da UFSC em Florianópolis, sob a orientação direta do professor da disciplina para a qual foi selecionado. Deve ter vínculo com a universidade, preferencialmente como estudante de programa de pós-graduação em áreas afins à formação de professor de Letras

Espanhol. Cada disciplina conta com quatro tutores que devem cumprir vinte horas semanais de trabalho. Dentre das atribuições comuns aos dois tipos de tutores – presencial (de polo) e a distância – destacam-se as seguintes: orientar os alunos a planejar seus trabalhos; orientar e supervisionar grupos; esclarecer dúvidas sobre o conteúdo das disciplinas; esclarecer os alunos sobre regulamentos e procedimentos do curso; proporcionar *feedbacks* dos trabalhos e avaliações realizadas; representar os alunos junto aos responsáveis pela universidade; participar da avaliação; manter contato constante com os alunos; e participar de cursos de formação que potencializem o seu trabalho. É importante destacar que todas essas atividades realizadas pelos tutores estão articuladas com os professores das respectivas disciplinas.

O curso também conta com o apoio de um auxiliar administrativo (monitor) que auxilia os trabalhos administrativos no polo; do secretário do curso, responsável pela documentação da secretaria; e, finalmente, por um coordenador da tutoria que é responsável de um professor do Curso de Letras Espanhol que coordenará as atividades dos tutores (COSTA e VIEIRA, 2006). Esses profissionais são responsáveis pelo planejamento, operacionalização e avaliação da aprendizagem.

O modelo do curso de Letras Espanhol – modalidade a distância ainda inclui, por disciplina, alguns materiais e recursos didáticos especialmente planejados para melhor atender os seus alunos. Entre eles pode-se citar:

- material impresso: que o estudante recebe ao ingressar no curso. Trata-se de um guia geral do curso e um livro texto para cada uma das disciplinas no qual consta o conteúdo básico a ser trabalhado. Os materiais são distribuídos gratuitamente pela instituição;
- o uso do ambiente virtual de aprendizagem (AVEA- Moodle)<sup>15</sup> que tem como objetivo expandir os limites do material impresso;
- o uso de vídeo aulas, gravadas em DVD, para as disciplinas de língua estrangeira e de literatura, que contêm os conteúdos propostos pelos professores, com o intuito de auxiliar o aluno a ampliar, reforçar e refletir sobre as teorias estudadas. Além

---

<sup>15</sup> Este recurso será abordado mas detalhadamente na próxima sessão.

- desse vídeo, através de aulas previamente planejadas, o professor também pode, conforme as necessidades do andamento da disciplina, gravar mais vídeo aulas que são disponibilizadas aos alunos no AVEA;
- as videoconferências, que são utilizadas para o processo de ensino e aprendizagem por meio de aulas ministradas pelo professor da disciplina e podem também ser empregadas como uma ferramenta para a reunião de trabalho entre os tutores nos polos, os tutores na UFSC, dos docentes e a coordenação.

Vale ressaltar que, conforme modelo do curso, cada disciplina precisa ser organizada de forma a contemplar seu programa e realização de duas videoconferências e um encontro presencial para cada polo, pois este curso prevê 30% de suas atividades presencialmente, somadas a 70% de carga horária a distância. A carga horária presencial é realizada nos polos de apoio regionais e compreende: encontros obrigatórios entre alunos e tutores; encontros obrigatórios realizados pelos professores das disciplinas (uma visita por polo) com os alunos e avaliações (duas presenciais por disciplina que são aplicadas pelos tutores polo).

#### **4.3 Ambiente Virtual Ensino e Aprendizagem (AVEA) - Moodle**

O ambiente virtual utilizado pela UAB é o *Moodle*; é usado um *Course Management System* (CMS), também conhecido como *Learning Management System* (LMS) ou Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) ou ainda Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem (AVEA). Trata-se de um aplicativo web gratuito de código aberto (*open source*) que os educadores podem utilizar na criação de sites de aprendizado.<sup>16</sup>

A adoção do *Moodle* pelas universidades federais brasileiras como AVEA padrão para as ações referentes à educação a distância ocasionou uma estabilização nas experiências que vinham sendo realizadas desde a década de 1990 com os ambientes criados por pesquisadores brasileiros, tais como o TELEDUC, usado pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); o ROODA, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e o EUREKA, criado pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), entre outros.

---

<sup>16</sup> Disponível em <http://moodle.org/> acesso em 10 jun. 2011.

Esta plataforma de ensino e aprendizagem<sup>17</sup> tornou-se muito popular entre os educadores de todo o mundo como uma ferramenta para criar sites de web dinâmicos para seus alunos. Para funcionar, o *Moodle* precisa ser instalado em um servidor web, em um de seus próprios computadores ou numa empresa de hospedagem. Trata-se de um sistema para gerenciamento de cursos, totalmente baseado em ferramentas da web, requerendo do usuário um computador conectado à internet e a disponibilidade de um navegador, a exemplo do Firefox e do Internet Explorer. O *Moodle* procura cobrir três eixos básicos do processo de ensino-aprendizagem:

- Gerenciamento de conteúdos: organização dos temas a serem disponibilizados aos estudantes no contexto de disciplinas/turmas.
- Interação entre usuários: diversas ferramentas para intercâmbio virtual entre estudantes e professores: fórum, bate-papo, mensagem instantânea, etc.
- Acompanhamento e avaliação: definição, recepção e avaliação de tarefas, questionários e enquetes, atribuição de notas, cálculo de médias, etc.

O foco do projeto *Moodle* é disponibilizar aos educadores as melhores ferramentas para gerenciar e promover a aprendizagem, podendo ser usado como plataforma para a realização de cursos online, como também ser usado como contato em seus cursos (conhecido como *blended learning*) e também como apoio dos cursos presenciais; pode-se usar os módulos de atividade (como fóruns, *wikis* e bancos de dados) para construir comunidades amplamente colaborativas de aprendizagem em torno de seu tema (na tradição construcionista social), enquanto outros preferem utilizar o *Moodle* como um meio de fornecer conteúdo aos alunos (tais como pacotes padrão *SCORM*) e avaliar a aprendizagem utilizando tarefas ou testes.<sup>18</sup>

O uso do *Moodle* como um AVEA pressupõe que o professor utilize as ferramentas da plataforma para: comunicação em tempo real (*chat*); discussões assíncronas e publicação de produção (todo tipo de arquivo de texto e de imagem e som) com possibilidade de crítica e

---

<sup>17</sup> Estas e outras informações acerca da plataforma *Moodle* estão disponíveis nos sites <http://moodle.org> e <http://ead.moodle.ufsc.br/>.

<sup>18</sup> Estas e outras informações acerca da plataforma *Moodle* estão disponíveis nos sites <http://moodle.org>

revisão e reedição (fórum); autoria colaborativa (*wiki*); projetos coletivos (glossário, banco de dados); avaliação com feedback imediato (*hot potatoes*), dentre as mais comuns.

Na UFSC o *Moodle* é utilizado há vários anos em programas de Educação a Distância e desde o primeiro semestre de 2009 ele está também disponível como apoio aos cursos presenciais. O *Moodle* EAD/UFSC opera de forma síncrona com os sistemas acadêmicos de graduação (CAGR) e pós-graduação (CAPG), de forma que o cadastramento de disciplinas, turmas, professores, tutores e estudantes, no *Moodle*, são realizados automaticamente com base nos dados contidos nesses sistemas acadêmicos. Para ter acesso ao curso de Letras Espanhol – modalidade a distância, os alunos devem acessar o ambiente através do endereço eletrônico <<http://ead.ufsc.br/espanhol/>>, inserir o número de matrícula e uma senha pessoal.

Como um AVEA, o *Moodle* oportuniza várias possibilidades de interação entre seus envolvidos, potencializando o ensino e a aprendizagem a distância cruzando as fronteiras do material impresso,

proporcionando uma leitura hipertextual e multimidiática dos conteúdos curriculares que, para serem acessados em Ambiente Virtual, podem ter como ponto de partida um pequeno texto que se vale de animações, links diretos, vídeos, simulações, bibliotecas e laboratórios virtuais (COSTA e VIEIRA, 2006, p. 7) <sup>19</sup>.

A pesquisa que se está apresentando se deu dentro da plataforma *Moodle*, mais especificamente nos fóruns de discussão, propostas como espaços interacionais, presentes na disciplina de Linguística Aplicada I (LAI) no curso de Letras Espanhol – modalidade a distância. De acordo com Cruz e Grumiché (2011), nessa plataforma estão disponíveis alguns tipos de fóruns, sendo as possibilidades de formato de fórum do *Moodle* as seguintes:

- a) uma discussão única com apenas um tópico, geralmente criado para um debate coletivo a partir de uma pergunta geradora; b) uma discussão

---

<sup>19</sup> Disponível no Projeto de curso Licenciatura em Letras – Espanhol (modalidade a distância) – UFSC – 2006.

marcada pela presença explícita do aluno para a tarefa, pois cada usuário pode iniciar apenas um tópico; c) fórum geral livre de perguntas e respostas; d) fórum de perguntas e respostas, gerando várias discussões tanto em volta do mesmo tema, bem como sobre os mais variados assuntos. O formato dos fóruns vai assim influenciar a quantidade de tópicos (ou postagens) gerados em cada um deles.

Os fóruns de discussão única, com apenas um tópico, são criados por um responsável que pode delimitar como ele vai ser “desenvolvido, definindo quem vai ter permissão de participar daquele espaço” (CRUZ e GRUMICHÉ, 2011, p. 7). Eles foram utilizados na disciplina de LAI e são objetivos deste estudo.

#### **4.4 Amostra: a disciplina escolhida**

Após uma pesquisa no universo do Curso de Graduação em Letras Espanhol – modalidade a distância da UFSC, foi escolhida como amostra a disciplina de LAI (Linguística Aplicada I) realizada no 5º semestre do curso (2010.1), no período de 12 de maio a 05 de julho de 2010. Trata-se de uma disciplina obrigatória, com carga horária de 60 horas/aula, com o objetivo de proporcionar aos alunos um estudo dos princípios de linguística aplicada e sua relação com o ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras no Brasil, em diferentes contextos institucionais e não institucionais. A disciplina está sob a responsabilidade de uma equipe composta por duas professoras e quatro tutores da UFSC, contando ainda com o apoio de dois tutores presenciais por polo.

A escolha desta disciplina se deu por tratar-se de um espaço que apresenta temas que costumam ser bastante polêmicos no campo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, tais como: crenças, teorias, interação e aquisição, métodos e meios de ensino, entre outros. Estes temas geralmente incitam longas discussões em sala de aula e são bem significativos para a formação de um futuro professor de línguas. Também se pode observar um número expressivo de postagens nos fóruns desta disciplina, comparando-os com os de outras, o que se considera, diante de uma pré visualização das postagens, a possibilidade de haver uma quantidade significativa de material a ser analisado. Outro

fator que contribuiu para a escolha dessa disciplina foi ela ser ministrada em língua portuguesa, o que não ocorre com a maioria das disciplinas do curso em questão. Esse fator auxilia por não ser um limitante para a participação dos alunos, que poderiam sentir-se inibidos a expressar suas opiniões em língua espanhola. Além disso, também haveria a questão da tradução das postagens, o que demandaria mais tempo na análise do corpus desta pesquisa.

Outro elemento relevante para a escolha desta disciplina entre tantas outras oferecidas pelo curso foi a preocupação da equipe pedagógica de LAI em fazer com que o uso da ferramenta fórum fosse bem sucedido. Essa preocupação está demonstrada no documento postado pela equipe pedagógica da disciplina, intitulado “Participando de um fórum”, onde se apresentam algumas “regras” de como os alunos devem comportar-se ao participar do fórum. Nessas regras, a equipe ressalta que a ferramenta por si só não garante que processos de aprendizagem, de construção de conhecimento e de interação entre os participantes sejam desencadeados e reforça algumas informações sobre a ferramenta; espera-se que os alunos participantes leiam as postagens feitas e, na medida do possível, façam menção a elas, referindo-se a questões que lhes chamaram a atenção ou fazendo um contraponto com alguma questão levantada/discutida, que o fórum não seja simplesmente um “agregado de postagens” desconexo entre si, mas sim que o diálogo se estabeleça entre os participantes mediados pelos seus textos, etc. Observa-se uma preocupação da equipe de LAI em fazer bom uso dessa ferramenta no intuito de incrementar as discussões propostas pela disciplina em busca de um espaço mais interativo e colaborativo. Essa mesma preocupação não foi identificada em outras disciplinas do curso.

Na plataforma *Moodle*, a disciplina foi dividida em oito unidades, nas quais podemos encontrar três propostas de fórum de discussão, a saber:

- 1) Unidade 1 – Fórum construído para dar início a uma discussão sobre as crenças a respeito do ensino e da aprendizagem de Língua estrangeira (LE).
- 2) Unidade 2 – Fórum continuado - assim intitulado para dar espaço às diferentes temáticas sobre ensino-aprendizagem de língua estrangeira.
- 3) Unidade 5 – Fórum de fechamento da disciplina: “A gramática na sala de aula de língua estrangeira: mocinha ou vilã?”



Figura 2: Acesso ao fórum 5 da disciplina de LAI<sup>20</sup>

Por tratar-se de grande quantidade de atividades propostas e por questões de delimitação do trabalho, nesta pesquisa serão observados apenas dois fóruns de discussão propostos pela disciplina de LAI: o da primeira unidade – com oitenta e uma (81) postagens e o da quinta unidade – com cinquenta e duas (52) postagens. O fórum da unidade dois foi desconsiderado por estar subdividido em outros três subtemas, o que dificulta a visualização da discussão como um todo. O chamado “fórum tira-dúvidas” também foi desconsiderado porque, mesmo que tenha uma proposta voltada a esclarecer os alunos com relação a conteúdos na prática, se configura mais como um espaço de negociação de datas de entrega de atividades, informações sobre critérios de avaliação, não gerando discussões mais aprofundadas acerca dos temas propostos mas, sim, de problemas pontuais, técnicos, que dizem respeito mais ao funcionamento da disciplina que aos conteúdos nela discutidos.

<sup>20</sup> Nas figuras 3, 4 e 5 foram retiradas as fotos e o nome dos componentes da equipe que apareciam no ambiente com o objetivo de preservar suas imagens.

## 4.5 Coleta dos dados

O primeiro passo para a coleta de dados foi a disponibilização, pela coordenação do curso, de uma senha especial de acesso ao Moodle, permitindo assim o acompanhamento de todas as atividades realizadas na disciplina de LAI. O acompanhamento dos textos produzidos pelos graduandos nos fóruns da disciplina não ocorreram simultaneamente à realização da disciplina, e sim em formas posteriores.

O processo de análise dos dados teve início no semestre de 2010.2 e se deu através da leitura prévia e atenta dos fóruns escolhidos, observando se havia a presença de estratégias linguísticas utilizadas no discurso de professores e tutores. Essa observação seguiu alguns passos importantes, respeitando recomendações de Severino (2000, p. 51) de que “a leitura de um texto, quando feita para fins de estudo, deve ser feita por etapas, ou seja, apenas quando terminada a análise de uma unidade é que se passará à seguinte”.

Seguindo esse princípio proposto pelo autor, a coleta e análise dos dados para a realização desta pesquisa foi do tipo analítica, a qual favorece a compreensão global do significado do texto a ser analisado. A leitura dos fóruns de discussão da disciplina de LAI deu-se, então, respeitando os seguintes passos, de acordo com Severino (2000):

- 1) análise textual: primeira etapa que visou a preparação da leitura de maneira não muito aprofundada, porém atenta, para adquirir uma visão geral dos fóruns de discussão. Nessa fase foram elaborados pequenos esquemas a fim de permitir uma visualização global das discussões e identificar a presença de estratégias linguísticas;
- 2) análise temática: refere-se à compreensão do texto. Visou determinar os temas propostos, as ideias centrais que foram discutidas e suas ideias secundárias;
- 3) análise interpretativa: tratou-se da interpretação dos fóruns. Teve como objetivo maior observar a coerência e argumentação das interações realizadas pelos professores, alunos e tutores nos fóruns de discussão, com o intuito de analisar a existência do uso das estratégias, buscando verificar se suas funções facilitaram a interação entre os participantes dos fóruns;

- 4) problematização: retomada aos fóruns, buscando a reflexão pessoal mais aprofundada. Visa buscar questões que passaram despercebidas, pontos que ficaram implícitos nas discussões dos fóruns;
- 5) síntese pessoal: elaboração de roteiros, de fichas de documentação, agrupamento de ideias, facilitando assim o posterior manuseio, estudo e interpretação dos dados.

#### **4.6 Descrição e Análise de dados**

A análise dos dados buscou responder ao seguinte questionamento: se há o uso de estratégias linguísticas utilizadas na ferramenta fórum da disciplina de LAI e se elas estão contribuindo de forma a facilitar a interação entre seus participantes na referida disciplina. Esta análise foi realizada com base nas orientações de Gil (2007, p.133) somadas às orientações de Severino (2000), citadas acima, em que os autores descrevem a análise qualitativa de dados como sendo uma sequência de atividades a serem elaboradas, envolvendo etapas como: análise textual, análise temática, análise interpretativa, problematização, bem como a redução de dados - sendo que esta consiste no processo de “seleção, simplificação, abstração e transformação dos dados originais” (GIL, 2007, 133-134); a categorização dos dados – na qual são organizados pelo pesquisador, a fim de que ele possa tomar decisões e tirar conclusões a partir deles; a interpretação dos dados - que descreve a categorização, buscando acrescentar algo ao já existente sobre o assunto.

#### **4.7 Categorias de análise**

Os fóruns da disciplina de LAI serão analisados a partir de dois critérios de avaliação. O primeiro diz respeito ao funcionamento geral dos fóruns, através de algumas características básicas que devem conter esta ferramenta para apresentar-se como uma ferramenta interativa, segundo o olhar de estudiosos como Moore e Kearsley, 2007; Gutiérrez, 2003; Pérez et.al, 2004. Posteriormente será observada a existência do uso de estratégias linguísticas nas interações realizadas nos fóruns da disciplina. Dessa maneira, o segundo grupo de critérios de análise foi baseado nas sugestões de Criscitelli e Barros (2008), Andrade (2008) e Campos (2004; 2008) e Vieira (2009), estudiosos que discorrem sobre questões pertinentes ao uso de estratégias que auxiliem da promoção a

interação na EaD, de maneira que o locutor possa atuar sobre seu interlocutor.

#### **4.7.1 Funcionamento geral dos fóruns**

Os critérios de avaliação do funcionamento geral dos fóruns de discussão propostos na disciplina de LAI foram selecionados através de uma síntese das discussões apresentadas no capítulo I sobre como deve ser a organização básica de um fórum de discussão, ferramenta entendida como espaço propício para uma relação dialógica entre seus participantes. Com base na reflexão teórica que dá suporte a esta pesquisa, busca-se identificar, em primeiro plano, se os fóruns da disciplina de LAI seguem as recomendações técnicas sugeridas por vários autores, Moore e Kearsley, 2007; Gutiérrez, 2003; Pérez et.al., 2004) no que diz respeito a sua configuração básica. Segundo esses autores, os fóruns devem conter algumas características mínimas para o seu bom funcionamento, buscando a interação entre seus participantes. Dessa maneira, foram selecionadas algumas características básicas para dar foco à primeira etapa da análise do corpus da pesquisa, observando se os fóruns da disciplina de LAI estariam de acordo com tais recomendações. As características selecionadas são as seguintes:

Quadro 3 - Funcionamento geral dos fóruns

<b>Recomendações gerais sobre o funcionamento de um fórum</b>
a) Conter mensagem inicial
b) Respostas à mensagem inicial
c) Mensagem de acompanhamento
d) Resumo das mensagens
e) Definir os papéis dos envolvidos
f) Ter objetivos claros expostos
g) Os responsáveis devem aparecer na função de moderadores
h) Exibir as regras de participação no fórum
i) Critérios de avaliação
j) Estipular o tempo máximo para postagem

k) Número mínimo de participações (pelo menos uma participação)

Fonte: Moore e Kearsley, 2007; Gutiérrez, 2003; Pérez et.al, 2004

A partir dos dados encontrados nos dois fóruns, construiu-se o seguinte quadro:

Quadro 4: Recomendações gerais dos fóruns encontradas em LAI

<b>Recomendações gerais sobre o funcionamento de um fórum</b>	<b>Fórum 1</b>	<b>Fórum 5</b>
Conter mensagem inicial	√	√
Respostas à mensagem inicial	√	√
Mensagem de acompanhamento	√	Apenas uma em toda a discussão
Os responsáveis devem aparecer na função de moderadores	6 aparições	2 aparições
Definir os papéis dos envolvidos	Não consta	Não consta
Ter objetivos claros expostos	Não consta	Não consta
Resumo das mensagens	√	√
Exibir as regras de participação no fórum	√	√
Critérios de avaliação	Não explícitos	Não explícitos
Estipular o tempo máximo para postagem	√	√
Número mínimo de participações (pelo menos uma participação)	Não consta	Não consta

Fonte: Elaborado a partir de MOORE e KEARSLEY, 2007; GUTIÉRREZ, 2003; PÉREZ et.al, 2004

#### 4.7.1.1 Conter mensagem inicial

Ambos os fóruns começam com uma pergunta inicial. No fórum 1 quem dá o pontapé inicial à discussão é a professora da disciplina, com uma espécie de boas-vindas aos alunos. Esse fórum começa com a seguinte mensagem inicial:

*Exemplo 1 (PROFESSORA): Gostaríamos de convidá-los a participar de um fórum para compartilhar opiniões sobre o seguinte mito: Uma língua estrangeira só pode ser aprendida no país onde ela é falada. Você concorda com ele? Totalmente? Parcialmente? Discorda? Já esteve alguma vez morando num lugar onde se fala espanhol Ou outro língua diferente do português? Conhece alguém que passou por essa experiência?*<sup>21</sup>

Em seguida a professora apresenta depoimentos de alguns pesquisadores da área de Linguística Aplicada sobre o referido tema, sugere alguns textos para leitura complementar e vídeos da internet para serem assistidos e incrementar a discussão; termina a mensagem com um convite:

*Exemplo 2 (PROFESSORA): Então, o que você acredita? Expresse sua opinião! Conte sua ou outra experiência! Será que essa crença está influenciando a sua aprendizagem de espanhol?*

O fórum 5 foi iniciado por uma das quatro tutoras responsáveis pela disciplina. A mensagem inicial é a seguinte:

*Exemplo 1 (TUTORA UFSC): Na unidade V tivemos a oportunidade de ver que há diferentes tipos de gramática, verdade? Mas o papel da gramática no ensino de LE sempre foi um tema bastante controverso. Então, baseado na sua experiência de aprendizagem de espanhol no*

---

<sup>21</sup> Todos os trechos retirados das discussões presentes nos fóruns de discussão da disciplina de LAI estarão em itálico e serão mantidos tal e qual os originais. Os nomes dos alunos e dos professores serão ocultados para preservar a identidade dos mesmos. As discussões analisadas nesta pesquisa estão disponíveis na íntegra no Anexo A.

*EaD, conte para nós: o que você entende por gramática? Muito importante: neste momento queremos ouvir a sua voz, conhecer a sua definição e não a definição dada no material didático, nem fundamentada em nenhuma teoria. Após essa definição, por favor, explique de que forma a gramática tem sido um fator positivo e/ou negativo na sua aprendizagem nesse curso. Preparados para esse desafio? Então, solte o verbo (transitivo, ou intransitivo??!!!).*

#### **4.7.1.2 Respostas à mensagem inicial**

Em ambos os fóruns, pelo número de postagens, percebe-se que há a participação por parte dos alunos e uma preocupação em responder à pergunta inicial. Porém, no fórum 1 há oitenta e uma (81) postagens e no fórum 5, existem cinquenta e duas (52) postagens. Ao realizar um paralelo destes números com a quantidade de alunos inscritos no curso no semestre de 2010.1 – que era de cento e doze (112) (segundo dados da secretaria do curso de Letras Espanhol – modalidade a distância), pode-se observar que o número de postagens em ambos os fóruns é menor que o equivalente a uma postagem por aluno inscrito no curso. As participações no fórum 1 equivalem a 72% das participações, enquanto no fórum 5, equivale a 46%, demonstrando que nem a metade dos alunos contribuíram nas discussões.

Ao considerar que alguns alunos podem ter participado mais de uma vez e se no total de postagens for incluída a participação da professora e dos tutores, essa porcentagem de participação pode ficar ainda mais baixa. Entretanto, esses números podem ser relativizados, pois não se sabe se todos os cento e doze alunos inscritos estavam de fato cursando a disciplina de LAI, pois estar inscrito não é sinônimo de frequentar o ambiente, tendo em vista a evasão escolar muito comum nos cursos a distância. Outro fator que pode ter minimizado a baixa participação dos alunos nos fóruns foi de esta atividade não constar no plano de ensino da disciplina como atividade obrigatória, o que muitas vezes pode resumir esta atividade a um segundo plano por parte dos alunos. Além disso, o fórum 5 foi realizado no final do semestre, o que pode dificultar o interesse dos alunos em contribuir nas discussões, já que, normalmente, neste momento das disciplinas, os alunos encontram-se muito sobrecarregados de atividades das diferentes disciplinas que estão cursando. Outro fator que pode ter colaborado para a baixa participação dos alunos é o número muito pequeno de contribuições por

parte dos mediadores nas discussões (tanto de tutores como do professor da disciplina), o que pode ter acarretado uma sensação de falta de incentivo e motivação por parte dos alunos. Vale ressaltar que segundo o Guia do Tutor (UFSC, 2011), entre as atribuições delegadas a professores e tutores está a de acompanhar o processo de aprendizagem dos alunos; proporcionar *feedbacks* dos trabalhos e avaliações realizadas e manter contato constante com os alunos seja via mensagem, fórum ou *chat*.

#### 4.7.1.3 Mensagem de acompanhamento

Entre as oitenta e uma postagens presentes no fórum 1, duas foram realizadas por tutores (uma por uma tutora da UFSC e outra por uma tutora presencial) e uma pela professora. A seguir podem-se observar exemplos de mensagens de acompanhamento realizadas por uma das tutoras da UFSC e outra pela professora da disciplina. Ambas parecem demonstrar interesse pelo caminhar da discussão, tentando ponderar as diferentes opiniões e chamando a atenção dos alunos para as questões mais importantes do tema a ser discutido.

*Exemplo 1 (Tutora UFSC): Olá, querid@s! Muito interessante e empolgante a participação de todos vocês! Vejo que muitos acreditam que ter contato com o idioma no país de origem ajuda muito. Concordo também com os que afirmam que apenas ir morar no exterior não é suficiente e que esforço e disciplina são necessários. Como bem alertou uma aluna, vocês estão adquirindo outro idioma mesmo sem a possibilidade de viajar. Porém, concordo que visitar, mesmo que por pouco tempo, um lugar onde só se fala no outro idioma é uma experiência muito rica que ajuda muito na fluência. Dividindo com vocês uma experiência, tive a oportunidade de viajar para Buenos Aires, na Argentina. Eu já tinha me graduado em língua espanhola e já dava aulas, mas estar lá, me comunicar, fazer compras, pegar ônibus, enfim, precisar do idioma no dia a dia ampliou meu vocabulário e "soltou a língua". Enfim, para quem puder ter essa experiência é ótimo, mas com certeza vocês podem aprender sem sair do país. Abraços, Tutora UFSC.*

*Exemplo 2 (PROFESSORA): Queridos alunos e tutores, Estou muito*

*satisfeita com a participação de vocês no Fórum de Discussão, que mostra o interesse que o tema tem despertado entre todos. As respostas foram doze até agora e mostram uma grande diversidade de opinião sobre o assunto em questão: é necessário viver em outro lugar para poder aprender uma língua meta com proficiência? Por outro lado e de maneira geral, podemos dizer que existe um consenso bastante significativo nas respostas enviadas ao fórum sobre o que os distintos participantes chamam de “relação entre a teoria e a prática”, ou seja, a relação entre teoria, aprender sobre uma língua na prática, praticar a língua em contextos reais. Vejo também que muitas das respostas coincidem com os resultados das investigações de Barcelos (1999), mostrando que os estudantes de Letras acreditam que é importante estudar sobre a língua, mas que viver em um lugar onde a língua é falada é o que ajuda a consolidar o seu aprendizado fluente. No entanto, nem todos concordam com essa visão da questão, como alguns participantes dão mais valor para a teoria que à prática, geralmente aliada ao que alguns chamam de “esforço e persistência”. São muito interessantes também as experiências de parentes, amigos, conhecidos com a aprendizagem de línguas no exterior. Até agora todas as experiências relatadas contradizem as ideias do artigo em anexo para ajudar a refletir sobre o assunto. Alguém tem uma experiência deste tipo para contar? Nós, portanto, seguimos a espera de mais contribuições. Cordialmente.*<sup>22</sup>

No **fórum 5**, das cinquenta e duas mensagens postadas, apenas uma é de acompanhamento, feita por uma tutora UFSC. A professora da disciplina não se manifesta no fórum cinco.

*Exemplo 1 (Tutora UFSC): Olá, querid@s alun@s! Muito boas as contribuições! Vejo que a maioria teve um ensino tradicional de gramática, certo? E no EaD, como vocês percebem o ensino de gramática? Abraços!*

---

<sup>22</sup> Este trecho foi traduzido para o português para facilitar a compreensão do leitor. A professora da disciplina, por ser de nacionalidade argentina, talvez tenha optado por fazer suas intervenções na sua língua nativa por se tratar de um curso de Letras Espanhol, aproveitando a oportunidade para expor seus alunos ao idioma no qual estão estudando.

Percebe-se uma participação mínima por parte dos tutores e da professora da disciplina no que diz respeito ao acompanhamento das discussões<sup>23</sup>, em ambos os fóruns, porém a intervenção ostensiva destes agentes pode inibir a participação dos alunos. Por outro lado, segundo Silva (2002), a ausência das "vozes" desses agentes pode acarretar uma sensação de abandono nos alunos, desmotivando-os a participarem das atividades propostas no AVEA. Ao participar das discussões e emitir mensagens de acompanhamento estejam entre as atribuições destes moderadores, atividades que estão diretamente ligadas ao próximo item 3.5.1.4 a ser apresentado com umas das sugestões para o bom funcionamento da ferramenta fórum, em que os responsáveis devem aparecer na função de moderadores.

#### **4.7.1.4 Os responsáveis devem aparecer na função de moderadores**

Ao levar-se em consideração que a disciplina de LAI contava com a participação da professora e quatro tutoras UFSC, fica caracterizada a baixa participação destes agentes como moderadores, uma vez que há apenas duas mensagens de acompanhamento no fórum 1 e uma no fórum 5 realizadas pela professora e/ou tutoras. Ao se retomar algumas considerações já discutidas anteriormente sobre relações de interação e colaboração da EaD, Palloff e Pratt (2004) apontam algumas práticas que professores e/ou tutores podem assumir no intuito de ampliar a interação e motivar a participação dos alunos. Entre elas, o professor deve conectar-se com frequência e dar contribuições para a discussão em andamento, pois os alunos costumam seguir o exemplo do professor; devem também estar atentos às discussões no sentido de convidar os alunos a voltarem a participar, conforme for a situação,

---

<sup>23</sup> Vale ressaltar que o fato de haver poucas participações dos tutores da UFSC nas discussões dos fóruns não implica que somente um tutor tenha participado da elaboração da atividade. Sabe-se que a organização da disciplina de LAI está sob a responsabilidade de uma equipe pedagógica formada por cinco profissionais (professora e quatro tutores UFSC). Como esta pesquisa se voltou para os registros escritos não foi possível verificar se houve alguma informação transmitida aos alunos através de outros meios utilizados para comunicação dentro do curso tais como e-mails ou mesmo pela videoconferência. Mas pode-se levantar a hipótese de apenas alguns tutores terem aparecido explicitamente nas discussões por ter sido apontada ou definida pela equipe docente como o responsável pela atividade. Caso esta hipótese seja verdade, não há registro escrito desta dinâmica de trabalho em nenhum documento virtual referente à disciplina. Por essa razão, vale ressaltar a importância das equipes docentes deixarem documentados seus processos decisórios sobre suas ações pedagógicas.

incentivando-os a exporem suas opiniões, concordar, discordar dos colegas, etc. Além dessa recomendação, pode-se ressaltar também que, segundo o Guia dos tutores (UFSC, 2011), os professores devem acompanhar, junto com a tutoria, o processo de aprendizagem dos alunos. Palloff e Pratt (2004) ainda acrescentam que entre as responsabilidades dos professores está a de se comprometer em dar “um retorno às respostas dos alunos e à discussão, a fim de esclarecer ideias e conceitos que se discutem” (p. 169). No que diz respeito aos tutores Mill et.al (2009,) apontam que a interação entre tutor e aluno é um ponto crucial na EaD e o *feedback* por parte do tutor é importante no sentido de guiar o aluno na construção colaborativa do conhecimento. Nesse aspecto, observa-se que as professoras e tutoras não atuaram de maneira mais presente, como sugerem os autores supramencionados, deixando os alunos muito “livres” para discussões dentro dos fóruns.

#### **4.7.1.5 Resumo das mensagens**

Ambos os fóruns possuem mensagens finalizadoras, onde a professora responsável pela disciplina faz uma espécie de retrospectiva resumindo, de maneira geral, as opiniões postadas pelos alunos. Ela preocupa-se em dar um retorno às contribuições e pondera algumas opiniões sem apresentar uma resposta única ou decisiva.

#### **Fórum 1**

*Querid@s alun@s, Depois de muitas contribuições, para dar como finalizado o fórum sobre crenças e aprendizagem de língua estrangeira, eu gostaria de dizer que concordo com o que a grande maioria dos alunos pensa: quase todos os alunos opinaram que não é necessário viver em um país onde se fala outra língua para poder aprendê-la fluentemente e estou plenamente de acordo com isso. Muitos alunos também manifestaram que os grandes motores da aprendizagem são: o esforço, a persistência e a determinação de aprender uma língua estrangeira, sempre tentando usar ao máximo todos os recursos possíveis. Acredito firmemente nisso! Também concordo com as opiniões de que pode ser muito difícil aprender uma língua estrangeira no exterior em algumas situações, como aquelas experiências daqueles alunos que contaram histórias sobre gente sem conhecimento formal da língua estrangeira e que durante sua estadia*

*no exterior não conseguiu falar nada, já que não conseguia se comunicar com os falantes nativos. Por outro lado, como muitos alunos apinam, acredito que morar em um país estrangeiro pode ser uma experiência altamente enriquecedora tanto lingüística como culturalmente, ou seja, para aprender expressões, modismos e palavras novas e para poder entender outras formas de viver, pensar e sentir...Muito obrigada por compartilharem suas crenças com todos!*  
Professora/DLLE/UFSC.<sup>24</sup>

A seguir pode-se observar a mensagem de resumo postada pela professora da disciplina ao final da discussão do **fórum 5**:

*Oi a todos, depois de várias semanas juntos, gostaríamos de fechar este fórum resumindo algumas contribuições de vocês:*

*- De modo geral, foi verificado que a grande maioria de vocês, na verdade todos vocês reconhecem a importância que a gramática tem para o ensino-aprendizagem de línguas, tanto materna como estrangeira.*

*- A grande maioria de vocês entende a gramática com um conjunto de regras que sustentam ou dão suporte às línguas. Esse conjunto de regras, de modo geral, é visto como regras que descrevem como as palavras e as frases são formadas, as formas das conjugações verbais, etc.*

*- Há alguns alunos que entendem a gramática mais como um conjunto de regras que determinam ou prescrevem o uso correto dessa língua, tendo mais uma definição normativa do que descritiva.*

*- Também alguns alunos enxergam a gramática como um conjunto de regras de uso, relacionada então com as funções que as diferentes estruturas têm quando usamos determinada língua em contextos determinados.*

*- Por outro lado, há um grande consenso que dentro da sala da aula de LE o que determina se a gramática é mocinha ou vilã e a forma que o professor trabalha a gramática. Ela pode ser vista como vilã quando ensinada de forma descontextualizada e sem atender as necessidades*

---

<sup>24</sup> Este trecho também foi traduzido do espanhol para o português como o objetivo de facilitar a compreensão do leitor.

*dos alunos. E a gramática pode ser vista, contrariamente, como mocinha quando ela faz sentido, sendo trabalhada para suprir as necessidades dos alunos para compreender ou produzir (de forma oral ou escrita) em LE.*

*- Para muitos alunos existe uma grande relação entre o conhecimento da gramática de língua materna e a gramática da língua estrangeira, até alguns alunos apontam que não pode se conhecer a gramática da LE se não se conhece a gramática da primeira língua. Através desta síntese, estamos fechando o fórum, acreditando que na busca do conhecimento nunca fechamos as questões, e continuamos sempre construindo verdades transitórias...Até a próxima, Equipe pedagógica de Linguística Aplicada I.*

Nesse caso a professora conduziu os alunos a um panorama geral das contribuições de todos os colegas, não enfatizando apenas o produto de suas opiniões. Foi realizada uma síntese sem a preocupação de finalizar o fórum como uma resposta engessada, única, detentora da verdade. Segundo a própria equipe de LAI declara ao final do fórum “*continuamos sempre construindo verdades transitórias*”.

#### **4.7.1.6 Definir os papéis dos envolvidos e ter objetivos claros expostos**

Como já foi dito anteriormente, a equipe pedagógica da disciplina disponibilizou um documento intitulado “Desencadeando interação através do fórum”<sup>25</sup> na página da disciplina que define a importância do papel do professor no processo de mediação das discussões no fórum de discussão. Segundo esse documento publicado pela equipe de LAI, o professor “*é responsável por selecionar temas e dinâmicas para serem discutidos, e orientar os alunos a como fazer uso dessas ferramentas*”. A equipe também esclarece que cabe aos alunos “*embarcar nas discussões para o seu desenvolvimento pessoal e profissional*”. Para tanto, a equipe reforça algumas informações sobre o uso do fórum, com o objetivo de manter a boa convivência entre todos neste espaço de discussão assíncrona. Nesse documento a equipe deixa registrado de maneira clara o que espera dos alunos no que se refere a comportamento no decorrer das discussões e deixa explicitado no plano

---

<sup>25</sup> O documento na íntegra está disponível no Anexo B.

de ensino da disciplina que entre os objetivos das discussões está o de “refletir sobre a importância de identificar crenças na fase de formação profissional” - no fórum de número 1; e o de “refletir sobre a importância do ensino da gramática e do vocabulário para o processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira – no fórum 5.

#### **4.7.1.7 Exibir as regras de participação no fórum**

Conforme foi mencionado anteriormente, no documento intitulado “Desencadeando interação através do fórum”, disponibilizado pela equipe de LAI, há algumas regras básicas para o funcionamento e participação nos fóruns da disciplina, bem como algumas recomendações para o bom andamento das discussões. De maneira resumida, o que a equipe da disciplina de LAI recomenda é que os alunos planejem suas contribuições, já que há tempo hábil para isso, e que leiam as postagens anteriores. Também sugerem que, na medida do possível, façam menção às postagens já registradas, evitando que o fórum se transforme num “agregado de postagens” descontextualizadas. Outro ponto ressaltado é que os alunos façam escolhas linguísticas apropriadas na busca por um clima de cordialidade, prezando pela afetividade entre os participantes e, podendo assim, possibilitar uma comunicação “sócio emocional”, termo sugerido pela própria equipe de LAI.

#### **4.7.1.8 Critérios de avaliação**

Os critérios de avaliação expostos no plano de ensino da disciplina são os seguintes: “A avaliação será processual e acontecerá ao longo de todo o processo. Dar-se-á o acompanhamento online das tarefas realizadas, com discussões das leituras e possíveis dúvidas em reuniões virtuais semanais com as tutoras UFSC. As atividades obrigatórias online totalizaram 20% da nota final, a participação computou 20%, a prática como componente curricular – PCC, 20% da parte presencial; e a prova presencial constituiu 40% do valor da nota. Estudos de recuperação foram oferecidos aos alunos que não atingiram a média mínima exigida pela UFSC para se obter aprovação.

Estas questões se referem à disciplina como um todo. Não há recomendações específicas de como seria realizada a participação dos alunos nos fóruns. Há somente uma nota no fórum 1, registrada em

nome da equipe , que diz o seguinte: *“como você pode conferir no plano de ensino da disciplina, esse fórum não constitui uma atividade obrigatória, porém conta pontos para a nota de participação. Além disso, é uma excelente oportunidade para a discussão de um tema tão interessante. Participe!”*

Através do plano de ensino da disciplina, sabe-se que a presença em fórum está entre as atividades avaliadas pela participação, ao lado da presença em videoconferências.

#### **4.7.1.9 Estipular o tempo máximo para postagem**

No plano de ensino da disciplina de LAI consta que as postagens nos fóruns seriam aceitas até o último dia da disciplina (que ocorreu entre 12 de maio a 05 de julho de 2010). Dessa forma, os alunos teriam disponível para postar suas contribuições o período no qual a disciplina estivesse em vigor e não somente durante um período específico para a atividade de debate via fórum de discussão, prática muito usada nas disciplinas do curso. O fato de os fóruns perdurarem durante o funcionamento da disciplina faz com que eles confirmem algumas características sugeridas anteriormente por Sánchez (2005), Lopes (2007) e Kratochwill e Sampaio (2006) no que diz respeito à característica dos fóruns eletrônicos. Segundo os autores, pelo seu caráter assíncrono, o tempo não seria um fator de preocupação para os participantes, já que as mensagens permanecem gravadas o tempo todo e estão à disposição de todos, ou seja, há uma flexibilização do tempo das participações, podendo o aluno ter uma maior liberdade e fazer o seu próprio horário. Além disso, por ficar tanto tempo disponível permite a participação do aluno conforme vai refletindo durante a disciplina, dando tempo para que haja diálogo e troca de mensagens mais embasadas, podendo haver construção de conhecimento sem a pressão de datas limites. Para Kratochwill e Sampaio (2006) o fórum torna-se interessante pela sua dinâmica, pois “todos os participantes têm a oportunidade de se expressar, interferir e receber interferências, se constituir a partir da constituição e da percepção do outro sobre a expressão do primeiro” (p. 162). No entanto, um problema com relação ao tempo estendido e sem que seja feita uma mediação constante é que os alunos podem perder o interesse ou mesmo se esquecerem de postar suas ideias ou contribuir com suas reflexões para enriquecer a discussão.

#### **4.7.1.10 Número mínimo de participações (pelo menos uma participação)**

Sobre esta recomendação não há nada explicitado. As recomendações feitas estão relacionadas à postura do aluno, que deve ler as postagens feitas anteriormente à sua e, se possível, fazer menção a elas, referindo-se a aspectos que chamaram a atenção ou fazendo contrapontos sobre as questões levantadas e/ou discutidas com o intuito de evitar-se que o fórum seja um mero repositório de mensagens desconexas entre si. Essas informações estão presentes, conforme já foi mencionado anteriormente, no documento “Desencadeando interação através do fórum”, porém a equipe não faz menção à quantidade de vezes que cada um dos participantes deve contribuir para as discussões nos fóruns. De acordo com o já sugerido por Pérez et. Al (2004), os responsáveis pelas discussões em um fórum devem exigir o mínimo de comprometimento para as contribuições escritas pois, segundo o autor, desta forma os interlocutores têm a oportunidade de revisar as discussões e analisar com calma o que está sendo discutido para assim poder contrapor ideias ali expostas, se for o caso. Segundo os autores, deveria haver um mínimo de participações, pois apenas uma vez não seria suficiente para que cada participante submeta sua opinião à crítica coletiva de maneira consciente e responsável.

#### **4.7.2 Sobre o uso de estratégias interacionais**

Num segundo momento, e seguindo a análise dos dados com base na abordagem teórica apresentada nesta pesquisa referente às discussões que se dedicam às interações virtuais, mais especificamente aquelas presentes em fóruns de discussão, e de considerações acerca do uso de estratégias linguísticas que teoricamente dão suporte aos mecanismos de interação em textos escritos dentro de AVEA, elaborou-se uma tabela que sintetiza o uso de algumas estratégias linguísticas sugeridas por estudiosos aqui apresentados no capítulo 2, como Barros e Criscitelli (2008), Andrade (2008) e Campos (2008). Tais estudiosos se preocupam com o uso de táticas visando à construção de um ambiente interativo, procurando evidenciar que, por meio da linguagem escrita, é possível propiciar um maior envolvimento entre os participantes das discussões através da ferramenta fórum. Ambos destacam a relevância do uso da linguagem verbal na EaD e acreditam que a troca

comunicativa realizada entre professores, tutores e alunos pode acontecer de maneira ativa, propiciando um ambiente propício para a aprendizagem.

O objetivo dessa análise foi identificar e analisar nas interações estabelecidas nos fóruns de discussão da disciplina de LAI do curso de Letras Espanhol – modalidade a distância, alguns fatores linguísticos que venham a propiciar a interação entre seus envolvidos - professor, tutores e alunos, levando em consideração as categorias já escolhidas anteriormente, como o uso de declarações, explicações, exemplificações, perguntas, solicitações, recomendações, convites, suposições, entre outras.

O quadro ilustrativo que sintetiza algumas estratégias linguísticas que podem estar presentes no discurso de professores, tutores e alunos dentro de um fórum de discussão ficou organizado da seguinte forma:

Quadro 5: Estratégias linguísticas interacionais

Saudações	Exemplificações
Elogios	Marcas de oralidade e informalidade
Perguntas	Uso de pronomes de 1ª pessoa do plural
Respostas às perguntas dos alunos	Uso de pronome de tratamento
Concordância ou discordância de opinião	Explicação mais comentários
Convite	Verbos no imperativo

Fonte: Elaborado a partir de Barros e Criscitelli (2008), Andrade (2008) e Campos (2004, 2008), Vieira (2009)

Através do *corpus* analisado, pode-se observar que a interação entre os participantes do fórum em questão foi favorecida através dos seguintes excertos:

### 4.7.2.1 Saudações

Saudar aos companheiros antes de imprimir a sua opinião parece ser uma atitude positiva, de aproximação, cortesia e simpatia. Mostra o interesse do participante em dirigir-se a todos os companheiros que também estão fazendo parte da discussão. O uso desta estratégia pode gerar uma relação de empatia entre os envolvidos (CAMPOS, 2008).

#### Exemplos:

Fórum 1	Fórum 5
<i>Exemplo 1 (ALUNO): <b>Ola a todos!</b> Vou colocar aqui o que penso como estudante de espanhol (...).</i>	<i>Exemplo 1 (ALUNO): <b>Boa noite!</b> No meu entendimento: gramática é um campo de estudo que teoriza sobre a linguagem humana (...)</i>
<i>Exemplo 2 (TUTORA POLO) <b>Bom dia!</b> Que interessante que está este fórum para poder conversar (...)</i>	<i>Exemplo 2 (ALUNO): <b>Hola!</b> Precisamos ter em mente que a gramática é algo imprescindível, seja na L1 ou L2 (...).</i>
<i>Exemplo 3 (ALUNO): <b>Boa noite!</b> Falar uma língua que não seja a sua língua materna não é fácil(...).</i>	<i>Exemplo 3 (PROFESSORA): <b>Oi a todos!</b> Depois de várias semanas juntos, gostaríamos de fechar este fórum (...).</i>
<i>Exemplo 4 (ALUNO): <b>Boa noite a todos!</b> Acredito que uma língua pode ser aprendida fora de seu país de origem (...).</i>	

É interessante ressaltar que, das oitenta e uma (81) postagens presentes no fórum 1, apenas doze fazem uso de algum tipo de saudação. Outro fator que chama a atenção é o número de saudações no fórum 5: apenas 3, dentre um total de cinquenta e duas (52) postagens. Em sua grande maioria, em ambos os fóruns, os envolvidos na discussão começam dando sua opinião sobre o tema de maneira muito direta, sem dirigir-se primeiramente aos seus interlocutores. Segundo Campos (2008) quando o aluno faz menção aos demais, saudando-os, mostra um grau de comprometimento em manter um vínculo de proximidade e polidez diante da situação, construindo um espaço mais afetivo.

#### **4.7.2.2 Elogios**

Como já foi citado anteriormente, Ribeiro e Bregunci (1986) apoiadas no sistema Flanders de análise de interação entre professor e aluno, apontam o elogio como uma estratégia que pode iluminar a prática docente em sala de aula. Acredita-se que tal atitude também pode contribuir, e muito, no ensino a distância, onde o professor poderá fazer uso desta estratégia para ampliar sua prática, buscando uma maior interação com seus alunos e tentando aproximar-se de seus interlocutores.

Igualmente à categoria saudações, os elogios também provocam efeitos de afetividade, mostrando laços de comprometimento, proximidade e afabilidade (CAMPOS, 2004). Alguns estudos vêm demonstrando que o ato de elogiar pode estar intrinsecamente ligado ao aumento da motivação das pessoas para realizar várias tarefas, pois elogiar é sinônimo de valorizar (Marquis; Huston, 1999). Os autores entendem esta como uma estratégia maximizadora do rendimento e da autoconfiança entre as pessoas, estreitando seus laços.

Vieira (2009) assevera que os elogios são importantes na promoção de uma relação harmoniosa entre os envolvidos no processo educativo, haja vista que, através dessa estratégia, o professor e/ou tutores demonstram não somente sua satisfação com algum resultado explicitado, como também, demonstram interesse pela aprendizagem dos alunos, como se pode observar nos exemplos abaixo:

## **Fórum 1**

*Exemplo 1 (PROFESSORA): Queridos alunos e tutores, estou muito feliz com a participação de vocês no fórum de discussão, que mostra o interesse que o tema despertou em vocês (...).*

*Exemplo 2 (TUTORA UFSC): Olá, querid@s! Muito interessante e empolgante a participação de todos vocês!*

*Exemplo 3 (TUTORA POLO): Que interessante que está este fórum para poder conversar sobre a disciplina e seus respectivos temas (...)*

## **Fórum 5**

*Exemplo 1 (TUTORA UFSC): Muito boas as contribuições! Vejo que a maioria teve um ensino tradicional de gramática, certo?(...)*

Nos trechos listados acima, é notável que os elogios tenham papel importante, pois parecem incentivar os participantes a contribuir nas discussões via fórum. Além disso, sublinha-se o exemplo (1) em que a docente faz uso da primeira pessoa do singular, dando ênfase à sua satisfação pessoal com participação de todos os participantes do fórum.

Pode-se observar também que no fórum 1 há apenas três ocorrências de elogios. No exemplo 1 do fórum 1 o elogio foi feito pela professora responsável pela disciplina e o segundo por uma das tutoras que acompanham a disciplina. E no segundo fórum analisado, encontramos apenas uma ocorrência. Neste caso podemos nos perguntar: onde está a presença dos outros tutores? Onde se encontram suas vozes? Neste caso é interessante lembrar que a disciplina conta com a presença de quatro tutoras UFSC e dois tutores presencias, além da participação de duas professoras responsáveis pela disciplina. Essa pergunta tem sentido quando se sabe que, segundo o Guia do Tutor (UFSC, 2011), dentre as atribuições está a manutenção da motivação dos alunos. Essa ausência vai contra o previsto para o tutor que deve atuar como mediador, fazendo parte das discussões estabelecidas no AVEA, buscando capturar o interesse dos alunos de maneira mais instigante, fazendo com que esses se aprofundem nas questões

levantadas, mostrando outros pontos de vista, propondo contrapontos e, principalmente, encorajando a participação ativa dos alunos. Fazendo um paralelo com as ideias de Vygotsky, vale lembrar que para o autor um dos elementos centrais para que ocorra uma aprendizagem colaborativa entre os indivíduos é o estímulo à interação, já que para o psicólogo russo a aprendizagem tem origem no contato com outras pessoas, com a realidade e com o meio no qual está inserido.

#### **4.7.2.3 Perguntas**

Ambos os fóruns começam com perguntas, já no enunciado das questões que dão o início às discussões, como se pode observar nos exemplos a seguir:

##### **Fórum 1**

*Exemplo 1 (PROFESSORA): Uma língua estrangeira só pode ser aprendida no país onde ela é falada. Você concorda com ele? Totalmente? Parcialmente? Discorda? Já esteve alguma vez morando num lugar onde se fala espanhol ou outra língua diferente do português? Conhece alguém que passou por essa experiência? (...) Então, o que você acredita? Expresse sua opinião! (...) Será que essa crença esta influenciando a sua aprendizagem de espanhol? (...).*

##### **Fórum 5**

*Exemplo 1 (TUTORA UFSC): Na unidade V tivemos a oportunidade de ver que há diferentes tipos de gramática, verdade? Mas o papel da gramática no ensino de LE sempre foi um tema bastante controverso. Então, baseado na sua experiência de aprendizagem de espanhol no EaD, conte para nós: o que você entende por gramática?(...) Preparados para esse desafio?*

Segundo Campos (2004) o uso dessa estratégia por parte do professor pode produzir uma atmosfera de dialogicidade, instigando a aproximação entre os participantes, fazendo com que os alunos, por exemplo, se sintam envolvidos a participarem na discussão em questão.

Nos exemplos citados acima, percebe-se que uma vez que se lançaram as perguntas para dar início às discussões nos fóruns, espera-se, segundo a autora, que os interlocutores participem ativamente das discussões, que os alunos expressem uma reação, que lancem uma resposta às respectivas perguntas. Esta reação pode ser observada nos dois exemplos abaixo:

### **Fórum 1**

*Exemplo 1 (ALUNO): Penso que uma língua não se constitui isoladamente, requer muito esforço e dedicação conhecimento cultural, socialização. No entanto penso que não há necessariamente que morar em um país falante para ganhar fluência, é claro, isso intensifica e melhora, a oralidade, porque você não terá outra alternativa a não ser improvisar e tentar falar, no entanto a parte formal e escrita só os livros e estudando muito (...).*

### **Fórum 5**

*Exemplo 1 (ALUNO): Entendo que a Gramática é uma área que estuda toda a estrutura da língua, por ela nós adquirimos regras para domar a nossa linguagem, tanto materna como estrangeira. Ela tem sido um fator positivo no meu aprendizado, aprendi que falar uma língua estrangeira não é de qualquer maneira, tenho que conhecer a sua própria estrutura gramatical, assim poderei expressar as minhas emoções em lugares diferentes sem passar vergonha (...).*

Pode-se observar, através dos exemplos supracitados, que os alunos reagiram positivamente às perguntas iniciais em ambos os fóruns, com o intuito de responder às questões levantadas pela professora (no fórum 1) e pela tutora (no fórum 5).

Entretanto, o uso dessa estratégia linguística nem sempre representa uma dúvida real por parte de quem a lança, o que caracteriza o uso de uma pergunta retórica. Segundo Pereira (2007) pergunta retórica é quando se pergunta sem objetivo de resposta concreta; é uma pergunta que tenta conduzir o interlocutor a um determinado raciocínio.

O uso de perguntas retóricas utilizadas nos fórum de LAI pode ser observado nos trechos ilustrados abaixo:

### **Fórum 1**

*Exemplo 1 (ALUNO): Eu não acredito que uma Língua só possa ser aprendida no seu país. E isso pode ser claramente percebido nas instituições de ensino do nosso país, praticamente todas elas oferecem uma segunda Língua para que seus alunos aprendam. Será que ao longo dessas décadas de estudo não se conseguiu formar ninguém com habilidades nas segundas Línguas estudadas? Aposto que muitos profissionais que saíram dessas instituições tem iguais ou superiores capacidades que tantos nativos (...)*

*Exemplo 2 (ALUNO): (...) isso tudo prova que sem esforço, dedicação e muito empenho não se aprende fluentemente nenhuma Língua. Principalmente se "aprender" relaciona-se a dominar por completo determinado Língua, pois nós, brasileiros, somos exemplo vivo disso. Quantos falam Português segundo todas as normas gramaticais ou as dominam por completo?*

### **Fórum 5**

*Exemplo 1 (ALUNO): (...) Muitas vezes o aprendizado da gramática se torna algo chato e aparentemente sem valor, mas isso só acontece quando ela é ensinada de forma descontextualizada, como no ensino tradicional. Para nós que seremos futuros professores, o estudo da gramática é imprescindível. Como vamos ensinar algo que não conhecemos? No ensino em EaD ela também se torna fundamental, pois, precisamos aprender as regras da língua de uma forma mais autônoma e não temos muito contato com os professores para interagir melhor na fala ou na escrita (...)*

*Exemplo 2 (ALUNO): Acredito sim que a gramática é muito importante na aprendizagem da L2 porque é através dela que adquirimos conhecimento para falar corretamente e também porque cada língua apresenta suas próprias regras gramaticais. Então se vamos aprender uma LE porque não aprendermos sua gramática também? afinal ela só enriquecerá nossa fala.*

De acordo com Pereira (2007) o emprego desse tipo de pergunta, em alguns casos, pode ter também o objetivo de realçar uma afirmação ou até mesmo representar uma certeza, ao invés de uma dúvida a ser respondida. Isto significa que o interlocutor pode identificar uma pergunta que deve ser respondida de outra que não deve, e este recurso pode ser utilizado com o intuito de provocar dúvidas, reflexões e alimentar a discussão em um fórum de discussão, o que ocorre nos exemplos acima citados. Neste sentido, Rodrigues (1998, p. 35) certifica que o uso de perguntas pode ser interessante:

Para marcar a sua posição, para censurar, elogiar ou coagir alguém, para propor uma mudança de rumo nessa interação, para dela fazer uma avaliação, enfim, cada pergunta pode ser o resultado de uma escolha estratégica por parte de um locutor que demonstra ou pretende escamotear uma certa intenção e não outra.

Ao contrário dos exemplos dados acima, que faziam o uso de perguntas retóricas, encontrou-se nas discussões do fórum 1 um trecho, publicado por um aluno, que deixa bem claro o que deseja ao fazer uso das estratégias linguísticas quando pergunta para solicitar uma resposta objetiva por parte da equipe pedagógica da disciplina de LAI. O locutor deseja, nesse caso específico, uma informação que desconhece; necessita uma confirmação do que está sendo debatido no fórum de discussões e se esse está no caminho “certo”.

## **Fórum 1**

*Exemplo 1 (ALUNO): Após 70 depoimentos participativos gostaria de saber se teremos uma análise mais conclusiva do grupo gestor da disciplina, para podermos sentir até onde nossa opinião foi correta ou não, nosso pensamento é coerente ou não, teremos este parecer final??? que tal??? Grato.*

A pergunta foi respondida pela professora prontamente, logo após à interrogação do aluno, a ser ilustrada logo a seguir, na próxima categoria de análise.

#### 4.7.2.4 Resposta às perguntas dos alunos

Em resposta ao exemplo ilustrado no item anterior, a professora contesta o questionamento do aluno da seguinte maneira:

##### Fórum 1

*Exemplo 1: “Oi Aluno X, entendo a sua preocupação, mas gostaria de esclarecer que não existe uma única e verdadeira resposta sobre a principal questão deste fórum. No final do mesmo, vamos fazer um apanhado de respostas e mostrar como os diferentes depoimentos tem ilustrado essa diversidade. Eu mesma decidi não mandar a minha opinião, para não influenciar as contribuições de vocês... Cordialmente, Professora”.*

Através de seu comentário, a professora gera uma resposta ao questionamento do aluno de maneira cordial, posicionando-se de forma respeitosa. Segundo Campos (2008) esta é uma maneira de estreitar laços afetivos que podem contribuir para a interação colaborativa. O interessante na interlocução entre os envolvidos em uma discussão via AVEA é justamente permitir a todos um ambiente propício, de troca e construção de sentidos e não apenas conduzir o aluno a reproduzir respostas “corretas” (Albert e Migliorança, 2008). Entretanto, fazendo um contrapondo com essa ideia, vale ressaltar que no trecho exposto pela professora “*Eu mesma decidi não mandar a minha opinião, para não influenciar as contribuições de vocês*” parece ir contra o que alguns autores salientam como sendo importante dentro de ambientes virtuais, que é o uso da ferramenta fórum, por exemplo, para tentar resolver possíveis problemas consequentes da ausência física diária entre professores e alunos (AGUSTÍ e RAMOS, 2006). De acordo com David e Filho (2009) “os educadores não detêm mais o monopólio do saber, mas devem posicionar-se como parceiros, oferecendo aos estudantes suporte e orientação para que desenvolvam seus conhecimentos” (p. 3).

A declaração da professora também parece ir em caminho inverso aos preceitos de Vygotsky, já discutidos anteriormente, sobre a necessidade de que os indivíduos sejam expostos a conhecimentos socialmente elaborados, pois para o autor russo, como ressaltado por Lopes (1996, p. 33), “na ausência do outro, o homem não se constrói homem”.

Não se pode desconsiderar que os alunos cumpriram com o seu papel, já que participaram das discussões propostas nos fóruns, ainda que em pequeno número comparado ao número de inscritos no curso, de acordo com o que já foi ilustrado no item 3.5.1.2. O fato de haver uma predominância de contribuições dos alunos talvez aponte para uma falta de atitudes de estimulação ou até mesmo de “cobrança” por parte das professoras e tutores da disciplina, solicitando a participação dos alunos nas discussões. Segundo Barros e Crescitelli (2008) essa atitude significa que os responsáveis pela disciplina buscaram não fazer muitas interferências, “evitando uma atuação mais tradicional, em que os discentes esperam do professor não apenas o gerenciamento das discussões, mas a palavra definitiva sobre o que está sendo discutido” (p. 85).

Contrapondo a opinião das autoras, o trecho ilustrado no item 4.2.3, em que o aluno solicita a opinião da professora explicitamente nega esse fato, pois parece que os alunos necessitam sim da palavra do professor, sentem necessidade de “ouvir” o que o ele pensa sobre o tema que está sendo discutido, até mesmo para se sentirem mais seguros, mais tranquilos sobre a temática proposta. Corroborando esta ideia, Leffa (2003, p. 2) afirma que um, entre tantos outros desafios da EaD, esta no fato de “tornar o professor presente, não só dando intencionalidade pedagógica à atividade proposta, mas também, e principalmente, garantindo ao aluno o desempenho assistido necessário para que ele possa realmente ser ajudado a atingir seu nível potencial de competência”.

#### **4.7.2.5 Concordância ou discordância de opinião**

O enunciado do fórum 1 permite aos participantes da discussão o uso de expressões de concordância ou discordância, uma vez que a professora, quando lança seus questionamentos, faz uso explícito de interrogativas que induzem o aluno a emitir sua opinião sobre o tema a ser debatido.

**Fórum 1** - *Gostaríamos de convidá-los a participar de um fórum para compartilhar opiniões sobre o seguinte mito: Uma língua estrangeira só pode ser aprendida no país onde ela é falada. Você concorda com ele? Totalmente? Parcialmente? Discorda? (...)*

O uso de expressões de concordância ou discordância de opinião é perceptível nos seguintes trechos:

*Exemplo 1 (ALUNO): Sigo na mesma linha de entendimento que a maioria dos alunos tem manifestado. Acredito que estar em um país que fala a língua que deseja-se aprender auxilia em muito não só na apreensão da pronúncia correta das palavras como também na percepção dos modos de fala e regionalismos.*

*Exemplo 2 (ALUNO): Compartilho com a maioria dos colegas de que aprender uma língua estrangeira realmente não é necessário morar no país de origem e também que a parte teórica como gramática e fonética seja muito importante.*

*Exemplo 3 (ALUNO): Concordo com a opinião da grande maioria dos colegas que aqui postaram suas repostas. Não julgo necessário morar no país para aprender sua língua.*

*Exemplo 4 (ALUNO): Concordo com todos, para aprender um segundo ou terceiro ou quarto idiomas, não é necessário ir até o país, berço da língua para aprender, é claro que ouvir todos os dias, estar na atmosfera do país ajuda muito (...)*

*Exemplo 5 (ALUNO): Acredito que somente morando num país nativo não ajuda, pois como nossa colega X citou, temos dois colegas que falam espanhol e moram aqui, e para eles a dificuldade de se aprender o português é 'enorme'. Assim seria se invertêssemos os papéis (...)*

*Exemplo 6 (ALUNO): Como dito anteriormente pelos colegas, concordo com a tese de que desenvolver as habilidades pertinentes a língua carece de um trabalho conjunto de leitura, escrita, audição e fala, tudo concomitantemente, a fim obter êxito no aprendizado.*

Há também exemplos de concordância ou discordância com o material sugerido pela professora como leitura complementar, afirmando que é necessário viver no país onde a língua que se pretende aprender é falada. O texto, juntamente com um vídeo, foi sugerido para incrementar a discussão e os alunos, através de suas opiniões, demonstram interesse pela atividade proposta, uma vez que através de suas ideias mostram ter lido o texto complementar e/ou visto o vídeo sugerido:

*Exemplo 1 (ALUNO): Não concordo com a teoria de que somente se pode aprender uma língua estrangeira vivendo em um país onde ela é falada (...)*

*Exemplo 2 (ALUNO): Concordo com a ideia da pesquisadora Ana Maria Barcelos, pois é no uso da prática do idioma que você terá mais condições de se aperfeiçoar sobre a língua que aprendeu. Pois enquanto nós somente a estudamos e não a praticamos torna-se muito difícil saber qual o grau de nossa dificuldade de aprendizado (...)*

*Exemplo 3 (ALUNO): Não concordo que se possa aprender uma segunda língua somente no país onde ela é falada, mas acho que pelo fato de alguém ser “forçado” a falar em uma determinada língua para ser compreendido, e talvez até mesmo ter aceitação em determinado grupo, facilite e acelere o aprendizado.*

*Exemplo 4 (ALUNO): Não concordo, pois, nós somos capazes de aprender qualquer língua estrangeira em qualquer lugar à estrutura gramatical da língua não vem pelos ares se você não correr atrás para aprendê-la podemos conviver com nativos da língua, mas se não estiver em nós o interesse nada acontece (...)*

Acompanhando os exemplos acima ilustrados, percebe-se que os alunos, além de compartilharem suas opiniões com os demais participantes da discussão, expressando suas ideias de concordância ou discordância acerca do tema discutido, não se restringem apenas em responder à pergunta inicial. É notável que houve uma certa preocupação em acompanhar o que vinha sendo debatido nas mensagens postadas anteriormente, com a finalidade de colaborar com a discussão,

não transformando o fórum em apenas em “depósito de informações”. Este fato pode ser observado nas expressões de “*sigo na mesma linha de entendimento que a maioria dos alunos*”, “*compartilho com a maioria dos colegas*”, “*concordo com todos*”. O uso destas expressões demonstra que estes alunos, antes de registrar suas opiniões, preocuparam-se em saber o que estava sendo debatido antes de acessarem o fórum.

O uso destas expressões parece criar um clima de cordialidade e de aproximação entre os participantes, pois se demonstra assim a preocupação com a opinião do outro. Assim como a professora, ao responder o questionamento do aluno, ilustrado no item 4.2.4 demonstra cordialidade ao expressar sua opinião, nos trechos aqui ilustrados parece também que os alunos procuram demonstrar suas ideias de maneira respeitosa, estreitando os laços afetivos com o grupo (CAMPOS, 2008).

Por outro lado também se pode observar que há postagens que a princípio não fazem menção às reflexões anteriormente registradas, como se pode observar nos exemplos abaixo:

*Exemplo 1 (ALUNO): Não concordo que só aprende uma língua estrangeira em seu país de origem, pode até facilitar em alguns aspectos, como adquirir fluência, mas estando disposto a aprender e se dedicar em qualquer país vai adquirir a aprendizagem de outra língua (...)*

*Exemplo 2 (ALUNO): Discordo dessa crença de que uma língua estrangeira só pode ser aprendida no país em que é falada (...)*

*Exemplo 3 (ALUNO): Não concordo que uma língua estrangeira somente possa ser aprendida no país onde ela é falada.*

*Exemplo 4 (ALUNO): Com certeza não, para se aprender um outro idioma não é necessário estar em seu país de origem, basta que o aluno busque todos os meios disponíveis para seu aprendizado*

Ao que tudo indica, nesse caso, os alunos apenas parecem se preocupar em “marcar” presença no fórum, não valorizando a interação de maneira colaborativa, demonstrando interesse pela opinião dos colegas que já haviam postado suas opiniões. Percebe-se que os alunos preocupam-se em registrar apenas concordância ou discordância com as

ideias lançadas no enunciado lançado pela professora para dar início à discussão.

**Fórum 5** - *Na unidade V tivemos a oportunidade de ver que há diferentes tipos de gramática, verdade? Mas o papel da gramática no ensino de LE sempre foi um tema bastante controverso. Então, baseado na sua experiência de aprendizagem de espanhol no EaD, conte para nós: o que você entende por gramática? Muito importante: neste momento queremos ouvir a sua voz, conhecer a sua definição e não a definição dada no material didático, nem fundamentada em nenhuma teoria. Após essa definição, por favor, explique de que forma a gramática tem sido um fator positivo e/ou negativo na sua aprendizagem nesse curso (...)*

*Exemplo 1 (ALUNO): Gramática para mim são as regras, a parte escrita que todos devem ter conhecimento da LE. A gramática é sempre essencial em qualquer ensino que se tenha. Acredito que aprender gramática sempre será um ponto positivo para a aprendizagem seja de uma língua estrangeira ou não. (...)*

*Então acredito que a gramática seja para nós importante e fundamental para se ter um aprendizado mais completo, e pelo menos assim podemos aplicar essas regras quando estivermos em sala de aula.*

*Exemplo 2 (ALUNO): Eu entendo a gramática como sendo um conjunto de regras, e que através delas a gente possa se aperfeiçoar e escrever melhor e a partir daí também aprender a falar melhor uma LE (...). Nesse curso, a gramática está sendo para mim um ponto positivo, pois a cada dia meu vocabulário aumenta mais e aos poucos vou construindo novos conceitos gramaticais, que com certeza estão me ajudando muito também na oralidade. Penso que conhecer a gramática em sua estrutura só contribui para a aprendizagem escrita e também oral e nesse sentido podemos dizer que as duas estão interligadas, se completam.*

*Exemplo 3 (ALUNO): Em meu modo de ver a gramática é a estrutura das línguas, composta por artigos, verbos, pronomes, substantivos, adjetivos... que precisamos aprender para poder utilizar essa língua corretamente. Como em nosso curso, o espanhol, estamos*

*aprendendo as formas, a estrutura da língua para podermos escrever melhor, se comunicar de forma certa (que seria falar a palavra corretamente, porque na comunicação o que vale é o entendimento), e muito tem contribuído para escrever um texto impecável.*

O enunciado do fórum 1, ao contrário do 5, permite aos participantes da discussão fazerem o uso de expressões de concordância ou discordância uma vez que utiliza a expressão *Você concorda com ele? Totalmente? Parcialmente? Discorda?* Parece que o enunciado por si só facilita que as postagens caminhem na direção da concordância ou discordância com o que está sendo debatido.

No fórum 5 não há o indício de expressões explícitas que demonstrem concordância ou discordância entre as opiniões. Os alunos, ao postarem suas opiniões sobre o tema a ser discutido, também não fazem menção à reflexões feitas anteriormente, explicitando se estão de acordo com o colega ou não sobre a definição de gramática. O enunciado desse fórum parece induzir a uma resposta direta: *o que você entende por gramática? (...) explique de que forma a gramática tem sido um fator positivo e/ou negativo na sua aprendizagem nesse curso (...)*:

Pode-se perceber, através dos trechos ilustrados acima, que a opinião dos alunos é registrada de forma sistemática, respondendo às duas perguntas do enunciado. A grande parte dos alunos agiu da mesma maneira. Muitos têm opiniões parecidas, compartilham da mesma concepção sobre o que entendem sobre gramática, e mesmo assim não fazem alusão às postagens anteriores, que os colegas fizeram anteriormente. Talvez tenha faltado a mediação da professora ou de uma das quatro tutoras responsáveis pela disciplina, já que apenas uma das tutoras faz uma intervenção para elogiar as contribuições dos alunos e a professora da disciplina apareceu somente no final, para fazer um resumo das mensagens (respondendo ao item 3.5.1.4).

Neste caso faz-se necessário relembrar as palavras de Bakhtin (1997) quando afirma que a linguagem é um fenômeno social e que pela interação humana os sujeitos se constituem dialogicamente, ou seja, ouvindo e assimilando o discurso do outro. Desta maneira, para evitar possíveis distanciamentos entre professores, tutores e alunos se fazem necessárias propostas significativas de interação que promovam a colaboração entre estes sujeitos. Aproximando também este pensamento às ideias de Vygotsky (1998b), pode-se entender que, de

acordo com uma visão sociointeracionista, o professor, tutores e alunos terão mais oportunidades de trocas de saberes e de negociações ao mostrarem uns aos outros o que acreditam, concordando ou discordando, fazendo assim o exercício de pensar coletivamente sobre determinada temática, construindo um saber compartilhado.

#### 4.7.2.6 Convites

A estratégia linguística convite se faz presente, primeiramente, nos enunciados que iniciam os dois fóruns de discussão. No fórum 1, o convite se mostra de maneira bem explícita, conforme segue abaixo:

#### Fórum 1

*Exemplo 1 (PROFESSORA): Gostaríamos de convidá-los a participar de um fórum para compartilhar opiniões sobre o seguinte mito: Uma língua estrangeira só pode ser aprendida no país onde ela é falada?*

Segundo Vieira (2009) o uso dessa estratégia solicita a participação dos alunos e os convoca a se envolverem no diálogo com o professor e com os colegas, como também aos que desenvolvem e expressam sua individualidade, sua postura crítica acerca dos temas discutidos.

No exemplo do fórum 5, logo após uma breve introdução sobre o que está sendo discutido na unidade correspondente à discussão sobre o ensino da gramática e pedir a opinião dos alunos sobre o tema, é lançado pela tutora UFSC uma interrogação a qual parece caracterizar-se por uma “pergunta convite”, chamando os alunos para o debate.

#### Fórum 5

*Exemplo 1 (TUTORA UFSC): Muito importante: neste momento queremos ouvir a sua voz, conhecer a sua definição e não a definição dada no material didático, nem fundamentada em nenhuma teoria. Após essa definição, por favor, explique de que forma a gramática tem sido um fator positivo e/ou negativo na sua aprendizagem nesse curso. Preparados para esse desafio?*

Acredita-se que quando a tutora diz *Preparados para esse desafio?* ela está tentando estimular os alunos a lançarem suas opiniões, convidando-os a participarem do fórum. Como já vimos anteriormente no item 4.2.3, o uso de perguntas produz uma atmosfera de dialogicidade, instigando a aproximação entre os participantes, fazendo com que os alunos, por exemplo, se sintam envolvidos a participarem na discussão em questão. Segundo Campos (2008) os convites “podem auxiliar no envolvimento do aprendiz no processo de aprendizagem e produzem além do efeito de aproximação, efeito de polidez”. Em outras palavras, esta estratégia pode produzir efeitos de elegância, cumplicidade que, por sua vez, contribuem para uma relação mais afetiva entre os sujeitos participantes da discussão.

#### **4.7.2.7 Verbos no imperativo**

Ainda fazendo referência aos enunciados que dão início às discussões nos fóruns da disciplina de LAI, se pode observar que o incentivo dado pela professora também ocorre através do uso de verbos no imperativo, como se pode ver no enunciado de ambos os fóruns. Após fazer algumas considerações e convidar os alunos a participarem da discussão, a professora faz uso desse tempo verbal, como se pode observar nos exemplos abaixo:

##### **Fórum 1:**

*Exemplo 1 (PROFESSORA) (...) Veja o que algumas pessoas dizem sobre esse assunto (...). Leia o seguinte artigo para poder ajudar na sua reflexão: (...) Expresse sua opinião! Conte sua ou outra experiência!*

##### **Fórum 5:**

*Exemplo 1 (TUTORA UFSC) (...) conte para nós: o que você entende por gramática? (...) Após essa definição, por favor, explique de que forma a gramática tem sido um fator positivo e/ou negativo na sua aprendizagem nesse curso (...). Então, solte o verbo (transitivo, ou intransitivo??!!)!!!*

Segundo Vieira (2009) o usos dos imperativos “veja”, “leia”, “expresse”, “conte”, “explique” e “solte” revelam a presença explícita dos alunos na interlocução e os convidam para dialogar e fazer parte das discussões. De acordo com o autor, a presença dos verbos em modo imperativo contribui para “potencializar a interação e a colaboração entre os atores do processo educativo, pois, ao perceber que está inscrito no enunciado, o aprendiz tende a participar efetivamente daquilo que é proposto” (p. 102).

#### 4.7.2.8 Exemplificações

##### Fórum 1

Em ambos os fóruns pode-se encontrar o uso de exemplificações entre as opiniões postadas pelos participantes nas discussões propostas. Após fazerem suas considerações sobre o que pensavam sobre as crenças existentes em torno do aprendizado de línguas, muitos alunos utilizaram-se de exemplos pessoais para ilustrar suas opiniões, como se pode observar nos trechos ilustrados abaixo:

*Exemplo 1 (ALUNO): Tenho uma prima que mora na Espanha, em visita aqui no Brasil pude notar que ela aprendeu o espanhol, entretanto, o espanhol falado corriqueiramente, não a língua nos moldes padrão objetivado na escola.*

*Exemplo 2 (ALUNO) Já tive parentes que foram morar em Londres e na Alemanha por um período de 2 a 3 anos, haviam aprendido apenas o básico de ambos os idiomas aqui no Brasil, porém as dificuldades foram apenas nos primeiros meses, e com o tempo já estavam aptos e falando em ambos os idiomas. Atualmente eles estão aqui no Brasil, tem um grupo musical que canta em italiano, alemão, inglês e claro em português.*

*Exemplo 3 (ALUNO): Alguns anos atrás fui trabalhar na Áustria e a experiência foi muito marcante, senti na pele que não se aprende uma língua sem muito esforço, não soube aproveitar o tempo que trabalhei com pessoas que falava o alemão para aprender, isso mostra que só se aprende uma língua com esforço, dedicação e muita vontade.*

Há aqueles também que fizeram menção ao próprio grupo do qual eles fazem parte – o curso de Letras Espanhol – modalidade a distância, no intuito de chamar atenção sobre como é possível aprender uma língua estrangeira sem estar morando no país onde ela é falada:

*Exemplo 4 (ALUNO): (...) não é necessário ir até o país, berço da língua para aprender, é claro que ouvir todos os dias, estar na atmosfera do país ajuda muito, mas para os que não podem aprender onde está é totalmente possível, exemplo disto, é a turma de letras espanhol, que tem excelentes professores que dominam espanhol e estão repassando para outros (...)*

*Exemplo 5 (ALUNO): (...) Creio que se pode sim aprender uma língua estrangeira não morando em um país onde esta seja a língua materna. Tomemos a nós mesmos como exemplo. Creio que todos nós, alunos de Letras Espanhol, estamos conseguindo sim aprender esta língua não morando em um país onde ela é falada (...)*

Também se pode observar que uma tutora UFSC e três tutores polo também fazem o uso de exemplificações para ilustrarem as suas opiniões. Após fazerem algumas considerações sobre o assunto debatido e elogiar as contribuições dos alunos, elas ilustraram seus depoimentos com experiências de vida pessoais:

*Exemplo 6 (TUTORA UFSC): (...) Dividindo com vocês uma experiência, tive a oportunidade de viajar para Buenos Aires, na Argentina. Eu já tinha me graduado em língua espanhola e já dava aulas, mas estar lá, me comunicar, fazer compras, pegar ônibus, enfim, precisar do idioma no dia a dia ampliou meu vocabulário e "soltou a língua" (...)*

*Exemplo 7 (TUTORA POLO): Minha experiência com aprendizagem de língua estrangeira está baseada em dois momentos: 1º chegar de paraquedas ao Brasil, para ajudar a um parente aqui, está parte foi sofrida, não entendia nada e quando deduzia o significado de uma palavra ou frase não me atrevia a repeti-la, pois não entendi a fonética. Chorava por não saber me comunicar nas festas etc. E eu*

*tinha 20 anos; 2º depois dessa frustração, peguei duas gramáticas e estudei as duas, depois tive aulas particulares e aí sim me atrevi a conversar com todo mundo!!!<sup>26</sup>*

*Exemplo 8 (TUTORA POLO): (...) Posso citar como exemplo meu irmão que no ensino médio não conseguia aprender inglês. No final do ensino médio recebeu a proposta de fazer seu estágio nos EUA. Começou a fazer cursinho estudar a língua intensivamente, decorava vocabulário, porém pouco aprendeu. Chegando aos EUA, entrou diretamente em contato com falantes da língua, onde passou a comunicar-se somente em inglês (...)*

*Exemplo 9 (TUTOR POLO): No meu caso, aprendi inglês a distância, entrando em sites, tipo BBC de Londres, escutando as velhas fitas cassete, comprando revistas com CDs, lendo muito, e aproveitando qualquer oportunidade para falar ou escutar inglês. Já espanhol aprendi morando e estudando em Assunção e percebi que aprender espanhol é no mínimo dez vezes mais fácil que aprender inglês (...)*

## **Fórum 5**

Nesse fórum alguns alunos, após fazerem suas considerações sobre o que pensavam sobre o conceito de gramática, também fizeram o uso de exemplos práticos para ilustrar as suas opiniões durante a discussão no fórum:

*Exemplo 1 (ALUNO): (...) Outra situação que ocorre e que podemos fazer uso para observar e analisar a importância de se conhecer a gramática, seria o que acontece na língua alemã, quando falamos o número trinta e três devemos posicionar diferentemente a ordem dos números quando falado ou escrito, a unidade vem antes da dezena, drei und dreissig. Em se tratando da língua espanhola, por exemplo, o número 120 é escrito ciento veinte e em português é escrito por extenso como cento e vinte. São regras simples e que em cada língua estudada ou aprendida devem ser conhecidos (...)*

*Exemplo 2 (ALUNO): Nesse curso, o estudo da gramática tem sido*

---

<sup>26</sup> Trecho traduzido do espanhol para o português para melhor compreensão do leitor

*fundamental para podermos realizar as atividades, especialmente as de produção de texto, porque, a exemplo: as formas verbais corretas só são possíveis de serem utilizadas se tivermos o conhecimento das normas gramaticais que regulamentam seu uso (...)*

*Exemplo 3 (ALUNO) (...) mas também aqueles que querem se aperfeiçoar não apenas na fala, mas compreender a parte escrita, pois quando o aluno começa a ler e escrever em uma L2, perceberá palavras com a mesma escrita, porém significados diferentes. Exemplos tais, como na escrita em espanhol: Él, el, cómo, como, que, qué, confunde o aprendiz de uma L2, eu mesmo quando comecei a estudar acentuava todas estas palavras, já no segundo semestre comecei a entender suas diferenças e como devo utilizá-las (...)*

Segundo Campos (2004) os exemplos são bons recursos para incentivar a interação, pois assim como o uso de outras estratégias linguísticas, podem contribuir no envolvimento do aluno com o conteúdo a ser discutido, debatido, estudado. Segundo a autora, o uso dessa estratégia visa assegurar que o aluno compreenderá mais facilmente os conceitos que estão sendo trabalhados e, dessa forma, pode produzir efeitos de comprometimento e interesse por parte do aluno com o conteúdo. Essa estratégia de contribuir de maneira mais eficaz se os exemplos citados forem de ordem pragmática, permitindo que os alunos possam visualizar uma utilidade para aquilo que está sendo exemplificado. Nos trechos acima ilustrados pode-se observar essa ação por parte dos participantes. No fórum 1, tanto alunos como algumas tutoras trazem suas experiências pessoais de vida para ilustrar o tema que está sendo debatido. No fórum 5 os alunos trazem exemplos práticos também para ilustrar suas opiniões sobre o ensino da gramática.

De acordo com Farneda e Palumbo (2008) o uso desse recurso pode colaborar de duas maneiras: para melhorar a compreensão do que está sendo dito, tornando o discurso mais claro. E auxiliar no efeito de sentido pretendido pelo locutor, fortalecer o raciocínio das ideias de quem está expondo sua opinião. Para as autoras, de maneira geral, “o exemplo serve para que se aceite o raciocínio, fornecendo casos particulares que esclarecem o enunciado geral” (p. 4).

Contrariando esse clima de entendimento e de cumplicidade sugerido pelos autores citados, encontram-se presente nas discussões de ambos os fóruns alguns depoimentos no parágrafo anterior de alunos

que não fazem uso dessa estratégia de exemplificação, afim de ilustrar a sua opinião, conforme observa-se nos trechos abaixo:

### **Fórum 1**

*Exemplo 1 (ALUNO): Penso que uma língua não se constitui isoladamente, requer muito esforço, dedicação, conhecimento cultural, socialização. No entanto penso que não há necessariamente que morar em um país falante para ganhar fluência, é claro, isso intensifica e melhora, a oralidade, porque você não terá outra alternativa a não ser improvisar e tentar falar, no entanto a parte formal e escrita só com os livros e estudando muito. Acredito sim na convivência com pessoas praticantes, nos objetivos e na persistência que temos em falar determinada língua.*

*Exemplo 2 (ALUNO): Aprender uma segunda língua requer muita persistência, dedicação e força de vontade. Não acredito que alguém possa aprender muito sobre determinada língua sem aliar o conhecimento teórico com o prático. Estudando apenas a gramática, sem estar em contato com a língua oral, dificulta o desenvolvimento da pronuncia correta da língua. Por outro lado, sem a gramática, torna-se praticamente impossível lidar com a linguagem escrita.*

### **Fórum 5**

*Exemplo 1 (ALUNO): No meu ponto de vista Gramática nada mais é que um conjunto de regras, que é utilizado em determinada língua, a qual tem por objetivo ajudar a melhorar a escrita. Creio que é de suma importância aprendermos a gramática neste curso, pois cabe a nós entendê-la e transmiti-la a nossos alunos (ou futuros) de maneira clara e objetiva, para que os mesmos possam compreendê-la.*

*Exemplo 2 (ALUNO): A gramática é um conjunto de regras que nos trazem definições para as especificidades de determinado idioma. Acredito até que seja possível aprender um idioma sem focar demasiadamente a gramática. Entretanto, se é através da gramática que encontramos respostas para as particularidades da escrita de uma língua, não se pode deixar de reconhecer sua importância.*

Nos exemplos acima ilustrados pode-se observar que os alunos registram suas contribuições com o objetivo de responder a uma questão maior. Os exemplos pertinentes ao fórum 1 demonstram que os alunos preocuparam-se em responder a pergunta principal: se eles concordavam ou não que era necessário viver fora do país para se aprender uma língua estrangeira; nem sequer trazem exemplos de vida pessoal como pede o enunciado. Nos exemplos do fórum 5, pode-se observar o mesmo tipo de atitude. Os alunos contemplam suas participações e se limitam em responder o que foi perguntado inicialmente: o que pensam eles sobre o ensino de gramática e não fazem menção a suas experiências no curso Letras Espanhol – modalidade a distância, conforme lhes foi solicitado no enunciado. Na metade da discussão, uma das tutoras UFSC faz uma intervenção pedindo a eles que contem suas experiências no curso em que estão frequentando, mas mesmo assim são muitos os que ainda apenas se limitam a responder à primeira questão, sobre o ensino da gramática.

#### **4.7.2.9 Marcadores de oralidade e informalidade**

Segundo Campos (2004) entre os marcadores de oralidade e informalidade estão os marcadores conversacionais que dão um tom de oralidade à linguagem, e os termos e expressões coloquiais, que estão no nível da linguagem informal, sendo que estes elementos podem, segundo a autora, “ser considerados um procedimento que propicia a interação” (p. 98).

De acordo com Caderno de Conteúdos do 6º período do curso de Letras da Universidade do Tocantins (UNITINS, 2010, p. 78), os marcadores conversacionais são estratégias. Referem-se a marcas de aprovação, sinalizadores de hesitação, de atenuação ou de reformulação, além da intenção e interação do falante. Alguns exemplos de marcadores conversacionais são: (então, está bem, pois, pois é, deixa pra lá, pronto, assim assim, e tal, não sei quê, nem por isso, não dá para querer, não, pode ser, não me digas, que tal?, não é?, não é verdade?, não é assim?, não achas?, como assim?, que te parece?, e tu?, como assim?, ah!, oh!, vamos!, viva!, ai!, ó!, hum!, psiu!, olá!), entre outros.

Sobre os termos e expressões coloquiais, Campos (2004) aponta que através somente do uso de algumas marcas, os participantes de uma discussão via fórum, por exemplo, podem simular uma conversação mais natural, criando efeitos de aproximação, intimidade e cumplicidade

e, desta maneira, instaurar uma relação entre todos mais afetiva. Trata-se de expressões como “pode parecer brincadeira, mas não é!”, “e agora uma última dica”, “então, vamos lá!”, como aponta a autora.

Dentre vários, nas discussões dos fóruns de LAI, encontram-se os seguintes exemplos:

## **Fórum 1**

*Exemplo 1 (ALUNO): (...) Acredito que desde que haja dedicação é perfeitamente possível aprender outro idioma, mas não basta aprender a escrever é necessário saber falar e se o estudante conviver com pessoas nativas desse idioma é evidente que facilitará e muiiiiiiiiiiiiiiiiiito o aprendizado.*

*Exemplo 2 (ALUNO): (...) Então! Se não estou enganado, a pergunta é tão somente: se é necessário viver em outro país para poder aprender sua língua com proficiência, é isto? (...)*

*Exemplo 3 (ALUNO): Olha gente, acredito que o aprendizado é diferente de aluno para aluno, pois acompanha o nível de cognição e envolvimento de cada indivíduo, indiferentemente de ser o espanhol ou outra língua (...).*

*Exemplo 4 (ALUNO): (...) Então, respondendo à pergunta, eu penso que viver no país em que uma língua é falada pode ser uma experiência que auxilie bastante o aprendizado (...).*

*Exemplo 5 (ALUNO): (...) Em julho/1980 já estava fazendo a faculdade de direito e um dos professores disse a palavra "ontem" ;jhay hay hay....não sabia o que significava ontem!! Foi a partir desse dia que comecei a pedir a todo mundo que me corrigisse e toda dúvida que tinha não "duidava" em perguntar (...) me transformei numa aluna bem sem vergonha!*

*Exemplo 6 (ALUNO): (...) para podermos sentir até onde nossa opinião foi correta ou não, da coerência do nosso pensamento, teremos este parecer final??? que tal??? (...)*

*Exemplo 7 (ALUNO): (...) Eu falava e eles entendiam outra coisa, me dava muita raiva e passei vários micos rrsrrr (...)*

*Exemplo 8 (TUTORA UFSC): Eu já tinha me graduado em língua*



ambiente escolar se faz necessário o uso de uma linguagem mais formal, da norma culta. Segundo Cunha (2006) um recurso que tem se mostrado benéfico no sentido de estimular a participação dos alunos em fóruns de discussão é o uso da linguagem informal, permitindo a construção de um ambiente mais descontraído. Segundo a autora, a linguagem informal não denota, necessariamente, o uso de linguagem que se distancie da norma culta, pois é perfeitamente possível ser informal sem desobedecer às regras do idioma em uso para as discussões. Entretanto, sobre este tema da informalidade e intimidade Gabler (2010, p.4) acrescenta que “quanto mais despreziosa, em relação aos padrões da gramática normativa, for a mensagem, maior será o nível de percepção, de entendimento, de apreensão dessa mensagem”.

#### **4.7.2.10 Uso de pronomes de 1ª pessoa do plural**

De acordo com Vieira (2009) o uso de pronomes de primeira pessoa do plural causa um efeito de inclusão, aproximando os interlocutores.

#### **Fórum 1**

*Exemplo 1 (PROFESSORA): Gostaríamos de convidá-los a participar de um fórum para compartilhar opiniões sobre o seguinte mito (...)*

*Exemplo 2 (PROFESSORA): (...) Vejamos também depoimento de um brasileiro no You Tube, sobre a sua experiência tentando aprender inglês em Londres (...)*

*Exemplo 3 (PROFESSORA): (...) Esperamos a sua contribuição no nosso fórum! (...)*

*Exemplo 4 (PROFESSORA): Através desta síntese, estamos fechando o fórum, acreditando que na busca do conhecimento nunca encerramos as questões, e continuamos sempre construindo verdades transitórias...*

#### **Fórum 5**

*Exemplo 1 (TUTORA UFSC): Muito importante: neste momento*

*queremos ouvir a sua voz, conhecer a sua definição e não a definição dada no material didático, nem fundamentada em nenhuma teoria.*

Pelos exemplos acima, pode-se dizer que, segundo Vieira (2009), ao lançar mão de verbos a professora em primeira pessoa do plural (“gostaríamos”, “vejamos”, “esperamos”, “queremos”, “estamos”, “continuamos”) a professora (e uma das tutoras da disciplina) estariam revelando-se como sujeitos que se manifestam e que se fazem presentes dentro da discussão. Desta maneira, podem atenuar a distância incluindo o outro na discussão, revelando uma “modalização” facilitadora da interação, podendo propiciar o desenvolvimento da construção coletiva e participativa dos alunos no ambiente virtual de aprendizagem (p. 106).

Além das intervenções feitas pela professora e pela tutora UFSC, pode-se perceber que alguns alunos também fazem uso dessa estratégia, como se pode observar nos exemplos abaixo:

### **Fórum 1**

*Exemplo 1 (ALUNO): (...) Para aprender a falar outra língua precisamos estar em contato com pessoas que falem fluentemente qualquer que seja a língua, mesmo que não seja no país onde ela é falada (...)*

*Exemplo 2 (ALUNO): (...) Pois enquanto nós somente a estudamos e não a praticamos torna-se muito difícil saber qual o grau de nossa dificuldade de aprendizado (...).*

*Exemplo 3 (ALUNO): (...) Creio que todos nós, alunos de Letras Espanhol, estamos conseguindo sim aprender esta língua não morando em um país onde ela é falada (...).*

*Exemplo 4 (ALUNO): (...) Como moramos em cidade turística, todos os dias recebemos muitas pessoas que falam os mais variados idiomas e esta é uma oportunidade de também aprender. (...).*

### **Fórum 5**

*Exemplo 1 (ALUNO): (...) No ensino em EaD ela também se torna*

*fundamental, pois, precisamos aprender as regras da língua de uma forma mais autônoma (...).*

*Exemplo 2 (ALUNO): (...) Para mim a gramática é fundamental na formação das palavras, no contexto em que estamos inseridos, na língua em que estamos aprendendo (...).*

*Exemplo 3 (ALUNO): (...) Entendo que a Gramática é uma área que estuda toda a estrutura da língua, por ela nós adquirimos regras para domar a nossa linguagem, tanto materna como estrangeira (...).*

*Exemplo 4 (ALUNO): (...) No entanto sabemos que a prática é um tanto diferente da teoria (...).*

De acordo com Campos (2004) o uso de “nós” é inclusivo e pode atenuar a distância entre os sujeitos. Quando o aluno faz uso desse pronome, ele inclui a si e seus pares no processo de ensino.

#### **4.7.2.11 Uso de pronome de tratamento**

Segundo Vieira (2009) o uso de pronomes de tratamento “você” revela a preocupação do professor em instaurar um diálogo mais próximo do aluno, considerando a individualidade deste. Segundo o autor, ao lançar mão dessa estratégia, cria-se uma atmosfera de maior proximidade entre os envolvidos e a sensação de o professor estar se dirigindo diretamente ao estudante.

Dois exemplos bastante simbólicos encontrados nas discussões analisadas estão nos enunciados de ambos os fóruns, como se pode ver nos trechos abaixo:

#### **Fórum 1**

*Exemplo 1 (PROFESSORA): (...) Uma língua estrangeira só pode ser aprendida no país onde ela é falada.  
Você concorda com ele? (...)*

*Exemplo 2 (PROFESSORA): (...) Então, o que você acredita?  
Expresse sua opinião! Conte sua ou outra experiência! Será que essa crença esta influenciando a sua aprendizagem de espanhol?  
Esperamos a sua contribuição no nosso fórum!*

De acordo com Campos (2004) ao evocar o estudante por meio do pronome de tratamento “você” o professor se estabelece “como um ‘eu’ que se dirige a um ‘tu’, estabelecendo a criação de um ambiente conservacional, em que os sujeitos estão próximos. E instaurando uma relação sensorial e afetiva entre eles” (p. 76), ou seja, o pronome de tratamento reforça o interesse do professor pelo aluno, além de ratificar uma relação dialógica, fazendo com que o aluno se sinta valorizado e motivado a envolver-se no processo de aprendizagem.

## **Fórum 5**

*Exemplo 1 (TUTORA UFSC): (...) baseado na sua experiência de aprendizagem de espanhol no EaD, conte para nós: o que você entende por gramática? (...)*

*Exemplo 2 (TUTORA UFSC): (...) Muito importante: neste momento queremos ouvir a sua voz, conhecer a sua definição e não a definição dada no material didático, nem fundamentada em nenhuma teoria (...).*

No fórum 5, a disponibilidade para o diálogo é manifestada quando a tutora UFSC se dirige diretamente ao aluno fazendo uso do pronome “sua” (que remete ao uso do pronome de tratamento você). Desta maneira, é evidenciada a relevância do aluno na interação e na construção colaborativa do conhecimento (VIEIRA, 2009). Nos exemplos supracitados, a professora se dirige direto a um singular, “a sua voz”, e não no plural de todos os alunos, falando direto com cada um, buscando laços de intimidade, dando importância à opinião do aluno e instaurando uma relação de comprometimento. De acordo com Vieira (2009) essa possível proximidade, reforçada pelo uso do pronome de tratamento, “é fundamental para estabelecer empatia, corresponsabilidade, parceria e companheirismo entre o professor e os aprendizes na EaD” (p. 103).

Também se pode observar o uso da forma de tratamento “você” nas postagens realizadas pelos alunos, ao responderem às indagações colocadas nos fóruns de discussão, reiterando uma relação de afetividade entre todos, uma vez que eles estão fazendo menção aos seus colegas ao se posicionarem diante dos temas em questão e incluindo-se no discurso ao fazerem uso do “você”, como se fosse uma espécie de

“nós”, não se dirigindo diretamente ao outro, mas se colocando e se identificando na cena enunciativa.

## **Fórum 1**

*Exemplo 1 (ALUNO): (...) No entanto penso que não há necessariamente que morar em um país falante para ganhar fluência, é claro, isso intensifica e melhora a oralidade, porque você não terá alternativa a não ser improvisar e tentar falar (...).*

*Exemplo 2 (ALUNO): (...) A melhor maneira de aprender uma língua talvez seja morando num país que fale esta língua, porque você vai ter muito mais oportunidades para praticar, ouvir, perguntar como se diz a palavra (...).*

*Exemplo 3 (ALUNO): (...) Viver em outro país para aprender uma língua, em um período de três meses... Acho uma utopia. Especialmente se você nunca estudou esta língua.*

## **Fórum 5**

*Exemplo 1 (ALUNO): (...) Você pode conseguir se comunicar em Espanhol apenas com os conhecimentos empíricos da gramática, mas para dominar esta língua (e qualquer outra) é fundamental conhecê-la (...).*

Através do emprego dessas estratégias, os alunos estão evocando os companheiros na discussão, reconhecendo a presença dos seus colegas e configuram, desta maneira, uma relação dialógica (CAMPOS, 2004), como se pode observar nos exemplos supracitados. Ademais destes exemplos, também se pode observar a presença do pronome “você” na sua forma plural:

## **Fórum 1**

*Exemplo 1 (TUTORA UFSC): (...) Como bem alertou uma aluna, vocês estão adquirindo outro idioma mesmo sem a possibilidade de viajar (...) Dividindo com vocês uma experiência: tive a oportunidade de viajar para Buenos Aires, na Argentina (...) Enfim, para quem puder ter essa experiência é ótimo, mas com certeza vocês podem aprender sem sair do país (...)*

Nesse exemplo acima ilustrado a tutora, ao dirigir-se a todos através do pronome de tratamento “você”, cria um ambiente íntimo, em que ela se posiciona diante de todos, dando a impressão que está compartilhando sua opinião e sua experiência pessoal diretamente com o grupo, direcionando-se especialmente aos alunos.

## **Fórum 5**

*Exemplo 1 (PROFESSORA): (...) De modo geral, foi verificado que a grande maioria de vocês, na verdade todos vocês reconhecem a importância que a gramática tem para o ensino-aprendizagem de línguas (...) A grande maioria de vocês entende a gramática com um conjunto de regras que sustentam ou dão suporte às línguas (...)*

Igualmente a professora também faz uso da forma de tratamento “você” ao registrar um resumo de todas as postagens realizadas no fórum 5. Dessa maneira, ela dirige-se diretamente ao grupo e não especificamente aos alunos. Ela refere-se a todos como um conjunto, com uma comunidade, e não inibe a nenhum dos participantes, como também não enaltece a nenhuma das considerações feitas pelos alunos. Ao fazer o resumo das mensagens a professora mostra uma atitude de polidez e de respeito para com os alunos.

### **4.7.2.12 Explicações mais comentários**

Segundo Vieira (2009) as explicações têm como objetivo aclarar temas e conceitos que estão sendo discutidos. Segundo o autor, as explicações devem ser incluídas como estratégias que potencializam procedimentos pedagógicos que desenvolvam a empatia, coresponsabilidade e a parceria entre os envolvidos que, neste caso, trata-se de uma aproximação entre professor, tutores e alunos.

Como se pode observar no trecho ilustrado abaixo, os alunos se posicionam sobre o questionamento proposto para a discussão e logo a seguir explicam seus motivos. Acrescentam opiniões e comentários acerca do tema:

## **Fórum 1**

*Exemplo 1 (ALUNO): Em relação a questão da possibilidade de aprender uma língua estrangeira não estando em seu país de origem, eu acredito que seja possível chegar a aprendizagem da mesma sim, desde que o indivíduo esteja disposto a unir teoria e prática, além de sua dedicação e persistência, pois, não basta apenas ser capaz de falar, é necessário ler, interpretar e interagir dentro desta cultura. Isto porque, podemos ampliar nossos conhecimentos em torno da LE, através da busca, da realização de estudos, cursos e outras maneiras tendo em vista as possibilidades oferecidas atualmente. Mas, também é preciso considerar o fato de que, se mantivermos contato com falantes (fluentes) da outra língua, isto irá auxiliar no processo de aprendizagem tornando-o mais fácil e rápido.*

*Exemplo 2 (TUTOR POLO): A melhor maneira de aprender uma língua talvez seja morando num país que fale esta língua, porque você vai ter muito mais oportunidades para praticar, ouvir, perguntar como se diz a palavra, enfim, envolver-se com as pessoas daquele país. Mas só isso é pouco. Para chegar a um nível avançado é indispensável também estudá-la, compará-la com a sua própria língua, ler muito, consultar dicionários, etc. Mas isso não quer dizer que a pessoa não possa aprender uma língua a distância, ainda mais hoje, com internet, celular, computador, TV a cabo, ficou mais fácil entrar em contato com as línguas e se a pessoa tiver interesse vai aprender. De uma maneira mais lenta, talvez, mas não importa (...)*

Pode-se observar a mesma dinâmica nos exemplos abaixo, onde os participantes tecem suas opiniões apoiados em comentários e explicações:

## **Fórum 5**

*Exemplo 1 (ALUNO): Eu diria que se trataria de unirmos o útil ao agradável, a teoria e a prática, onde a gramática se encaixaria no quesito teoria, as regras, as normas, importantes sim para que obtenhamos uma carga de conhecimento completa, variada e capaz de ser comprovada. Mas, pra ser sincera, não acredito que algum professor que não saiba ao menos a gramática da nossa língua*

*materna, o português, consiga aprender a gramática na língua estrangeira.*

*Exemplo 2 (ALUNO): O ensino de línguas por muito tempo seguiu sempre embasado no ensino de gramática e tradução. Hoje depois de muita procura por métodos adequados de se trabalhar línguas, percebe-se que as pessoas estão mais flexíveis e conseguem perceber que não há uma fórmula mágica, mas um conjunto de elementos que ajudam na constituição e internalização de uma segunda língua. Por isso não considero a gramática nem mocinha, nem vilã, mas um elemento fundamental dentro de uma língua, é claro, eu pense que ela não deva ser trabalhada de forma solta, mas no contexto e de acordo com a necessidade, dando significação dentro da situacionalidade. Porque todos poderemos estar em uma situação formal onde há a necessidade da escrita. E querendo ou não, nessas circunstâncias é preciso dominar a gramática.*

De acordo com Vieira (2009) através do uso da estratégia de explicação, se pode não apenas envolver e motivar os participantes de uma discussão, como também estreitar os laços entre eles, paralelamente ao intento de tornar o assunto mais interessante e didaticamente compreensível. O autor acrescenta que, somado a isso, os comentários acerca de um tema podem ser utilizados para atenuar a pouca familiaridade que os alunos possam ter com o assunto, como também de aproximar todos os participantes, criando um clima de companheirismo e de comprometimento entre eles, o que pode servir como elemento motivacional.

#### **4.8 Análise dos dados**

Relembrando os pressupostos de Vygotsky e Bakhtin, partiu-se da hipótese de que a interação pela linguagem é um requisito importante para a construção de uma aprendizagem colaborativa e para a construção coletiva em ambientes virtuais de aprendizagem. Através do diálogo existente entre as ideias dos autores russos supramencionados, se pode observar que, ao se considerar a linguagem como um caminho possível para a interação entre os participantes de uma discussão através da ferramenta fórum, deve-se levar em conta a dialogicidade da linguagem, o seu caráter interacional e as possibilidades de usá-la de forma a facilitar a comunicação entre os envolvidos no discurso de professores,

alunos e tutores. Ademais, a linguagem se constitui uma estratégia para atenuação da suposta distância física existente entre professores, tutores e alunos no AVEA, convertendo-se em um meio de incentivar a interação em um curso a distância. Igualmente, por meio da linguagem escrita, é possível proporcionar um maior envolvimento entre todos, de modo que a participação de professores, tutores e alunos se faça de maneira mais presente e ativa.

Antes de descrever os resultados é preciso apontar que as postagens realizadas pela professora, por tutores e alunos, foram analisadas segundo as recomendações para a criação e funcionamento de um fórum de discussão e segundo as estratégias linguísticas de que se serviram os participantes na elaboração de seus enunciados. Porém, apesar da perspectiva teórica com base dialógica, apontada na perspectiva da linguagem como enunciação ter sido levada em consideração como ponto de partida da pesquisa, seus critérios de análise não foram explorados. Optou-se por se manter o ponto de vista na ordem da textualidade e não da enunciação.

Por essa razão, não foi possível identificar se as vozes que emergiam desses agentes revelaram visões de mundo ou confronto de valores, o que implicaria uma abordagem qualitativa, com a realização de entrevistas para se ouvir a voz dos participantes da troca enunciativa. Ou seja, segundo a perspectiva de Bakhtin, o gênero fórum teria de ser analisado a partir das categorias que buscassem compreender em que condições se dão as participações dos envolvidos, a que elas se destinam e que competências linguísticas e discursivas se fazem necessárias.

Isso porque, quando um locutor fala ou escreve, ele não só o faz em função do tema do seu enunciado, mas em resposta a enunciados alheios. O enunciado é dirigido a alguém, a um receptor destinatário. Saber quem é este a quem se dirige, que imagem o locutor tem de quem emite o enunciado, que influência ele tem sobre o seu enunciado, caracteriza a composição e o estilo do enunciado. Isso se refere à atitude responsiva ativa, fato de um enunciado ser resposta a enunciados anteriores com vistas aos que virão dentro de uma dada esfera de comunicação.

Segundo Bakhtin (2006), uma atitude responsiva ativa pressupõe uma compreensão responsiva ativa, competências linguísticas e discursivas. A atitude dos interlocutores nos fóruns analisados parece guardar um modo de interlocução monológico, onde havia estímulos verbais, que eram respondidos porém não se entrecruzavam. Havia diálogo enquanto

alternância de vozes e a utilização das estratégias linguísticas não se caracterizou como o instrumento mais adequado para potencializar o espaço de interação e construção de conhecimento. Ao se considerar a linguagem como forma de interação, ressalta-se que o indivíduo faz uso da mesma, não apenas para simbolizar o mundo no qual está inserido ou para se comunicar com o outro, mas também para provocar um comportamento no seu interlocutor, exercendo alguma influência sobre ele (KOCH, 1992).

No entanto, a escolha da textualidade como base para análise do corpus desta pesquisa gerou uma visão sobre as questões linguísticas e não sobre as discursivas. Por conta disso, este trabalho tentou investigar se havia o uso de estratégias linguísticas utilizadas na ferramenta fórum no curso de Letras Espanhol – modalidade a distância – que viessem a contribuir de forma a facilitar a interação entre seus participantes com vistas a um ambiente interativo. A pesquisa mostrou que, de maneira geral, os fóruns analisados da disciplina de LAI atenderam a alguns critérios estabelecidos por Moore e Kearsley, 2007; Gutiérrez, 2003; Pérez et.al, 2004 no que diz respeito a alguns aspectos, tais como: ambos os fóruns contam com mensagens iniciais, que dão o pontapé inicial às discussões; em ambos se observa respostas à mensagem inicial, uma vez que houve participação dos alunos, tutores e professora nas discussões; há mensagens de resumo ao final das discussões, onde a professora da disciplina faz uma retrospectiva resumindo as opiniões postadas por todos; há a presença das regras de participação nos fóruns, que foram explicitadas num documento disponível no espaço colaborativo da disciplina, de forma que todos pudessem visualizá-las; há também a estipulação do tempo máximo de postagem para que os alunos saibam até quando podem registrar suas opiniões em ambos os fóruns.

Por outro lado, algumas das recomendações sugeridas pelos autores supramencionados não foram contempladas, como por exemplo: há um número reduzido de mensagens de acompanhamento por parte dos responsáveis; não há objetivos claros e expostos, ou seja, os propósitos das discussões propostas não são explicitados; os critérios de avaliação não constam no plano de ensino fazendo menção direta à avaliação nos fóruns de discussão, uma vez que não se sabe se bastava a participação do aluno para contar como presença ou se o conteúdo de suas contribuições também seria avaliado; não há um número mínimo de participações; os responsáveis aparecem como moderadores, mas de maneira bem reduzida,

uma vez que no fórum 1 registrou-se seis intervenções (divididas entre professora e tutores UFSC e polo) e no fórum 5, duas intervenções (tutora UFSC e professora).

Logo após a observação da estrutura básica dos fóruns, partiu-se para análise do conteúdo dos mesmos. Num primeiro momento, ao se fazer uma leitura prévia dos fóruns de discussão da disciplina de Linguística Aplicada I tudo parecia ser muito confuso e obscuro. Parecia que a ferramenta tinha sido apenas utilizada como um depósito de informações, onde os alunos deixavam registradas algumas ideias desconexas, formando um grande amontoado de palavras que não pareciam conversar entre si. Em seguida, por meio de uma leitura mais minuciosa e atenta, se pode observar que havia sim a existência de algumas estratégias linguísticas interacionais, como por exemplo: saudações, elogios, perguntas, resposta à pergunta dos alunos, concordância e discordância de opinião, convites, entre outras. Estas eram as mais evidentes, mas ainda estes elementos não pareciam contribuir para um ambiente harmonioso entre os sujeitos presentes nas discussões via fórum.

Em um segundo momento, através de leitura e releituras dos fóruns, começou-se a observar que nem todas as postagens encontravam-se soltas, desconexas ou sem propósito. Uma vez que se tinha melhor visualizado o que se pretendia buscar, através da elaboração de uma tabela que sintetizava o uso de algumas estratégias linguísticas sugeridas por estudiosos já mencionados como Barros e Criscitelli (2008), Andrade (2008) e Campos (2008), tornou-se mais fácil identificar e analisar o uso de outras estratégias linguísticas nas postagens dos fóruns de discussão da disciplina de LAI, tais como saudações, elogios, o uso de pronomes em 1ª pessoa, o uso do imperativo, exemplificações, entre outras.

Na análise do corpus desta pesquisa, verificou-se alguns movimentos potencialmente interacionais e colaborativos, como nos exemplos ilustrados pelo uso de estratégias que parecem levar o estudante além das fronteiras da simples recepção passiva das informações. Seu uso está evidenciado nos diferentes exemplos ilustrados na análise do corpus, onde efetivamente observa-se a existência de estratégias como: saudações, exemplificações, elogios, marcas de oralidade e informalidade, perguntas, uso de pronomes de 1ª pessoa do plural, repostas às perguntas dos alunos, uso de pronome de

tratamento, concordância ou discordância de opinião, explicação mais comentários, convite e verbos no imperativo.

Também se observou que há algumas participações isoladas, ou seja, sem elementos que evidenciassem referência às mensagens registradas anteriormente, dando indicativos de que não houve comunicação direta com os envolvidos. Sendo assim, considera-se que para participar de um fórum de discussão é recomendável iniciar o debate com a leitura das mensagens postadas dos colegas, tutores e professores, para posteriormente haver o acréscimo de contribuições e a apresentação de novas ideias argumentativas que venham a contribuir para uma aprendizagem colaborativa, evitando repetições de argumentos que já foram postados anteriormente.

Os alunos poderiam demonstrar uma postura mais engajada, participando mais ativamente no fórum, visto que o número de postagem parece ser baixo quando comparado ao número de alunos matriculados no curso no semestre de 2010.1, época em que transcorreu a disciplina. Igualmente se propõe que os responsáveis pela disciplina – tutores e professor - poderiam, por exemplo, seguir as recomendações sugeridas por Moore e Kearsley (2008) sobre a configuração básica para um fórum de discussão especialmente no se que diz respeito às mensagens de acompanhamento, apontando para as divergências e convergências dos pontos discutidos no fórum e atuando de maneira mais ativas nas discussões. Desta forma, possibilitaria ao aluno ter uma visão mais ampla sobre o que foi discutido e assim poder refletir melhor sobre o tema, efetivando o seu aprendizado com os demais colegas já que o fórum é um espaço propício para o fomento da construção colaborativa do conhecimento. Segundo Cunha (2007, p. 6) o professor que é comprometido e que se interessa pela busca de estratégias facilitadoras do processo de ensino-aprendizagem “precisa estar atento, entre outras coisas, ao comportamento de seus alunos perante as discussões nos fóruns e precisa estimular a participação destes. Assim, poderá fazer com que o uso dessa ferramenta se torne mais produtivo e eficaz”.

De todos modos, não se pode negar que o uso dessas estratégias se faz necessário com o objetivo de suprir algumas possíveis lacunas que possam surgir na comunicação entre os envolvidos, sendo que no AVEA não há elementos extralinguísticos geralmente empregados em sala de aula presencial, tais como: um olhar, expressões faciais e gestos

e também o texto escrito é bastante utilizado dentro deste processo de ensino e aprendizagem via AVEA. Assim, a presença de estratégias linguísticas no diálogo entre docentes, discentes e tutores em ambientes virtuais de aprendizagem pode ser facilitada, uma vez que estas estratégias possam convergir para uma organização comunicativa mais interativa, aproximando os sujeitos e criando efeitos de cumplicidade, de inclusão e comprometimento, fatores que contribuem para motivar os alunos a interagir com seus pares, a colaborar nas discussões de maneira mais ativa. Desta maneira, percebe-se que com o uso das palavras, se pode atuar diretamente sobre o outro e que, diante de uma relação dialógica com um interlocutor, se pode escolher o que, e como dizer, de acordo com as intenções e com quem se dialoga.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como esta dissertação mostrou, o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) na Educação tem crescido amplamente nos últimos anos e são inúmeras as formas em que essas tecnologias têm se incorporado nos processos educativos e no meio social, abrindo novos caminhos na implementação de processos de aprendizagem, rompendo com modelos antigos de fazer a educação. Com a implantação dos AVEA em algumas instituições de ensino, os programas dos cursos que oferecem a modalidade a distância começaram a voltar seus olhares para uma educação mais democrática, buscando uma relação mais interativa entre professores, tutores e alunos, rompendo com barreiras hierárquicas, em situações em que apenas o professor era o detentor do conhecimento.

Através da evolução das diferentes gerações da EaD, se pode observar um salto tanto qualitativo como quantitativo na modalidade à distância, entretanto, por mais veloz que seja esse crescimento associado à evolução dos recursos tecnológicos, preocupados com a educação de maneira geral, não basta apenas a presença de máquinas, de programas bem elaborados e a presença da internet para garantir o sucesso na EaD e, sim, que os sujeitos processem as informações e lhes atribuam significados, através de um programa educativo mais ativo e realizado de maneira contextualizada, proporcionando as relações de interação entre os sujeitos.

Considera-se que as pessoas envolvidas no processo de ensino e aprendizagem - professores, tutores e alunos são os agentes principais para que se possa edificar ou recriar conhecimentos nessa modalidade que vem crescendo tanto nos últimos anos. Para tanto, seria conveniente que os cursos planejados para a educação a distância focalizassem cada vez mais em processos participativos, prezando pela interação e colaboração para que os protagonistas desse processo, que são os alunos, possam valer-se do potencial interativo das TIC e, dessa forma, possam se sentir mais envolvidos e motivados a posicionarem-se de forma comprometida no processo de construção do conhecimento.

Pelo fato de a interação entre os sujeitos na EaD acontecer predominantemente através da linguagem escrita (materiais didáticos, fóruns de discussão, ferramenta *wiki*, entre outros) se espera que os agentes participantes desse processo adotem algumas ações que possam

facilitar as relações de interação entre os envolvidos num curso a distância. Entre essas ações, o estudo mostrou que o uso de estratégias linguísticas aplicadas nas discussões dos fóruns pode ser um dos caminhos para se alcançar um ambiente mais interativo, evitando que a ferramenta fórum de discussão se transforme apenas em um repositório de informações repetidas ou desconexas, que não dialogam entre si.

Por conta disso, neste trabalho tentou-se responder o seguinte questionamento: se havia uso de estratégias linguísticas utilizadas na ferramenta fórum no curso de Letras espanhol – Modalidade a distância – que viesse a contribuir de forma a facilitar a interação entre seus participantes com vistas a um ambiente interativo. Assim sendo, o objetivo geral desta pesquisa era verificar a existência do uso de estratégias linguísticas interacionais usadas por professores, tutores e alunos nos fóruns de discussão da disciplina de Linguística Aplicada I (LAI) - Modalidade a Distância, oferecida pelo já referido curso.

A partir da observação das discussões dos fóruns da disciplina de LAI, identificou-se a presença de algumas estratégias linguísticas interacionais utilizadas pelos professores das disciplinas, seus tutores e pelos alunos matriculados na disciplina de LAI. Após uma análise mais atenta das intervenções realizadas por esses agentes, identificou-se, nos limites das análises aqui expostas, o uso de algumas estratégias linguísticas interacionais tais como: saudações, elogios, perguntas, uso de verbos no imperativo, de pronomes em primeira pessoa, entre outras.

Através da observação e análise do corpus da pesquisa e da identificação do uso dessas estratégias, pode-se afirmar que, numa cena enunciativa, o uso destes elementos pode criar efeitos positivos de interação, com a consequente melhoria na qualidade das discussões via fórum que, por sua vez, podem propiciar o comprometimento e a empatia entre os interlocutores, estabelecendo entre eles uma relação mais afetiva, propiciando interação e colaboração.

Assim, em uma sala de aula virtual, em que não há a predominância das relações face a face e que a comunicação se dá por meio da escrita, como nos fóruns de discussão, entende-se que o uso de estratégias linguísticas é fundamental para manter-se o bom tom das relações entre os interlocutores. Dessa forma, é preciso que professores, tutores e alunos estejam sempre atentos ao uso adequado da linguagem, pois é através deste processo de comunicação que o processo de ensino e aprendizagem se concretiza na sua maior parte.

Igualmente se pode perceber que o fórum de discussão é uma ferramenta que pode propiciar o diálogo, não apenas na forma de perguntas e respostas, mas na forma de mediação construtiva, estimulada pelo professor ou tutor, que assumem um papel importante nesse processo de interação e colaboração. Cabe a esses mediadores ser os incentivadores das participações, os incitadores, os desafiadores de diálogos, de interações que levem à avaliação enquanto processo e não somente como cobrança. Mas a responsabilidade de alimentar essas discussões não recai somente na figura do professor ou de seus tutores. Os alunos também devem se atentar que eles são os principais elementos que podem dar vida às discussões via fórum, eles são os elementos principais.

Ainda que a questão principal desta pesquisa tenha se remetido a verificar a existência do uso de estratégias linguísticas nos fóruns de LAI, a pesquisa mostrou algumas características básicas sobre como deve ser o funcionamento da ferramenta fórum no sentido de permitir aproveitá-la melhor e proporcionar um ambiente mais organizado, claro e objetivo. Por outro lado, percebe-se que somente a existência dessas características básicas para o bom funcionamento de um fórum e mesmo com a presença de estratégias linguísticas na discussão investigada em LAI não são suficientes para entender realmente como interagem professores, tutores e alunos ao fazerem uso da ferramenta fórum de discussão.

Constituiu-se como limitação importante desta pesquisa o fato de não se saber quais foram as reais razões que motivaram os alunos a participarem das discussões propostas nos fóruns. Também não se pode ter conhecimento se em algum momento os agentes receberam, em seus cursos de capacitação, informações pertinentes ao uso de ferramentas assíncronas. A ferramenta fórum foi uma entre várias existentes num AVEA e a análise realizada não deu conta de observar os diferentes momentos onde se idealizou e onde se organizou a disciplina de LAI. Outros momentos ricos e importantes que fizeram parte dessa disciplina não ficaram registrados nesta ferramenta, que funcionou como um recorte, um momento dentro de todo o processo de construção da disciplina, traduzindo a realidade como um todo.

Em termos metodológicos, o fato de fazer a análise nas interações linguísticas registradas nos fóruns não permite o acesso às dinâmicas de organização e construção da disciplina realizadas pela equipe pedagógica, assim como não se tem conhecimento do conteúdo

das outras ferramentas disponíveis para a realização da disciplina onde também ocorrem momentos interativos, tais como as videoconferências, as reuniões pedagógicas, a elaboração dos materiais didáticos, as aulas presenciais. Esses fatores fazem com que a análise textual seja limitada, pois não dá conta de entender o contexto dentro da sua totalidade, não conseguindo abarcar outras instâncias das práticas pedagógicas bem como diferentes implicações das ferramentas da EaD.

Essas limitações, por outro lado, apontam caminhos para novas investigações que poderiam ser seguidas de forma a complementar o entendimento sobre o funcionamento das interações realizadas via fórum de discussão. Poderiam ser realizadas, por exemplo, a partir de entrevistas sobre a opinião de professores, tutores e alunos sobre sua participação e o que pensam sobre o uso dessa ferramenta como apoio às suas atividades via ambiente virtual. Da mesma maneira pode-se verificar pelo contato direto com os agentes se realmente o fórum se constituiu como um espaço propício para a interação e colaboração e, inclusive, se eles têm consciência de que essa ferramenta não deveria ser apenas aberta como uma atividade a mais para ser feita pelos alunos, sem que haja um planejamento, um delineamento de propósitos e objetivos que visem a sua utilização. Esses são temas que podem, por exemplo, ser debatidos nas formações de futuros professores que venham a atuar na área de educação a distância, no intuito de dar a estes profissionais mais condições de se apropriarem dessas ferramentas para que possam potencializar suas práticas pedagógicas.

É preciso salientar que este trabalho apresenta apenas um recorte das possibilidades referentes ao uso de estratégias linguísticas como ferramenta facilitadora de um ambiente mais interativo e colaborativo na EaD, tendo em vista que cada uma das categorias elencadas para análise do corpus pode ser realizada de forma mais detalhada e a partir de outros pontos de vista, de outros estudiosos da área. Essa discussão não tem o intuito de encerrar o assunto, pois, ao considera-se a importância desse tema, muitas pesquisas são necessárias acerca da interação pela linguagem e da construção do conhecimento na EaD, para que se possa aperfeiçoar a maneira de como apropriar-se das inúmeras possibilidades provenientes das TIC.

## REFERÊNCIAS

ALBERT, S.A.de B; MIGLIORANÇA, C.R. Estratégias de interação em Ambiente Virtual de aprendizagem: o fórum educacional. In: MARQUESI, S.C; ELIAS, V.M.S; CABRAL, A, L. T. (Org). **Interações Virtuais: perspectivas para o ensino de Língua Portuguesa a distância**. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

AGUSTÍ, F. M; RAMOS, G. C. **El uso del foro virtual como herramienta para favorecer el aprendizaje autónomo y en grupo del estudiante en titulaciones presenciales adaptadas a las directrices del EEES**. En: A. Méndez, A. Solano, J. Mesa y J. A. Mesa: *Current Developments in Technology-Assisted Education*. Badajoz: Formatex. Vol. 3. Disponível em: <<http://www.formatex.org/micte2006/CoverTOC3.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2009.

ANDRADE, C.A.B. Produção de conteúdo para ambientes virtuais de aprendizagem: os espaços do texto e de uma nova paralinguagem. In: MARQUESI, S.C; ELIAS, V.M.S; CABRAL, A, L. T. (Org). **Interações Virtuais: perspectivas para o ensino de Língua Portuguesa a distância**. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

ARANGO, M. L. **Foros virtuales como estratégia de aprendizaje**. Disponível em <[www.rlcu.org.ar/revista/numeros/02-02-Abril.../Arango.pdf](http://www.rlcu.org.ar/revista/numeros/02-02-Abril.../Arango.pdf)>. Acesso em: 12 fev. 2010.

ARETIO, Lorenzo Garcia. Educación a distancia hoy. Universidad Nacional de Educación a Distancia, Madrid, 1994.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec 12ª ed., 2006.

BARROS, K.S. M; CRESCITELLI, M.F.C. Prática docente virtual e polidez na interação. In: MARQUESI, S.C; ELIAS, V.M.S; CABRAL, A, L. T. (Org). **Interações Virtuais: perspectivas para o ensino de Língua Portuguesa a distância**. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

BARROS, D.L.P. de. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BRAIT, Beth. (Org). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005.

BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L.(orgs.). **Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade**: em torno de Bakhtin. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

BARROS, D. L. P. (2002). Interação em anúncios publicitários. In: PRETI, D. (org.). **Interação na fala e na escrita**. São Paulo, Humanitas/FFLCH-USP.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância**. São Paulo: Autores Associados, 2001.

BEM, V; SCHUELTER, W; CRUZ, D. M. **A interação na EaD é necessária?** Disponível em <[www.abed.org.br/congresso2003/docs/anais/TC68.htm](http://www.abed.org.br/congresso2003/docs/anais/TC68.htm)> Acesso em 21 jan 2011.

BEZERRA, P. Polifonia. In: BRAIT, Beth. (Org). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2008.

BOGDAN, R; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto editora, 1994.

BRAIT, Beth. O processo interacional. In PRETI, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. : Humanitas, 1993.

BRITO R. Vivina. El foro electrónico: una herramienta tecnológica para facilitar el aprendizaje colaborativo. Edutec. **Revista Eletrônica de Tecnologia Educativa**. n. 17, mar./2004. Disponível em

<[http://www.uib.es/depart/gte/edutec-e/revelec17/brito\\_16a.htm](http://www.uib.es/depart/gte/edutec-e/revelec17/brito_16a.htm)>. Acesso em: 06 abr. 2010.

CAMPOS, K, R. **Cursos de língua portuguesa: a interação em foco**. Dissertação de Mestrado. São Paulo, PUC-SP, 2004.

\_\_\_\_\_. Estratégias de interação em Ambiente Virtual de aprendizagem: o fórum educacional. In: MARQUESI, S.C; ELIAS, V.M.S; CABRAL, A, L. T. (Org). **Interações Virtuais: perspectivas para o ensino de Língua Portuguesa a distância**. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

CARDOSO, E. P.C; PIMENTA, P. C. C. **Uso de fórum no ensino cooperativo de programação**. Disponível em <[www.esev.ipv.pt/3siie/actas/actas/doc24.pdf](http://www.esev.ipv.pt/3siie/actas/actas/doc24.pdf)>. Acesso em: 15 mar. 2010.

CLEMENTINO, Adriana. **Comunicação e interação no ensino online**. Disponível em <[www.abed.org.br/congresso2007/tc/55200763301PM.pdf](http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/55200763301PM.pdf)>. Acesso em: 15 mar. 2010.

COSTA, M. J. D.; VIEIRA, V. R. A. **Projeto de curso Licenciatura em Letras – Espanhol (modalidade a distância)**. Florianópolis: UFSC/CCE/DLLE, 2006.

CONTERATTO, A. B. B. **O eu e o outro - partícipes da interação nas práticas de escrita/reescrita, em aulas de língua portuguesa**. 2005, 158f. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

CUNHA, A. L. **Interação verbal em fóruns de discussão: a língua escrita em atividades colaborativas**. Disponível em <[www.abed.org.br/congresso2007/tc/415200753049PM.pdf](http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/415200753049PM.pdf)>. Acesso em: 12 dez. 2009.

\_\_\_\_\_. **A interação na educação a distância: cuidados com o uso da linguagem em cursos on line**. Disponível em

<[www.abed.org.br/seminario2006/pdf/tc011.pdf](http://www.abed.org.br/seminario2006/pdf/tc011.pdf)>. Acesso em 12 mai. 2011.

CRUZ, D. M.. A potencialidade educacional e dialógica da videoconferência na EAD. In: Marco Silva; Lucila Pesce; Antônio Zuin. (Org.). Educação online. 1 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010, v. 1, p. 279-308.

CRUZ,D.C; GRUMICHÉ, M. C. D. Interação e linguagem nos fóruns das licenciaturas a distância da UFSC/UAB. **RENOTE - Revista Novas Tecnologias na Educação**. v. 9 No 1, julho, 2011.

CRYSTAL, D. Internet and the internet. Cambrigde University Press, 2002. Resenha de HERNÁNDEZ, A.M.B. El lenguaje e internet. Revista de investigación Lingüística, vol. 5, nº 2, pgs 173-182, 2002.

DIAS, S. R. da S. **Dialógica e interatividade em educação on-line**. Disponível em <[www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/095tcc5.pdf](http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/095tcc5.pdf)>. Acesso em: 15 dez. 2009.

ERSCHING, G. A **Cooperação como possibilidade de construção de uma comunidade virtual de aprendizagem**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

FARNEDA, E. S; PALUMPO, R. A utilização do exemplo, como estratégia argumentativa nos debates televisivos. **Revista Letra Magma**, Ano 04; n .08, 2008. Disponível em <[www.letramagna.com/debatestelevisivos.pdf](http://www.letramagna.com/debatestelevisivos.pdf)>. Acesso em 14 jun. 2011.

FERREIRA, A B H. “**Novo Aurélio - O dicionário da língua portuguesa**”. Curitiba: Positivo, 2010. 8ª ed.

FIGUEIREDO, F.J.Q. A aprendizagem colaborativa de línguas: algumas considerações conceituais e terminológicas. In: FIGUEIREDO, F.J.Q.(Org). **A aprendizagem colaborativa de línguas**. Goiânia: Ed. Da UFG, 2006.

FRANCO, Claudio de Paiva. **O uso de um ambiente virtual de aprendizagem no ensino de inglês:**

**além dos limites da sala de aula presencial.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. 278 p.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessário à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREITAS, M.T.A. Vygotsky e Bakhtin – Psicologia e Educação: um intertexto. São Paulo: Ed. Ática, 1996. 168 p.

\_\_\_\_\_. Bakhtin e a psicologia. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de. **Diálogos com Bakhtin.** Curitiba: UFPR, 2001.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 2003.

\_\_\_\_\_. **Linguagem e interação.** Tese de doutorado. Campinas: IEL/Unicamp, 1990.

GEROSA, M.A., FUKS, H, LUCENA, C.J.P. Suporte à Percepção em Ambientes Digitais de Aprendizagem. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, v. 11, n. 2. nov, 2003.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. Ed. – 9. reimpr. - São Paulo: Atlas, 2002. 176 p.

GLABER, I. Interação online: possibilidades e eficácia. Disponível em <[www.abed.org.br/congresso2010/cd/252010111619.pdf](http://www.abed.org.br/congresso2010/cd/252010111619.pdf)>. Acesso em: 2 de out. 2010.

GOBARA, T.S; BATISTA, E.M. As concepções de professores de um curso a distância sobre o papel do fórum on-line. Disponível em

<<http://www.slideshare.net/demartini/as-concepes-de-professores-presentation-667597>>. Acesso em: 17 jan. 2010.

GUTIÉRREZ, D. O. El uso del Foro de Discusión Virtual en la enseñanza. **Revista Iberoamericana de Educación**, México, n. 44, 2007. Disponível em: < <http://www.rieoei.org/expe/1900Ornelas.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2009.

GUTIÉRREZ, Francisco; PRIETO, David. **A mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2004.

HOUAISS A. **“Dicionário da Língua Portuguesa”**. Editora Moderna LTDA. 2a edição revista e ampliada. Rio de Janeiro, 2004.

KENSKI, Vani M. Processos de interação e comunicação mediados pelas tecnologias. In: ROSA, D., SOUZA, V. (orgs.). **Didática e práticas de ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.

\_\_\_\_\_. **Desvendando os segredos do texto**. 4a ed. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2011.

KOELLING, Sandra Beatriz; LANZARINI, Joice Nunes. Educação a distância: a linguagem como facilitadora da Aprendizagem. In: III ENCONTRO NACIONAL SOBRE HIPERTEXTO, 3, 2009, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, 2009.

KRATOCHWILL. S; SAMPAIO, D.R. As possibilidades dialógicas do fórum de discussão no ambiente virtual de aprendizagem. **Rev. Do Centro de Educação e Letras da Unioeste**. v.8. n. 8. p. 157-168, 2006.

LAPA, A. B. ; COELHO, T. T. . A Formação de Comunidades de Aprendizagem em Cursos EaD . In: XXII Congresso Internacional EDUTEK 2009, Manaus. Anais EDUTEK 2009.

LEFFA, V. J. Análise Automática da resposta do aluno em ambiente virtual. **Revista Brasileira de Lingüística Aplicada**. Belo Horizonte, v. 3, n. 2. p. 25 – 40, 2003.

LINDEN, M. M. G. Van der; PICONEZ, S. C. B; ANDRÉ, C. F. **O uso de fórum num espaço híbrido de aprendizagem: reflexões sobre os processos de avaliação e acompanhamento da interação em fórum on-line**. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/53200731121PM.pdf>>. Acesso em: 10 dez.2008.

LINS, S. **Sinergia: fator de sucesso nas realizações humanas**. Elsevier Campus, 2005

LOPES, C. F. G. **O uso da ferramenta fórum**. Disponível em <[www.uniriotek.br/~pimentel/.../Carla/SC20072ArtigoCarla.pdf](http://www.uniriotek.br/~pimentel/.../Carla/SC20072ArtigoCarla.pdf)>. Acesso em 15 jun. 2010.

LOPES, J. VYGOTSKY: O teórico social da inteligência. **Nova Escola**, no 99, p.33-38, dez. 1996.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LUKIANCHUKI, C. Dialogismo: a linguagem verbal como exercício do social. **Revista Sinergia**. São Paulo: CEFET-SP, v. 2, n. 2. 1º semestre, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio (2001). **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 2a ed. São Paulo: Cortez.

MARTINS, A.M. Estudo de caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisas no Brasil. **Rev. de Contabilidade e Organizações**. FEARP/USP, v. 2, n. 2, p. 8-18. jan./abr. 2008. Disponível em

<[www.revistausp.sibi.usp.br/pdf/rco/v2n2/02.pdf](http://www.revistausp.sibi.usp.br/pdf/rco/v2n2/02.pdf)>. Acesso em 5 ago 2011.

MARTINS, J. C. Vygotsky e o Papel das Interações Sociais na Sala de Aula: Reconhecer e Desvendar o Mundo. Série Ideias n. 28. São Paulo: FDE, 1997. Pag. 111 – 122.

MARTINS, O. B. Os caminhos da EaD no Brasil. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 8, n. 24. p. 357-371. maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/DIALOGO?dd1=2012&dd99=view>>. Acesso em: 25 mar. 2009.

MARQUIS, B, L; HUSTON, CJ. Administração e liderança em enfermagem: teoria e aplicação. 2ª.ed. Porto Alegre (RS): Editora Artes Médicas Sul Ltda; 1999

MILANEZ, W. Recursos de indeterminação do sujeito. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL/Unicamp., 1982.

MILL, D.; ABREU-E-LIMA, D.M. de; LIMA, V.S; TANCREDI, R. M. S. P. O desafio de uma interação de qualidade na educação a distância: o tutor e sua importância nesse processo. Disponível em: <[http://www.diaadia.pr.gov.br/ead/arquivos/File/Textos/texto\\_mill\\_desafio\\_interacao\\_qualidade\\_ead.pdf](http://www.diaadia.pr.gov.br/ead/arquivos/File/Textos/texto_mill_desafio_interacao_qualidade_ead.pdf)>. Acesso em 12 de jul de 2011.

MOORE, M. G; KEARSLEY, G. **Educação a Distância: Um visão integrada**. Tradução de Roberto Galman. São Paulo: Cengage Learning, 2007. 398p.

MORAN, J, M. **O que Educação a Distância**. [Site pessoal do autor]. 2007. Disponível em:<<http://www.eca.usp.br/prof/moran/dist.htm>>. Acesso em: 20 mar. 2009.

\_\_\_\_\_. **Os modelos educacionais na aprendizagem on-line**. [Site pessoal do autor]. 2007. Disponível em <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/modelos.htm>> Acessado em 22 de mai. 2010.

MOSTEO, F.N; MOZO, A.G; DURAN, A.V. La participación en un foro electrónico: motivos, auditorios y posicionamientos. **REDcientífica. Ciencia, tecnología y pensamiento.** n. 47, 2003. Disponível em <[www.rediris.es/list/publ/POSICIONAMIENTO.pdf](http://www.rediris.es/list/publ/POSICIONAMIENTO.pdf)>. Acesso em: 31 ago. 2010.

NETO, A. M. **Interações de ensino à distância: um estudo de caso.** Disponível em < <http://www.abed.org.br/congresso2004/por/pdf/064-TC-B3.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2010.

NISKIER, A. Educação à distância – A tecnologia da esperança. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

NITZKE, J; CARNEIRO, M; GELLER, M. **Aprendizagem cooperativa /colaborativa apoiada por computador ACAC.** Trabalho apresentado no SBIE 1999. Disponível em: <<http://www.niee.ufrgs.br/~alunospg99/mara/>>. Acesso em: 03 jul. 2010.

NOGUEIRA, R, T, H. **Concepções de ensino de linguagem dos alunos egressos do Curso de Letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa.** 2006, 126f. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2006.

OLIVEIRA, M. K, de. **Vygotsky - aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico.** São Paulo, 1995.

PALLOFF, R. M.; PRATT, K. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço** (Trad. Vinícius Figueira). Porto Alegre: ArtMed, 2002.

\_\_\_\_\_. **O aluno virtual: um guia para se trabalhar com estudantes *on-line*.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

PEREIRA, J. N. . Estratégias retórico-discursivas no discurso de auto-ajuda. In: 16 INPLA, 2007, São Paulo. Linguagem em atividades - cadernos de resumos. são paulo : INPLA/puc, 2007. v. único. p. 5-537.

PÉREZ, R; ÁLVAREZ, E; GARCÍA, M.S; PACUAL, Ma. A; FOMBONA, J. **FORO VIRTUAL: Sus límites y posibilidades en el proceso de enseñanza-aprendizaje.** Disponível em <[www.lmi.ub.es/edutec2004/pdf/183.pdf](http://www.lmi.ub.es/edutec2004/pdf/183.pdf)>. Acesso em: 12 ago. 2009.

PETERS, O. *Didática do ensino a distância: experiências e estágio da discussão numa visão internacional.* Trad. Ilson Kayser. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2001.

RAMAL, A.C. **Educação com tecnologias digitais: uma revolução epistemológica em mãos do desenho instrucional.** In: SILVA, Marco (Org). **Educação online.** São Paulo. Loyola, 2003.

RAMOS, B. S. da S. **Interações mediadas pela tecnologia digital: a experiência do fórum virtual em um projeto de educação a distância.** Disponível em <<http://www.moodle.ufba.br/mod/data/view.php?d=1&advanced=0&paging=&page=2>>. Acesso em 25 jun. 2010.

REAL, C.C.; CORTÉS, A.P; ALFARO, M. A. P. **El análisis e interpretación de las interacciones en los foros virtuales: descripción de parámetros orientadores para mejorar la calidad.** Disponível em <[ihm.ccadet.unam.mx/virtualeduca2007/pdf/206-CCR.pdf](http://ihm.ccadet.unam.mx/virtualeduca2007/pdf/206-CCR.pdf)>. Acesso em 28 dez. 2009.

RIBEIRO, L.C; BREGUNCI, M. G de C. **Interação em sala de aula: questões conceituais e metodológicas.** Belo Horizonte: UFMG, 1986.

RODRIGUES, M.C.C. A sequência discursiva pergunta e resposta. In: FONSECA, J. (Org). **A Organização e o Funcionamento dos Discursos: Estudos sobre o Português.** Tomo II. Porto Editora, 1998.

ROMANÓ, R. S. **Ambientes virtuais para a aprendizagem colaborativa no ensino fundamental.** Disponível em <[www.nonio.uminho.pt/documentos/actas/.../03RosanaRoman\\_o.pdf](http://www.nonio.uminho.pt/documentos/actas/.../03RosanaRoman_o.pdf)>. Acesso em: 08 out. 2010.

SÁNCHEZ, L. P. El foro virtual como espacio educativo: propuestas didácticas para su uso. **Revista Quadernos Digitals. net.** n. 40. nov. 2005. Disponível em <[http://www.quadernsdigitals.net/datos\\_web/homeroteca/r\\_1/nr\\_662/a\\_8878/8878.html](http://www.quadernsdigitals.net/datos_web/homeroteca/r_1/nr_662/a_8878/8878.html)>. Acesso em: 06 jun. 2010.

SARTORI, A; ROESLER, J. **Educação Superior a Distância: Gestão da aprendizagem e da produção de materiais didáticos impressos e on-line.** Editora Unisul. 2006.

SANTOS, R. M. R. **O processo de colaboração na educação online: interação mediada pelas tecnologias de informação e comunicação.** 2008, 174f. Dissertação de mestrado, Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2008.

SCARPA, E. M. (Org.). **Estudos de prosódia.** Campinas: Unicamp, 1999.

SCHIER, S.A.B. **A concepção de linguagem utilizada no sistema EaD-Unitins.** 2008, 137f. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 21 ed. São Paulo: Cortez. 2000.

SILVA, L.A. Estrutura de participação e interação na sala de aula. In:PRETI, D. (org). **Interação na fala e na escrita.** São Paulo: Humanistas/FFLCH/USP, 2002.

SILVA, M. **Sala de aula interativa.** Rio de janeiro: Quartet, 2000.

SILVA, V. **Interação social e estratégias linguísticas no processo de provimento de andaime – scaffolding – em uma disciplina de bioquímica da nutrição oferecida a distância via computador.** Dissertação de mestrado, 2003, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

TAVAGLIA, L.C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus.** São Paulo: Cortez, 1998.

TEPERINO, A. S. et al. Educação a distância em organizações públicas; mesa redonda de pesquisa-ação. Brasília: ENAP, 2009.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. 261p.

TUMOLO, C, H, S. Ensino a distância: horizontes para o ensino de línguas estrangeiras. **Fragmentos**, Florianópolis, n. 30. p. 25- 34. 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/viewPDFInterstitial/8202/7569>>. Acesso em: 22 fev. 2009.

TORRES, P.L; ALCÂNTARA, P. R;IRALA, E. A. F. Grupos de consenso: uma proposta de aprendizagem colaborativa para o processo de ensino-aprendizagem. In: **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4. n. 13. p. 129-145. set./dez. 2004. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/DIALOGO?dd1=766&dd99=view>>. Acesso em: 14 ago. 2010.

UAB. **Universidade Aberta do Brasil**. Disponível em: <<http://uab.capes.gov.br/>>. Acesso em 12 mar.2009.

UFSC. **Universidade Federal de Santa Catarina. Guia do Tutor:** curso de Licenciatura em Letras - Espanhol na modalidade a distância. Florianópolis, 2007.

UNITINS. **Fundação Universidade do Tocantins**. Caderno de Conteúdos do 6º período do curso de Letras (apostila). Curitiba: EADCON, 2010.

VAN DIJK, T.A. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: contexto, 2000.

\_\_\_\_\_. **Text and Context**. London and New York: Longman, 1977).

VALENTE, José Armando. Educação a distância no ensino superior: soluções e flexibilizações. Interface (Botucatu) [online]. 2003, vol.7, n.12, pp. 139-142.

VIEIRA, R.A. **Estratégias textual-discursivas para a interação colaborativa e autonomia em ambientes virtuais de aprendizagem**, 2009. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1998a.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998b.

WICKERT, M. L. S. **O futuro da Educação a Distância no Brasil**. Disponível em: <<http://www.clubedoprofessor.com.br/ead/artigos.html>>. Acesso em: 03 jan. 2010.



## **ANEXOS**



## ANEXO A – FÓRUM DE DISCUSSÃO 1

### Fórum 1

by PROFESSORA - Thursday, 13 May 2010, 08:10 PM

Gostaríamos de convidá-los a participar de um fórum para compartilhar opiniões sobre o seguinte mito:

Uma língua estrangeira só pode ser aprendida no país onde ela é falada. Você concorda com ele? Totalmente? Parcialmente? Discorda? Já esteve alguma vez morando num lugar onde se fala espanhol ou outro língua diferente do português? Conhece alguém que passou por essa experiência? Veja o que algumas pessoas dizem sobre esse assunto:

· Segundo a pesquisadora Ana Maria Barcelos, com base numa pesquisa realizada por ela, um grupo de alunos de uma licenciatura em Letras-Inglês de uma universidade brasileira tem a crença que na sala de aula os estudantes aprendem o básico, o mínimo, o necessário. Não entanto, esses alunos também acham que a aprendizagem no exterior é o paraíso onde eles aprenderiam rapidamente e sem esforço, e onde aprenderiam as habilidades mais avançadas como a fluência. Você compartilha essa crença? · Por outro lado, muitas pessoas que foram morar no exterior não conseguem ter fluência na língua que é falada nesse lugar. Leia o seguinte artigo para poder ajudar na sua reflexão:  
<http://www.soartigos.com/articles/3795/1/Aprender-ingles-no-exterior-nao-e-automatico/Page1.html> ·

Vejamos também depoimento de um brasileiro no You Tube, sobre a sua experiência tentando aprender inglês em Londres.

[http://www.youtube.com/watch?v=tlADoZWf-](http://www.youtube.com/watch?v=tlADoZWf-so&feature=player_embedded)

so&feature=player\_embedded Então, o que você acredita? Expresse sua opinião! Conte sua ou outra experiência! Será que essa crença esta influenciando a sua aprendizagem de espanhol? Esperamos a sua contribuição no nosso fórum!

by TUTORA POLO - Wednesday, 12 May 2010, 11:54 AM TUTOR B  
Buenos días!... qué rico que ya está el forum para poder conversar sobre la disciplina y sus temas!. Mi experiencia com ASL se basa em dos momentos:1º llegar de "paracaída" a Brasil, para auxiliar un pariente aquí, esta parte fue sufrida, nada entendía y cuando deducía el significado de una palabra o frase no me atrevía a repetirla por no entender la fonética. Lloré por no poder comunicarme en fiestas e etc. y

yo tenía 20 años, 2º después de esta frustración, cogí 2 gramáticas y estudié ellas, después tuve clases particulares...y ahí sí me atreví a conversar con todo mundo!!..Fue hermoso ver cómo me hacía entender!!.. Pienso que conocer la estructura de una lengua es primordial para poder entenderla, mas la práctica es determinante para desarrollar competencia, ser un buen hablante y buen comunicador. Un beso grande a todos y arriba chicos con "Lingüística Aplicada"!!

Tutora Videira

by ALUNO - Wednesday, 12 May 2010, 02:36 PM

Hola a todos, Voy a poner acá lo que pienso como estudiante de español, siendo que no estudié otra lengua para hacer comparaciones. A mí me hace falta saber las palabras del habla informal, cotidiano. Claro que aún tengo mucho que aprender, pero, me parece que al escribir se usa palabras que hemos leído en el material de las variadas asignaturas, y en el habla coloquial no se sabe que decir, por eso, es más fácil escribir que hablar. Entonces me parece sí, que además de ser importantísimo saber las reglas gramaticales es importante también saber comunicarse en el día a día, conocer las expresiones regionales, así como la variación lingüística que aquel lugar usa. El ideal sería que pudiéramos hacer un "estágio" en otro país que habla la lengua estudiada, para ponernos en contacto con esa parte que no aparece en los libros. Una vez oí un señor contando que vivió en EUA unos cinco años, y en el habla coloquial él se comunicaba muy bien, (pensaba que sabía todo del inglés porque ya lo hablaba a mucho tiempo), hasta el día que empezó a trabajar en una empresa dónde necesitaba enviar órdenes por escrito, entonces tuvo que irse a la escuela, para no perder el empleo... En el caso se daba el contrario de lo que ocurre a nosotros. Entonces pienso que en cualquiera lengua la parte formal, gramatical, es muy importante, pero también lo es la parte social de la lengua, usada en contextos de uso normal y diario. Saber una lengua es ser proficiente tanto en la escrita como en el habla.

by ALUNO - Wednesday, 12 May 2010, 11:49 PM

Penso que uma língua não se constitui isoladamente, requer muito esforço e dedicação conhecimento cultural, socialização. No entanto penso que não há necessariamente que morar em um país falante para ganhar fluência, é claro, isso intensifica e melhora, a oralidade, porque você não terá outra alternativa a não ser improvisar e tentar falar, no entanto a parte formal e escrita só os livros e estudando muito. Acredito

sim na convivência com pessoas praticantes, nos objetivos e na persistência que temos em falar determinada língua.

by ALUNO - Wednesday, 12 May 2010, 04:16 PM

Aprender uma segunda língua requer muita persistência, dedicação e força de vontade. Não acredito que alguém possa aprender muito sobre determinada língua sem aliar o conhecimento teórico com o prático. Estudando apenas a gramática, sem estar em contato com a língua oral, dificulta o desenvolvimento da pronúncia correta da língua. Por outro lado, sem a gramática, torna-se praticamente impossível lidar com a linguagem escrita.

By ALUNO - Wednesday, 12 May 2010, 11:05 PM

Para aprender a falar outra língua precisamos estar em contato com pessoas que falem fluentemente qualquer que seja a língua, mesmo que não seja no país onde ela é falada. Meu filho teve a experiência de ficar por um ano e meio nos Estados Unidos, trabalhando em uma fazenda no estado de Minnesota convivendo com pessoas que só falavam inglês, então ele aprendeu muito, mas faltava a teoria, pois não tinha tempo para fazer curso por causa do trabalho, apesar de ter feito um cursinho básico antes de ir para lá. No tempo em que ficou lá procurava somente falar inglês, assistia filmes somente em inglês e procurava conviver o máximo do tempo com os falantes americanos. Por isso, penso que para aprender a falar fluentemente e corretamente uma língua é necessário unir teoria e prática.

by TUTORA POLO - Thursday, 13 May 2010, 03:43 PM

Então, o que você acredita? Expresse sua opinião! Conte sua ou outra experiência! Será que essa crença está influenciando a sua aprendizagem de espanhol? Esperamos a sua contribuição no nosso fórum! Aprender uma segunda língua não é algo complexo. Exige atenção, esforço e vontade. Posso citar como exemplo meu irmão que no ensino médio não conseguia aprender inglês. No final do ensino médio recebeu a proposta de fazer seu estágio nos EUA. Começou a fazer cursinho estudar a língua intensivamente, decorar vocabulário, porém pouco aprendeu. Chegando aos EUA, entrou diretamente em contato com falantes da língua, onde passou a comunicar-se somente em inglês. Foi com muita vontade e dedicação que ele aprendeu a falar fluentemente. O contato com a falante fluente de uma língua facilita o aprendizado. O tempo que passamos na escola é insuficiente para se aprender a falar uma língua.

Cabe lembrar que a fala não depende da gramática. Precisamos da gramática para desenvolver a escrita.

by ALUNO - Thursday, 13 May 2010, 07:55 PM

Bom, eu acho que estudar uma língua num país nativo é demais. Estar em contato permanente com falantes da língua que eu quero aprender é muito bom para desenvolver o aprendizado do idioma. No meu caso moro no Brasil desde o ano 2001, quando cheguei não sabia nada de Português. Rapidamente comecei a estudar o idioma por minha conta. Lendo diários, revistas, assistindo os jornais, escutando música e óbvio, me relacionando com Brasileiros e Brasileiras. Já teve a oportunidade de trabalhar e conhecer muitas pessoas aqui no Paraná aonde moro actualmente e posso-lhes dizer com propriedade que viver no país do que você quer aprender o idioma é uma grande ajuda. Não é uma crença é um fato comprovado por um Chileno que aprendeu a gostar muito desta grande nação e de sua gente.

By TUTOR POLO - Thursday, 13 May 2010, 09:16 PM

A melhor maneira de aprender uma língua talvez seja morando num país que fale esta língua, porque você vai ter muito mais oportunidades para praticar, ouvir, perguntar como se diz a palavra, enfim, envolver-se com as pessoas daquele país. Mas só isso é pouco. Para chegar a um nível avançado é indispensável também estudá-la, compará-la com a sua própria língua, ler muito, consultar dicionários, etc. Mas isso não quer dizer que a pessoa não possa aprender uma língua a distância, ainda mais hoje, com internet, celular, computador, tv a cabo, ficou mais fácil entrar em contato com as línguas e se a pessoa tiver interesse vai aprender. De uma maneira mais lenta, talvez, mas não importa. No meu caso, aprendi inglês a distância, entrando em sites, tipo BBC de Londres, escutando as velhas fitas cassete, comprando revistas com CDs, lendo muito, e aproveitando qualquer oportunidade para falar ou escutar inglês. Já espanhol aprendi morando e estudando em Assunção e percebi que aprender espanhol é no mínimo dez vezes mais fácil que aprender inglês. Porque espanhol e português são línguas quase siamesas, é como um rio que se bifurca em dois. E quanto mais você aprende mais percebe as igualdades e diferenças.

by ALUNO - Thursday, 13 May 2010, 11:35 PM

Não concordo que só aprende uma língua estrangeira em seu país de origem, pode até facilitar em alguns aspectos, como adquirir fluência, mas estando disposto a aprender e se dedicar em qualquer qualquer país vai adquirir a aprendizagem de outra língua. Minha experiência é de

nosso curso de espanhol que estou aprendendo, e para ter facilidade na fala minha tutora me indicou ouvir músicas, assistir videos, mas o vocabulário só me dedicando aos estudos.

by PROFESSORA - Friday, 14 May 2010, 09:05 AM

Queridos alumnos y tutores: Estoy muy contenta con la participación de Uds. al Foro de discusión, que muestra el interés que el tema ha despertado entre Uds. Las respuestas, que han sido 12 hasta ahora, muestran una gran diversidad de opiniones en relación al tema en cuestión: ¿ES NECESARIO VIVIR EN OTRO LUGAR PARA PODER APRENDER LA LENGUA-META CON PROFICIENCIA? Por otro lado y de modo general, podemos decir que en las respuestas enviadas al Foro existe un consenso bastante importante sobre lo que varios participantes llaman "la relación entre teoría y práctica", es decir la relación entre teoría, aprender sobre la lengua, y la práctica, usar la lengua en contextos reales. Veo también que muchas de las respuestas conciden con los resultados de las investigaciones de Barcelos (1999), que muestran que los estudiantes de Letras creen que es importante estudiar sobre la lengua, pero que el vivir en un lugar donde esa lengua se habla es lo que ayuda a consolidar el aprendizaje fluente. Sin embargo, no todos coinciden con esta forma de ver la cuestión, ya que algunos participantes dan más valor a la teoría que a la práctica, generalmente aliadas a lo que algunos llaman de 'esfuerzo y persistencia'. Son muy interesantes también las experiencias de parientes, amigos y conocidos de aprendizaje de lenguas en el extranjero. Hasta ahora todas las experiencias narradas contradicen las ideas del artículo que adjuntamos para ayudar a reflexionar sobre el tema... ¿Nadie tiene una experiencia de ese tipo para contar? Seguimos, entonces, esperando nuevas contribuciones...Cordialmente.

by ALUNO - Friday, 14 May 2010, 09:17 AM

Olá, discordo dessa crença de que uma língua estrangeira só pode ser aprendida no país em que é falada. Estar em contato com seu objeto de estudo facilita pelo quesito prática, no caso de uma língua estrangeira estar em contato com nativos dessa língua facilita pela prática da fala, da escuta, da leitura, etc. Mas nada impede que nós brasileiros aprendamos uma língua estrangeira sem sair do Brasil. Somos provas vivas disso, pois estamos adquirindo o espanhol, a pesar de não estarmos em constante contato com essa língua.

Vários fatores influenciam nesse aprendizado, principalmente a determinação de cada indivíduo. Com a difusão tecnológica e seus inúmeros recursos, podemos estar em constante contato com a língua de interesse. A leitura em língua estrangeira também auxilia muito na aquisição e assimilação de vocabulário. Enfim, essa é mais uma crença, que se levada afincado pode atrapalhar o aprendizado da segunda língua, mas que se ignorada, não atrapalha em nada.

by ALUNO - Friday, 14 May 2010, 09:58 AM

Sigo na mesma linha de entendimento que a maioria dos alunos tem manifestado. Acredito que estar em um país que fala a língua que deseja-se aprender auxilia em muito não só na apreensão da pronúncia correta das palavras como também na percepção dos modos de fala e regionalismos. Contudo, isso não implica que outro local, que não se fale essa segunda língua, seja barreira para que o indivíduo possa conseguir ser fluente. Então, essa compreensão advém por existir nos dias de hoje diferentes recursos tecnológicos de aprendizagem, e a prática acompanhada da teoria fundamenta/facilita a assimilação das características da segunda língua. Tudo é uma questão de tempo e dedicação. Afinal, ouvir, falar e escrever são habilidades distintas e que precisam ser trabalhadas juntas quando a pessoa é alfabetizada.

by ALUNO - Tuesday, 18 May 2010, 11:32 AM

Eu fiz o caminho inverso, pois primeiro aprendi a falar com pessoas nativas do idioma espanhol para depois (um ano depois) aprender a escrever. Acredito que desde que haja dedicação é perfeitamente possível aprender outro idioma, mas não basta aprender a escrever é necessário saber falar e se o estudante conviver com pessoas nativas desse idioma é evidente que facilitará e muitíssimo o aprendizado

by TUTORA UFSC - Friday, 14 May 2010, 02:20 PM

Olá, [querid@s](mailto:querid@s)! Muito interessante e empolgante a participação de todos vocês! Vejo que muitos acreditam que ter contato com o idioma no país de origem ajuda muito. Concordo também com os que afirmam que apenas ir morar no exterior não é suficiente e que esforço e disciplina são necessários. Como bem alertou uma aluna, vocês estão adquirindo outro idioma mesmo sem a possibilidade de viajar. Porém, concordo que visitar, mesmo que por pouco tempo, um lugar onde só se fala no outro idioma é uma experiência muito rica que ajuda muito na fluência. Dividindo com vocês uma experiência, tive a oportunidade de viajar para Buenos Aires, na Argentina. Eu já tinha me graduado em língua espanhola e já dava aulas, mas estar lá, me comunicar, fazer

compras, pegar ônibus, enfim, precisar do idioma no dia-a-dia ampliou meu vocabulário e "soltou a língua". Enfim, para quem puder ter essa experiência é ótimo, mas com certeza vocês podem aprender sem sair do país. Abraços, Tutora.

by ALUNO - Friday, 14 May 2010, 03:57 PM

Compartilho com a maioria dos colegas de que aprender uma língua estrangeira realmente não é necessário morar no país de origem e também que a parte teórica como gramática e fonética seja muito importante. Mas acredito que a experiência de viver no país que fala a língua estudada possa agregar muita experiência, pois a convivência com falantes desta língua facilitaria a comunicação do dia a dia em linguagem informal, mas somente se for aliada a muito estudo.

by ALUNO - Saturday, 15 May 2010, 09:52 PM

Boa noite, Falar uma língua que não seja a sua língua materna não é fácil, e morar em outro país sem ter um prévio conhecimento da língua deve ser terrível. Muitas vezes esse prévio conhecimento também não ajuda muito, pois estar em outro país sem um conhecimento fonético e fonológico da língua poderá trazer várias frustrações, na hora de se comunicar, pois não se pode expressar de maneira segura a qual o nativo entenda o que você quer dizer. Mas se de repente você se vê em uma situação desta você tem que se esforçar. Procurar ajuda de algum nativo o qual você tenha uma maior afeição para que o mesmo possa te ajudar no início e depois partir para o estudo da língua a qual você terá que dominar no país onde se encontra. Para que isso ocorra de maneira digamos que "natural" a pessoa devera dominar a parte fonética e fonológica da língua a qual ele terá que se adequar para um bom relacionamento com os nativos.

by ALUNO - Friday, 14 May 2010, 11:25 PM

Boa noite a todos, acredito que uma língua pode ser aprendida fora de seu país de origem. Porém...sua fluência só pode ser adquirida numa espécie de imersão total. Falando cotidianamente, com nativos inclusive, usando os recursos da linguagem nos mais diferentes aspectos: técnico, literário, popular, etc. Como conseguir isso? Gostaria de contar minha experiência pessoal com aprendizado de línguas: em 1999, me inscrevi para ser voluntário em um Kibutz, em Israel. Seriam três meses de trabalho e curso de "ulpan" (hebraico básico). O pré-requisito era fluência em inglês falado. Confesso que menti que tinha essa fluência, na verdade não falava praticamente nada. Acontece que em um kibutz

existem voluntários de todos os países, falando inglês da Inglaterra, EUA, Austrália. Espanhol do México, Espanha, Argentina, Colômbia e outros. Além de italianos, alemães, chineses e coreanos. Toda essa gente tenta se comunicar em inglês. Porém a formação de grupos linguísticos é inevitável. Cumpre relatar ainda que a professora de hebraico usava inglês com forte sotaque para se comunicar com seus alunos. No começo é desesperador... depois começam a acontecer coisas interessantes, por exemplo: sonhar em inglês ou em espanhol. Assim passei a falar inglês e espanhol com fluência. Porém perdi a fluência em inglês (não havia com quem falar) e tento a todo custo manter um pouco da fluência em espanhol. É mais fácil porque sempre aparece um argentino para conversar. Gracias...

by ALUNO - Saturday, 15 May 2010, 04:47 PM

Olá, Eu não acredito que uma Língua só possa ser aprendida no seu país. E isso pode ser claramente percebido nas instituições de ensino do nosso país, praticamente todas elas oferecem uma segunda Língua para que seus alunos aprendam. Será que ao longo dessas décadas de estudo não se conseguiu formar ninguém com habilidades nas segundas Línguas estudadas? Aposto que muitos profissionais que saíram dessas instituições tem iguais os superiores capacidades que tantos nativos destes determinados países. É claro que viver ou passar algum tempo nesses países poderá ajudar e muito, mas não é garantia de dominar nenhuma Língua sem muito esforço e empenho. Conheço um ex-aluno meu que viveu nos Estados Unidos por três anos, e segundo ele, aprendeu pouquíssimo de Inglês, já que trabalhava em uma fazenda em torno de 12 horas por dia e então restava-lhe pouco tempo para conversar com pessoas nativas ou estudar. Isso tudo prova que sem esforço, dedicação e muito empenho não se aprende fluentemente nenhuma Língua. Principalmente se "aprender" relaciona-se a dominar por completo determinado Língua, pois nós, brasileiros, somos exemplo vivo disso. Quantos falam Português segundo todas as normas gramaticais ou as dominam por completo?

by ALUNO - Sunday, 16 May 2010, 10:55 AM

Concordo com a idéia da pesquisadora Ana Maria Barcelos, pois é no uso da prática do idioma que você terá mais condições de se aperfeiçoar sobre a língua que aprendeu. Pois enquanto nós somente a estudamos e não a praticamos torna-se muito difícil saber qual o grau de nossa dificuldade de aprendizado. Penso que se tivermos oportunidade de conhecer um lugar que fala o idioma que aprendemos facilita bastante

para nós estudantes, mas a outros meios de se aprender como o uso em seu cotidiano da fala, conhecer os costumes de cada região, escutar músicas, assistir novelas, conhecer os diferentes dialetos que são usados nas várias diferentes regiões, ou seja é se praticando que se aprende.

by ALUNO - Sunday, 16 May 2010, 05:03 PM

Concordo com a opinião da grande maioria dos colegas que aqui postaram suas repostas. Não julgo necessário morar no país para aprender sua língua. Mas sim, acredito que para aprender uma língua estrangeira, seja ela qual for, é necessário muito empenho e dedicação e acima de tudo a prática da mesma. Pois, de nada adianta saber escrever perfeitamente e conhecer todas as regras gramaticais se não sei me expressar oralmente.

Por isso, acho importante a prática oral da mesma, assim interagir com falantes nativos da língua ajuda na pronúncia e na compreensão dos diversos falares e de sua utilização. A fluência só será conseguida com a prática e a interação.

by ALUNO - Sunday, 16 May 2010, 05:12 PM

Creio que se pode sim aprender uma língua estrangeira não morando em um país onde esta seja a língua materna. Tomemos a nós mesmos como exemplo. Creio que todos nós, alunos de Letras Espanhol, estamos conseguindo sim aprender esta língua não morando em um país onde ela é falada. Morando em um país onde esta língua estrangeira é falada podemos aprendê-la, a língua coloquial, na interação com os falantes da mesma. Porém, para se ter um bom domínio e saber usá-la corretamente, se faz necessário a aprendizagem da gramática. Explico, somente na interação com falantes nativos desta língua aprende-se a se comunicar, bem ou mal, visto tantas variações lingüísticas que se pode encontrar em uma mesma língua falada em um mesmo país. E tento bases na gramática se pode ter um maior domínio desta língua, conseguindo uma boa comunicação tanto na escrita como na fala. Em realidade, o que me parece que seria interessante e proveitoso, é a junção dessas duas visões, ter a base gramatical e a colocar em prática na conversação com falantes dessa língua estrangeira que se está aprendendo.

by ALUNO - Tuesday, 18 May 2010, 07:57 AM

Concordo com todos, para aprender um segundo ou terceiro ou quarto idioma, não é necessário ir até o país, berço da língua para aprender, é claro que ouvir todos os dias, estar na atmosfera do país ajuda muito, mas para os que não podem, aprender onde está é totalmente possível,

exemplo disto, é a turma de letras espanhol, que tem excelentes professores que dominam espanhol e estão repassando para outros.

Como moramos em cidade turística, todos os dias recebemos muitas pessoas que falam os mais variados idiomas e esta é uma oportunidade de também aprender.

by ALUNO - Monday, 17 May 2010, 12:05 AM

Não concordo com a teoria de que somente se pode aprender uma língua estrangeira vivendo em um país onde ela é falada. Conheço vários exemplos de pessoas que somente estudaram inglês, espanhol e italiano aqui em São Lourenço do Oeste, pequena cidade do interior com 20.000 habitantes em escolas de línguas (Fisk, Yazigi e outras) ou mesmo aprendendo através das velhas fitas K7 adquiridas em bancas de revistas e se comunicam perfeitamente. Um amigo é diretor de uma empresa de Comércio Exterior, já viajou o mundo todo com o inglês e o espanhol que aprendeu em fitas K7 e uma amiga responsável pelo comércio exterior de uma grande empresa na área alimentícia que se comunica em inglês, espanhol e italiano com estudos feitos em pequenas escolas de línguas. Ambos nunca viveram no exterior. Viver em outro país para aprender uma língua, em um período de 3 meses... Acho uma utopia. Especialmente se você nunca estudou esta língua.

by ALUNO - Monday, 17 May 2010, 10:28 AM

Então! Se não estou enganado, a pergunta é tão somente: se é necessário viver em outro país para poder aprender sua língua com proficiência, é isto? Não creio que seja necessário viver em outro lugar, necessário é sim muita dedicação, força de vontade, interação, conhecimento da gramática até porque vivemos no Brasil e a grande maioria dos brasileiros até hoje não sabem uma minúscula parte da gramática, falam e entendem o português por consequência, assim como temos também no Brasil excelentes professores de inglês, francês, espanhol, etc que nunca saíram do Brasil. Para poder aprender a fundo uma língua muitos fatores influenciam, um deles é sem dúvida a convivência, falar e ouvir outra língua é até interessante, mas entendê-la dispõe do aprofundamento das regras e das gramáticas, também não podemos esquecer que as reformas ortográficas aqui como lá forma acontecem também com certa frequência, o que dá para concordar que nunca saberemos tudo, mas o suficiente, o básico.

by ALUNO - Monday, 17 May 2010, 07:08 PM

A afirmação é negativa ao meu modo de ver, não necessariamente há a necessidade de se morar em um país para aprender seu idioma, visto que

esta atitude poderá favorecer, nos aspectos auditivos, ou peculiares da região onde se inseriu. Como há pontos positivos opto pela parcialidade, Nunca morei no estrangeiro, mas moro na divisa com dois países que fala espanhol, entretanto, é possível perceber a distinção de cada nacionalidade, ou seja, favorece na compreensão auditiva. Tenho uma prima que mora na Espanha, em visita aqui no Brasil pude notar que ela aprendeu o espanhol, entretanto, o espanhol falado corriqueiramente, não a língua nos moldes padrão objetivado na escola.

by ALUNO- Tuesday, 18 May 2010, 11:13 AM

Olha gente, acredito que o aprendizado é diferente de aluno para aluno, pois acompanha o nível de cognição e envolvimento de cada indivíduo, indiferentemente de ser o espanhol ou outra língua.

Temos exemplos de pessoas que aprendem a falar uma segunda língua através da simples convivência com falantes de outro idioma num curtíssimo espaço de tempo sem nunca ter pego uma gramática na mão, ou ao contrário, outros tem um amplo conhecimento da gramática e não desenvolve a fala.

Como dito anteriormente pelos colegas, concordo com a tese de que desenvolver as habilidades pertinentes a língua carece de um trabalho conjunto de leitura, escrita, audição e fala, tudo concomitantemente, a fim obter êxito no aprendizado. Mesmo que não viaje a outro país, é importante que o aluno interaja com a cultura arraigada na língua e se possível, tenha contato com falantes nativos ou um professor consciente de todas suas possíveis variantes, pois é imprescindível que o aprendiz estreite ao máximo suas relações com a língua que pretende falar. Beijinhos, Aluno

by ALUNO - Tuesday, 18 May 2010, 12:36 PM

Não concordo que uma língua estrangeira só pode ser apreendida no país onde é falada, pois então não estaria aprendendo língua espanhola, no Brasil onde se fala português, mas penso que seria mais fácil se estivesse no meio de pessoas que falassem somente a língua espanhola, por exemplo. Pessoas conhecidas que saíram do país para estudar falam a esse respeito, que se você estiver convivendo diariamente tudo se torna mais fácil e compreensível, talvez pela maneira que se aprende com o contato diário de falantes, ou uma metodologia diferenciada. O que acho importante é conhecer o contexto que se está estudando, se torna mais prático e é uma maneira mais adequada de aprender uma língua estrangeira. Participei durante anos de um curso de língua

estrangeira e hoje vejo muita diferença na metodologia utilizada no primeiro tive muitas dificuldades tanto que deixei o curso inacabado, hoje vejo como diferença o contexto dos países falantes e também na metodologia utilizada, sendo a de agora mais adequada, prática e fácil a compreensão e o entendimento da segunda língua.

by ALUNO - Tuesday, 18 May 2010, 03:52 PM

Acredito que não; pois, hoje em dia recebemos inúmeras informações de países estrangeiros a partir dos meios de comunicações, e estes por sua vez, dispõem também de materiais que possibilitam o conhecimento de outras línguas, também é possível aprender por meio das escolas que ensinam além da língua materna uma língua estrangeira, lógico como diz no contexto aprendemos apenas o "básico", mas, podemos aperfeiçoar a língua estrangeira por meio de cursos particulares, faculdades e intercâmbios.

Há no entanto pessoas que não tiveram uma boa experiência, pois não alcançaram o objetivo de aprender uma língua estrangeira ao ir morar nos países falantes dela, pois como sotaque, crenças e culturas mudam em determinadas regiões, algumas pessoas tem dificuldade em aprender uma língua estrangeira em determinados países, inclusive porque os estrangeiros em seu idioma falam rápido e como no português, existem abreviações. Já tive parentes que foram morar em Londres e na Alemanha por um período de 2 a 3 anos, haviam aprendido apenas o básico de ambos os idiomas aqui no Brasil, porém as dificuldades foram apenas nos primeiros meses, e com o tempo já estavam aptos e falando em ambos os idiomas. Atualmente eles estão aqui no Brasil, tem um grupo musical que canta em italiano, alemão, inglês e claro em português. Eis que é possível uma língua não materna fluente, quando unem-se teoria prática e...força de vontade em aprende-la!!

by ALUNO - Tuesday, 18 May 2010, 05:07 PM

Não sei se minha língua materna é o português ou o italiano. Fui para a escola aos sete anos de idade sem saber falar sequer uma palavra do português (claro que meu italiano era um dialeto) lembro das dificuldades encontradas na época, minha professora não falava minha língua e levamos muito tempo para nos comunicar. Hoje no espanhol meu sotaque italiano me atrapalha segundo as tutoras. Alguns anos atrás fui trabalhar na Áustria e a experiência foi muito marcante, senti na pele que não se aprende uma língua sem muito esforço, não soube aproveitar o tempo que trabalhei com pessoas que falava o alemão para aprender,

isso mostra que só se aprende uma língua com esforço, dedicação e muita vontade.

by ALUNO - Wednesday, 19 May 2010, 09:32 PM

Com certeza não, para se aprender um outro idioma não é necessário estar em seu país de origem, basta que o aluno busque todos os meios disponíveis para seu aprendizado e que além de tudo se comprometa com ele, no entanto, a meu ver, se o aluno já tem conhecimento do idioma uma temporada no exterior somaria em sua fluência.

by ALUNO - Monday, 24 May 2010, 02:39 PM

Boa tarde, Eu acho que viver em um país de outra língua é uma grande experiência para aprender a língua, pois assim estamos tendo contato real com a língua. Porém, eu acredito que esta é uma forma de melhorar o domínio e a fluência, e que o aprendiz que pretende realmente aprender a língua estrangeira deveria ter algum conhecimento prévio da língua antes de fazer a imersão, e dessa forma até poderia fazer uma comparação entre a língua padrão e a falada. Então, respondendo à pergunta, eu penso que viver no país em que uma língua é falada pode ser uma experiência que auxilie bastante o aprendizado, mas também creio que é possível aprendê-la em país onde ela não é falada.

by ALUNO - Monday, 24 May 2010, 04:16 PM

Acredito que para aprender qualquer língua estrangeira o principal, em primeiro lugar, é querer saber, ter curiosidade e não ter vergonha de errar e de ser corrigido. Quando cheguei ao Brasil em abril/1980, não escrevia nem falava nada do português, somente achava que entendia tudo o que me falavam. Em julho/1980 já estava fazendo a faculdade de direito e um dos professores disse a palavra "ontem" ¡¡hay hay hay....não sabia o que significava ontem!! Foi a partir desse dia que comecei a pedir a todo mundo que me corrigisse e toda dúvida que tinha não "duvidava" em perguntar.....me volví una alumna BIEN SIN VERGUENZA.

by ALUNO - Monday, 24 May 2010, 10:06 PM

Não concordo que se possa aprender uma segunda língua somente no país onde ela é falada, mas acho que pelo fato de alguém ser “forçado” a falar em uma determinada língua para ser compreendido, e talvez até mesmo ter aceitação em determinado grupo, facilite e acelere o

aprendizado. Porém, nós seres humanos temos um potencial muito grande e podemos através de nosso esforço e determinação conseguir muitas coisas, entre elas aprender uma segunda língua morando em outro país.

by ALUNO - Wednesday, 2 June 2010, 03:55 PM

Então! Após 70 depoimentos participativos gostaria de saber se teremos uma análise mais conclusiva do grupo gestor da disciplina, para podermos sentir até onde nossa opinião foi correta ou não, nosso pensamento é coerente ou não, teremos este parecer final??? que tal???

Grato.

by PROFESSORA - Friday, 4 June 2010, 12:54 PM

Oi X ,entendo a sua preocupação, mas gostaria de esclarecer que não existe uma única e verdadeira resposta sobre a principal questão deste forum. No final do mesmo, vamos fazer um apanhado de respostas e mostrar como os diferentes depoimentos tem ilustrado essa diversidade.Eu mesma decidi não mandar a minha opinião, para não influenciar as contribuições de vocês...Cordialmente, Professora.

by ALUNO - Sunday, 6 June 2010, 08:06 PM

Eu acredito que não é necessário ir al país nativo para aprender o idioma, mas com certeza é de muita ajuda para o aluno estar em contacto direto com a língua, o que vai mesmo determinar o aprendizado é o interesse, comprometimento e o esforço. Quero compartilhar minha experiência vivida há uns anos atrás. Eu morei na cidade de Córdoba Argentina por 10 anos, quando fui eu sabia falar muitas palavras que se usam no dia a dia, mas me deparei com problemas, eu entendia praticamente tudo, mas não conseguia expressar o que realmente queria transmitir. Yo hablava y ellos entendiam outra coisa, me dava muita bronca e passei vários micos rrsrrr. Naquele tempo eu fazia pinturas em tela e tinha uma encomenda. Precisava de uma paisagem de um por do sol com um casal de namorados, então vou até a papelaria, mas não disse pareja, (casal) troquei as silabas de lugar e foi muito engraçado, me pediu se era isso mesmo que eu queria, então me diz que fosse a casa e verificasse, me senti mal... porque pronunciei algo que não se diz em publico e por ter falado uma palavra que nada a ver com o que eu estava precisando. São palavras semelhantes, mas com significados totalmente diferentes, então devido a esse ocorrido decidi fazer um curso, e estando no país de habla hispânico facilitou muito minha aprendizagem, então posso afirmar que é de suma importância saber a gramática, suas variações, para ter uma boa dicção. Quando

vamos de passeio, é muito interessante notar como flui o espanhol, minha filha que é natural de lá, habla com fluência, é como acionar a um dispositivo, assim como afirma Chomsky sobre o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem (pág. 32 Est. Ling II).

by ALUNO - Monday, 7 June 2010, 09:40 PM

Acredito que somente morando num país nativo não ajuda, pois como nossa colega Tamires Terres citou, temos dois colegas que falam espanhol e moram aqui, e para eles a dificuldade de se aprender o português é 'enorme'.

Assim seria se invertessemos os papéis. Bom, se não houver dedicação e 'empenho' por parte do individuo não adianta morar aqui ou na Espanha. E é claro, se o individuo se dedicar e souber o espanhol fluentemente morar em um país nativo ajuda sim, mas num outro apredizado, como por exemplo: conhecendo novos lugares, crenças, 'gírias'.

by ALUNO - Tuesday, 22 June 2010, 05:01 PM

Não concordo, pois, nós somos capazes de aprender qualquer língua estrangeira em qualquer lugar à estrutura gramatical da língua não vem pelos ares se você não correr atrás para aprendê-la podemos conviver com nativos da língua, mas se não estiver em nós o interesse nada acontece ,temos que ter em nós a motivação e aproveitar o que a tecnologia oferece para a nossa boa aprendizagem.

by PROFESSORA - Friday, 16 July 2010, 09:23 AM

Querid@s alumn@s, Después de muchas contribuciones, para dar por finalizado el fórum sobre creencias y aprendizaje de lengua extranjera, me gustaría decir que coincido con lo que la gran mayoría de los alumnos piensa: Casi todos los alumnos opinaron que no es necesario vivir en un país donde se habla otra lengua para poder aprenderla fluentemente y estoy plenamente de acuerdo con eso. También, muchos alumnos manifestaron que los grandes motores del aprendizaje son el esfuerzo, la persistencia y la determinación de aprender la lengua extranjera, siempre intentando utilizar al máximo todos los recursos disponibles. Creo firmemente en eso!!! También, coincido con las opiniones de lo difícil que puede ser aprender lengua extranjera en el exterior en algunas situaciones, como las de aquellos alumnos que contaron historias sobre gente sin conocimiento formal de lengua extranjera y que durante su estada en el extranjero no consiguió aprender nada, ya que no conseguía comunicarse con los hablantes nativos. Por otro lado, como muchos alumnos opinan, creo que morar en

un país extranjero puede ser una experiencia altamente enriquecedora tanto lingüística como culturalmente, es decir, para aprender expresiones, modismos y palabras nuevas y para poder entender otras formas de vivir, pensar y sentir... Muchísimas gracias por compartir sus creencias con todos!!! PROFESSORA/DLLE/UFSC

by ALUNO - Sunday, 23 May 2010, 05:36 PM

Em relação a questão da possibilidade de aprender uma língua estrangeira não estando em seu país de origem, eu acredito que seja possível chegar a aprendizagem da mesma sim, desde que o indivíduo esteja disposto a unir teoria e prática, além de sua dedicação e persistência, pois, não basta apenas ser capaz de falar, é necessário ler, interpretar e interagir dentro desta cultura. Isto porque, podemos ampliar nossos conhecimentos em torno da LE, através da busca, da realização de estudos, cursos e outras maneiras tendo em vista as possibilidades oferecidas atualmente. Mas, também é preciso considerar o fato de que, se mantivermos contato com falantes (fluentes) da outra língua, isto irá auxiliar no processo de aprendizagem tornando-o mais fácil e rápido.

## ANEXO B – FÓRUM DE DISCUSSÃO 5

by TUTORA UFSC - Wednesday, 9 June 2010, 10:10 AM

Na unidade V tivemos a oportunidade de ver que há diferentes tipos de gramática, verdade? Mas o papel da gramática no ensino de LE sempre foi um tema bastante controverso. Então, baseado na sua experiência de aprendizagem de espanhol no EaD, conte para nós: o que você entende por gramática? Muito importante: neste momento queremos ouvir a sua voz, conhecer a sua definição e não a definição dada no material didático, nem fundamentada em nenhuma teoria. Após essa definição, por favor, explique de que forma a gramática tem sido um fator positivo e/ou negativo na sua aprendizagem nesse curso. Preparados para esse desafio? Então, solte o verbo (transitivo, ou intransitivo??!!)!!!

by ALUNO - Wednesday, 9 June 2010, 11:38 AM

Eu acredito muito no ensino da gramática como suporte para a compreensão de uma língua estrangeira. E no geral vejo que as pessoas que mais criticam o seu uso são aquelas que menos a conhecem, creio que é o medo do desconhecido... Você pode conseguir se comunicar em Espanhol apenas com os conhecimentos empíricos da gramática, mas para dominar esta língua (e qualquer outra) é fundamental conhecê-la em sua estrutura, com o domínio da sua fonética, morfologia e sintaxe. Claro que ela não é tudo, mas é muito mais mocinha do que vilã.

by ALUNO - Wednesday, 9 June 2010, 07:43 PM

Eu acredito que o uso da gramática na LE é necessário sim, porém o mais importante diz respeito a forma como o professor trabalha gramática nas suas aulas. Se memorizar regras gramaticais fosse garantia de conhecimento amplo de uma determinada língua, todos nós seríamos excelentes escritores, bem como não teríamos dificuldades em nos expressarmos oralmente. Afinal, a grande maioria, estudou pelo método da gramática. No entanto sabemos que a prática é um tanto diferente da teoria. Eu defendo a ideia de que a escola precisa trabalhar gramática, mas deve-se tomar cuidado para que ela esteja inserida no contexto de aprendizagem e que a mesma faça sentido para os alunos, caso contrário não há razão para fazê-la. Resumindo, devemos saber "dosar" o que e como ensinar nas nossas aulas, mas nunca esquecermos que os alunos precisam sentir-se parte integrante e efetiva do processo de conhecimento.

by SALUNO - Wednesday, 9 June 2010, 10:12 PM

Gramática para mim são as regras, a parte escrita que todos devem ter conhecimento da LE.

A gramática é sempre essencial em qualquer ensino que se tenha. Acredito que aprender gramática sempre será um ponto positivo para a aprendizagem seja de uma língua estrangeira ou não. Na questão do uso dela na aprendizagem desse curso, para mim é um ponto muito positivo sem dúvidas, pois apesar de para nós alunos ser bastante importante a parte oral, a gramática só vem complementando e aumentando nosso vocabulário. Através da gramática é que aprendemos a escrever corretamente, aprendemos regras, assuntos que são necessários para um professor. Então acredito que a gramática seja para nós importante e fundamental para se ter um aprendizado mais completo, e pelo menos assim podemos aplicar essas regras quando estivermos em sala de aula.

By ALUNO - Wednesday, 9 June 2010, 11:38 PM

Eu entendo a gramática como sendo um conjunto de regras, e que através delas a gente possa se aperfeiçoar e escrever melhor e a partir daí também aprender a falar melhor uma LE. Mas, o ensino da gramática, no meu entender só poderá ser proveitoso, se o professor tiver um método pedagógico adequado e significativo para os alunos, pois se não for assim, com certeza não haverá aprendizado. Nesse curso, a gramática está sendo para mim um ponto positivo, pois a cada dia meu vocabulário aumenta mais e aos poucos vou construindo novos conceitos gramaticais, que com certeza estão me ajudando muito também na oralidade. Penso que conhecer a gramática em sua estrutura só contribui para a aprendizagem escrita e também oral e nesse sentido podemos dizer que as duas estão interligadas, se completam.

by ALUNO - Thursday, 10 June 2010, 06:44 PM

Em relação à este assunto, me atrevo a mudar esta dada 'comparação'. Eu diria que se trataria de unirmos o útil ao agradável, a teoria e a prática, onde a gramática se encaixaria no quesito teoria, as regras, as normas, importantes sim para que obtenhamos uma carga de conhecimento completa, variada e capaz de ser comprovada. Mas, pra ser sincera, não acredito que algum professor que não saiba ao menos a gramática da nossa língua materna, o português, consiga aprender a gramática na língua estrangeira.

E mais, tudo depende de como tal gramática é apresentada em sala de aula. Se é feita de forma massante, colocada como se fosse um 'bicho de sete cabeças', aí sim ela torna-se vilã, os alunos passarão a odiá-la e não

mais terão gosto em aprendê-la. Cabe a nós, futuros ou já 'presentes' professores, identificar esse meio termo, criar formas de a gramática aparecer espontaneamente, e não assustadoramente.

by ALUNO - Saturday, 12 June 2010, 01:16 PM

Em meu modo de ver a gramática é a estrutura das línguas, composta por artigos, verbos, pronomes, substantivos, adjetivos....que precisamos aprender para poder utilizar essa língua corretamente.

Como em nosso curso, o espanhol, estamos aprendendo as formas, a estrutura da língua para podermos escrever melhor, se comunicar de forma certa( certa seria da falar a palavra certa, porque na comunicação o que vale é o entendimento), e muito tem contribuído para escrever um texto corretamente.

By ALUNO - Sunday, 13 June 2010, 08:45 PM

O ensino de línguas por muito tempo seguiu sempre embasado no ensino de gramática e tradução. Hoje depois de muita procura por métodos adequados de se trabalhar línguas, percebe-se que as pessoas estão mais flexíveis e conseguem perceber que não há uma fórmula mágica, mas um conjunto de elementos que ajudam na constituição e internalização de uma segunda língua. Por isso não considero a gramática nem mocinha, nem vilã, mas um elemento fundamental dentro de uma língua, é claro, eu penso que ela não deva ser trabalhada de forma solta, mas no contexto e de acordo com a necessidade, dando significação dentro da situacionalidade. Porque todos poderemos estar em uma situação formal onde há a necessidade da escrita. E querendo ou não, nessas circunstâncias é preciso dominar a gramática.

by ALUNO - Monday, 14 June 2010, 10:37 AM

Gramática são as regras, a normatização da escrita. Trata-se do estudo da estrutura da língua. Ou seja, facilmente aprendemos O QUE escrever/falar, a gramática nos diz COMO fazê-lo. Acredito que a gramática precisa ser estudada. O que ocorre é que nas aulas mais tradicionais ela era (ou ainda é?) praticamente o único aspecto a ser trabalhado. Ela era ensinada de forma solta e descontextualizada. Não fazia sentido. Normalmente se decorava as regras, mas não se sabia usá-las. Neste contexto ela era uma “vilã”. Penso que se ela for ensinada de forma agradável, em conjunto com outras ações, como a leitura, interpretação, a conversação, uma música, um teatro, uma declamação, um jogo, etc., ela se torna uma “mocinha” e contribui para que a aprendizagem seja completa. Isto é, a gramática, sozinha, não serve.

Temos que inseri-la o contexto da aprendizagem, ela tem que servir como suporte para uma fala/escrita “correta”, ou seja, normatizada. No nosso curso, o estudo da gramática é fundamental, pois como futuros professores, temos que conhecer as regras, todos os “PORQUÊS” destas regras, de outra forma não teremos a segurança necessária para partilharmos o conhecimento com nossos alunos.

by ALUNO - Monday, 14 June 2010, 07:49 PM Boa noite. No meu entendimento, gramática é um campo de estudo que teoriza sobre a linguagem humana, ela especifica e nomeia os elementos que fazem parte da língua e estuda quais são as relações que existem entre palavras e frases, por exemplo. Para mim o estudo da gramática foi positivo, pois me ajuda a compreender algumas coisas do espanhol e sua estrutura, e também creio que, para quem pretende dar aulas, ela é uma base e um suporte com relação à língua, mas acho que o que deve ser bastante pensado é a maneira de apresentá-la ao aluno. Aqui, no nosso curso de espanhol, a maneira como estudamos os aspectos gramaticais com o professor Carmolinga não foi de maneira tradicional a través de definições e regras, mas trabalhamos com outros tipos de atividades criativas.

by ALUNO - Monday, 14 June 2010, 11:20 PM Entendo que a Gramática é uma área que estuda toda a estrutura da língua, por ela nós adquirimos regras para domar a nossa linguagem, tanto materna como estrangeira. Ela tem sido um fator positivo no meu aprendizado, aprendi que falar uma língua estrangeira não é de qualquer maneira, tenho que conhecer a sua própria estrutura gramatical, assim poderei expressar as minhas emoções em lugares diferentes sem passar vergonha. Acredito que a gramática em uma sala de aula de língua estrangeira ela é mocinha desde que o professor saiba aplicar a metodologia correta.

by TUTORA UFSC - Tuesday, 15 June 2010, 11:22 AM Olá, querido@alun@s! Muito boas as contribuições! Vejo que a maioria teve um ensino tradicional de gramática, certo? E no EaD, como vocês percebem o ensino de gramática? Abraços!

by ALUNO - Tuesday, 15 June 2010, 04:45 P A gramática é um conjunto de normas estabelecidas que regimenta determinadas

características na língua escrita. Assim, a organização existente por meio gramática permite que todos se comuniquem fazendo-se compreender. Se não houver a gramática não haverá ordem porque todos poderiam inventar um jeito diferente de acentuação, por exemplo. Outra situação que ocorre e que podemos fazer uso para observar e analisar a importância de se conhecer a gramática, seria o que acontece na língua alemã, quando falamos o número trinta e três devemos posicionar diferentemente a ordem dos números quando falado ou escrito, a unidade vem antes da dezena, *drei und dreissig*. Em se tratando da língua espanhola, por exemplo, o número 120 é escrito *ciento veinte* e em português é escrito por extenso como *cento e vinte*. São regras simples e que em cada língua estudada ou aprendida devem ser conhecidos. Portanto, entendo que o aprendiz de uma L2 deve ter noção ou conhecer as regras gramaticais a fim de não “fossilizar” erros desnecessários. Dessa forma, o professor deve conhecer a gramática para então mediar em algumas situações de modo implícito, significativo e/ou dinâmico os aspectos a ela relacionados, quando necessário. Percebo que o conhecimento da gramática nesse curso é fator positivo tanto para orientar aqueles que futuramente a mim vierem para sanar dúvidas quanto para meu progresso e reflexão na A-ASL.

by AUNO - Wednesday, 16 June 2010, 02:07 PM

Acredito sim que a gramática é muito importante na aprendizagem da L2 porque é através dela que adquirimos conhecimento para falar corretamente e também porque cada língua apresenta suas próprias regras gramaticais. Então se vamos aprender uma LE porque não aprendermos sua gramática também? afinal ela só enriquecerá nossa fala.

by ALUNO - Wednesday, 16 June 2010, 09:52 PM

No meu ponto de vista Gramática nada mais é que um conjunto de regras, que é utilizado em determinada língua, a qual tem por objetivo ajudar a melhorar a escrita. Creio que é de suma importância aprendermos a gramática neste curso, pois cabe a nós envende-lâ e transmiti-lâ a nossos alunos (ou futuros) de maneira clara e objetiva, para que os mesmos possam compreende-lâ.

by ALUNO - Friday, 18 June 2010, 12:45 AM A gramática é um conjunto de regras que nos trazem definições para as especificidades de

determinado idioma. Acredito até que seja possível aprender um idioma sem focar demasiadamente a gramática. Entretanto, se é através da gramática que encontramos respostas para as particularidades da escrita de uma língua, não se pode deixar de reconhecer sua importância.

by ALUNO - Monday, 21 June 2010, 09:27 AM

Hola. Precisamos ter em mente que a gramática é algo imprescindível, seja na L1 ou L2, pois mesmo sem que nos demos conta usamos desde que começamos a falar a gramática. Para que esta venha a ser utilizada de forma correta o aluno ao entrar na idade escolar passa a ter contato digamos que com as regras. Isso não quer dizer que o professor tenha que usar do ensino tradicional para aplicar estes conhecimentos. Toda criança já tem o conhecimento básico da gramática e por isso o professor terá que usar de criatividade e também do ensino tradicional para que o mesmo possa adquirir a gramática de uma forma democrática e sem prejuízo a sua educação. Com isso fazer uma formação correta para que no futuro não venha a ter problemas como o seu idioma ou então com o segundo idioma que este apto a falar.

by ALUNO - Wednesday, 23 June 2010, 10:19 PM Na minha opinião, a gramática é fundamental para compreendermos perfeitamente a língua que falamos, pois, apresenta as regras de uso da língua em todos os momentos, seja na língua falada ou na escrita. Muitas vezes o aprendizado da gramática se torna algo chato e aparentemente sem valor, mas isso só acontece quando ela é ensinada de forma descontextualizada, como no ensino tradicional. Para nós que seremos futuros professores, o estudo da gramática é imprescindível. Como vamos ensinar algo que não conhecemos? No ensino em EaD ela também se torna fundamental, pois, precisamos aprender as regras da língua de uma forma mais autônoma e não temos muito contato com os professores para interagir melhor na fala ou na escrita. Assim, o contato que tivemos com a gramática, até agora, foi muito importante para nosso aprendizado e compreensão da Língua Espanhola.

by ALUNO - Thursday, 24 June 2010, 08:43 PM

Mesmo considerada por muitos desnecessária e por outros primordial, a meu ver a gramática exerce um papel fundamental sim, mas não único no desenvolvimento do aluno, acredito que ela (a

gramática) deva aliar-se a outros meios para facilitar a fixação de suas regras por parte do estudante. A meu ver o que faz com que os alunos tenham medo da gramática é o modo “decoreba” que ela nos foi (e em alguns casos ainda é) apresentada durante tanto tempo. Este mito “criado” de que quem não decorasse gramática, não saberia gramática distorce o foco do estudante. Se o estudante descobre a gramática como algo que já está dentro dos textinhos que ele mesmo produz desde as séries iniciais, e que cabe a ela toda a linearidade do texto, certamente ela não será um bicho de sete cabeças. Mas se o professor chega impondo uma gigantesca lista de regras confusas a aceitação não será a mesma.

by ALUNO - Saturday, 26 June 2010, 07:49 PM

Para mim a gramática é fundamental na formação das palavras, no contexto em que estamos inseridos, na língua em que estamos aprendendo. Na prática é fundamental, o que deve se ter cuidado é como ensinar a gramática, de que maneira vou fazer isto, podemos ensinar de uma maneira lúdica através de diferentes metodologias para não se tornando assim o aprendizado mais prazeroso. No curso está sendo positivo pois, necesito saber de onde vem cada palavra ou sua formação, e só através da gramática isto será possível.

by ALUNO - Monday, 28 June 2010, 03:07 PM

Acredito que o ensino da gramática tem um papel importante no ensino aprendizagem de LE, porém ela deve ser trabalhada sempre de forma contextualizada para ser significativa, auxiliar de fato o processo de aquisição da nova língua. Na minha concepção gramática são as normas e regras de uso correto de uma língua nos diferentes contextos comunicativos. Nesse curso, o estudo da gramática tem sido fundamental para podermos realizar as atividades, especialmente as de produção de texto, porque por exemplo, as formas verbais corretas só são possíveis de serem utilizadas se tivermos o conhecimento das normas gramaticais que regulamentam seu uso, por mais que no momento da produção não estejamos pensando na gramática por si só, e sim na ideia que estamos tentando expressar.

by ALUNO- Wednesday, 30 June 2010, 10:50 AM



descontextualizada e sem atender as necessidades dos alunos. E a gramática pode ser vista, contrariamente, como mocinha quando ela faz sentido, sendo trabalhada para suprir as necessidades dos alunos para compreender ou produzir (de forma oral ou escrita) em LE.- Para muitos alunos existe uma grande relação entre o conhecimento da gramática de língua materna e a gramática da língua estrangeira, até alguns alunos apontam que não pode se conhecer a gramática da LE se não se conhece a gramática da primeira língua. Através desta síntese, estamos fechando o fórum, acreditando que na busca do conhecimento nunca fechamos as questões, e continuamos sempre construindo verdades transitórias...Até a próxima, Equipe pedagógica de Linguística Aplicada I.



## ANEXO C

### Desencadeando interação através do fórum

Querid@s alun@s,



Com a evolução do uso das tecnologias de informação e comunicação (doravante TIC's) há a possibilidade de incrementar a interação nos ambientes virtuais.

Ainda que a Educação a Distância (doravante EaD) de terceira geração traga o potencial e a base tecnológica para promover a formação crítica, as TIC's não têm sido usadas com esse propósito. É importante ainda ressaltar

que a ferramenta por si só não garante que processos de aprendizagem, de construção de conhecimento e de interação entre os participantes sejam desencadeados. Daí a importância do professor - que é responsável por selecionar temas e dinâmicas para serem discutidos, e orientar os alunos a como fazer uso dessas ferramentas, e dos alunos - que devem embarcar nas discussões para o seu desenvolvimento pessoal e profissional. Nosso intuito, nesse momento, é reforçar algumas informações sobre o fórum - ferramenta assíncrona muito utilizada na EaD. Então vamos lá!!!

O fórum é tido como ferramenta assíncrona, porque não promove a simultaneidade na comunicação/ interação. Isso não significa, contudo, que essa ferramenta não tenha o potencial de promover a comunicação e a interação entre os participantes. O texto escrito (a ser) postado será o mediador desse processo.

Como característica, o fórum permite que o participante tenha tempo para planejar e revisar o conteúdo do texto (a ser) postado. Dessa forma o participante/aluno/professor/tutor tem o 'planejamento' como aliado.

Ainda, dependendo do tema, espera-se que escolhas linguísticas durante a elaboração do texto privilegiem o tom acadêmico.

Uma vez selecionado o tema, para que processos de interação sejam engatilhados, é interessante que os participantes leiam as postagens feitas, e na medida do possível, façam menção a elas, referindo-se a questões que lhes chamaram a atenção, ou fazendo um contraponto com alguma questão levantada/discutida.

Enfim, espera-se que o fórum não seja simplesmente um ‘agregado de postagens’ desconexo entre si, mas sim que o diálogo se estabeleça entre os participantes mediados pelos seus textos.

O fórum também pode (e deve) visar à interação na esfera pessoal, e levando em consideração o potencial da ferramenta em si, nessa ferramenta a presença social pode ser fraca, ou seja, podemos simplesmente postar opiniões sem, no entanto, construir um vínculo afetivo com os participantes com que estamos estabelecendo a comunicação.

Se quisermos, portanto, promover espaço de socialização, é interessante que os participantes façam uso de ícones (símbolos que denotem alegria, carinhas felizes, carinhas tristes, entre outros), ou outras formas de expressão que possibilitem uma comunicação ‘socio-emocional’ (palavras carinhosas de saudação e despedida, comentários bem humorados acerca da participação – ‘adorei seu comentário’, por exemplo).

Bem menin@s, vamos ter em mente essas recomendações.

E que sigamos dividindo percepções e saberes!!!

Saudações ;)

Equipe pedagógica

**Linguística Aplicada I**